

Rildson Alves dos Santos Grunow

**PELAS TRILHAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE:
COLONIZAÇÃO EUROPÉIA EM BELA VISTA DO SUL,
TERRA CONTESTADA.
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E O
ENSINO DE HISTÓRIA.**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Ensino de História
da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Ensino de História
Orientador: Prof. Dr. Elison Antonio
Paim

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Grunow, Rildson Alves dos Santos.
Pelas trilhas do planalto norte catarinense :
Colonização europeia em bela vista do sul, terra
contestada. Diálogos entre história oral, memória e o
ensino de história. / Rildson Alves dos Santos
Grunow Grunow ; orientador, Elison Antonio Paim
Paim, 2017.
152 p.

Dissertação (mestrado profissional) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Ensino de História, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Ensino de História. 3.
Profhistória. 4. Planalto Norte Catarinense. 5.
Contestado. I. Paim, Elison Antonio Paim. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Ensino de História. III. Título.

Rildson Alves dos Santos Grunow

**PELAS TRILHAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE:
COLONIZAÇÃO EUROPÉIA EM BELA VISTA DO SUL,
TERRA CONTESTADA.
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E O
ENSINO DE HISTÓRIA.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de
“Mestre em Ensino de História” e aprovada em sua forma final pelo
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História

Florianópolis, 14 de dezembro de 2017.

Prof^a Dr^a Mônica Martins da Silva
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Mônica Martins da Silva, Dr^a
Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Nilton Mullet Pereira, Dr.
Examinador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Carlos Eduardo dos Reis, Dr.
Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Clarícia Otto, Dr.^a
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à destemida companheira Eliana dos Santos Grunow.

Aos sertanejos do Contestado e aos seus remanescentes, ainda aliados do “progresso”, pelo qual tanto sangue se derramou e em nome do qual tudo se “justificou”.

Agradeço profundamente ao meu orientador Prof. Dr. Elison Antonio Paim e à minha Coordenadora Prof.^a Dr.^a. Mônica Martins da Silva, sua sensibilidade e humanidade merecem toda reverência.

Agradeço ao Profhistória, à UFSC, à UERJ, à UDESC, à CAPES.

Aos componentes da banca, Profs. Drs. Nilton Mullet Pereira, Carlos Eduardo dos Reis, Monica Martins da Silva e Clarícia Otto.

Aos professores do programa de mestrado profissional em Ensino de História.

Ao inestimável professor Paulo Pinheiro Machado o qual dispensa apresentações.

Aos meus colegas de curso, e, especialmente a todos os funcionários e servidores dessas instituições.

Aos estudantes que abraçaram a proposta desse trabalho, bem como a todos os entrevistados e colaboradores, com destaque para Anamaria Colaço, Ana Carolina Colaço, Henrique G. Rosa, os quais,

sempre com boa vontade, contribuíram enormemente para a realização da pesquisa.

A Karl Marx, Friedrich Engels, Ernesto Guevara, Ariano Suassuna, Diomedes Chinaski e Eduardo Taddeu.

Aos amigos Oscar Javier Castro, a Marcos Manoel de Santana, Anisia Andrès Rodrigues, Dr. Eduardo Alves Guilherme, Dra. Raissa dos Santos Monteiro, sobrinha querida, recém-formada em Medicina.

Minhas recordações carregadas de saudades ao meu avô Silvano Francisco dos Santos (vítima dos militares de 1964), às minhas avós amadas, Rita Correia de Queiroz Albuquerque e Mathildes Gomes Nascimento do Monte, esta, neta de Amélia Gomes Levi do Monte, mais uma sefardita que prosperou no Nordeste brasileiro.

E assim seguimos todos, sobrevivendo, para lutar por mais um dia a cada dia.

Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão e seu salário. E agora não contentes querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento, que só à humanidade pertencem (Bertold Brecht).

Lócus horrendus - Um dia a catástrofe... Outra estrofe fúnebre. Inerte retina cega, um transe. Natureza desesperada. Bucólico senso agonizante. Estéril tempo... É tempo de morte e de ironia, tempo de covardia e vergonha. Já não há tempo. Pois reina o desolado, em lágrimas que evaporam anunciando a grande conquista de um tempo: o fracasso (R. A. S. G.).

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar o trabalho desenvolvido junto aos estudantes dos 2º anos I e II do Ensino Médio da EEB Hercílio Buch em Bela Vista do Sul, Mafra-SC, dando enfoque específico às categorias memória e história local, explorando-as dentro de uma oralidade relacionada à imigração europeia na região, procurando contribuir para o aperfeiçoamento do ensino de história e para uma percepção crítica do processo histórico envolvendo aquela localidade, tendo como viés o traço das várias identidades ali convergentes, as quais estão sempre se remodelando conforme as tensões socioculturais também se alteram. Discutir o processo de constante remodelagem identitária, pelo viés da memória, pode ser uma alternativa a mais de abordagem dos temas relevantes para essa região cercada por simbologias das mais profundas para se refletir ressignificações. Assim, propõe-se uma operação que visa pensar criticamente a história da região. Nesse sentido, trata-se de um repensar a história e o patrimônio do lugar, por parte dos estudantes. Do mesmo modo, significa permitir aos mesmos o conhecimento sobre a região e seus vínculos identitários.

Palavras-chave: Ensino de História; Profhistória; Planalto Norte Catarinense; Colonização Europeia; Contestado; Memória e Identidades

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to work together with the students of 2nd grade I and II of EEB Hercílio Buch in Bela Vista do Sul, Mafra-SC, focusing specifically on the categories such as memory and local history, exploring them within a related orality to european immigration in the region, seeking to contribute to the improvement of the teaching of history and to a critical perception of the historical process involving that locality, taking as a bias the trait of the various identities there converging, which are always remodeling according to the socio-cultural tensions also changing. Discussing the process of constant identity remodeling, through memory bias, can be an alternative to approaching the themes relevant to this region surrounded by the deepest symbologies to reflect resignification. Thus, an operation is proposed that intends to think critically the history of the region. In this sense, it is a rethinking of the history and heritage of the place, by the students. In the same way, it means to allow them the knowledge of the region and its identity bonds.

Keywords: Teaching History; Profhistória; Catarinense North Plateau; European colonization; Contestado; Memory and Identities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista panorâmica de Bela Vista do Sul com detalhe da EEB Hercílio Buch	21
Figura 2 - Localização da região do Planalto Norte Catarinense	22
Figura 3 - Batalhão civil sob o comando do Cel. Blay Netto.....	23
Figura 4 - Algumas rotas abertas por tropeiros	43
Figura 5 - Território onde ocorreu a Guerra do Contestado	49
Figura 6 - O senso comum assimilou a visão pejorativa sobre o sertanejo identificando-o como fanático	55
Figura 7 - Funcionários e seguranças da Lumber ao estilo “velho oeste” em 1912.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 8 - Bela Vista, marcada aqui como Cedro	66
Nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada. Figura 10 - D. Iracema Peters Toso, 94 anos, natural da Bela Vista	88
Figura 11 - D. Laurinda Santos, 77 anos. Bela Vista	89
Figura 12 - Serraria da família alemã Rank em 1012.....	91
Figura 13 - Imagem tirada em 1912 em Contagem Rank, Augusta Vitória-SC.....	92
Figura 14 - A título de comparação: vista parcial da serraria da Lumber em Três Barras-SC, a maior da América do Sul	92
Figura 15 - Familiares de alunos e os eventos da guerra: os Pauli	95
Figura 16 - Correio do Norte. Dez. de 2012. Centenário da Guerra do Contestado.....	96
Figura 17 - Ananias Padilha Nogueira	115

Figura 18 - Livro familiar A família Wibbelt	118
Figura 19 - Max Wibbelt e Bernarnide Rieping no livro familiar A família Wibbelt na Alemanha e no Brasil	119
Figura 20 - Detalhe do livro familiar A família Wibbelt na Alemanha e no Brasil.....	120
Figura 21 - Andreas Schafaczek e Theresia Reindl, os primeiros no Brasil, 1888	122
Figura 22 - Casal sentado na primeira fileira ao centro	123
Figura 23 - Rosalia Hellinger.....	124
Figura 24 - Registro mais antigo da família, 1797	124
Figura 25 - Santo Santinho dos Santos	127

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA DO CONTESTADO	33
3. HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL: DISTRITO DE BELA VISTA DO SUL & E. E. B. HERCÍLIO BUCH.....	61
3.1. HISTÓRIA LOCAL.....	61
3.2. HISTÓRIA REGIONAL.....	63
3.3. HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE BELA VISTA DO SUL A PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA ESCOLA	65
3.1. HISTÓRICO DA ESCOLA	68
3.1. A ESCOLA	71
4. MEMÓRIAS ANTIGAS E DOS ANTIGOS CONTADAS POR ESTUDANTES.....	72
4.1. PLANEJAMENTO SUGERIDO	98
4.2. RECURSOS COMPLEMENTARES.....	107
4.3. PERSPECTIVA DE ANÁLISE	108
4.4. REFERÊNCIAS DO PLANO DE AULAS	109
4.5. RELATOS DOS ESTUDANTES	111
4.5.1. Relato 1.....	112
4.5.2. Relato 2.....	115
4.5.3. Relato 3.....	116
4.5.4. Relato 4.....	118
4.5.5. Relato 5.....	121
4.5.6. Relato 6.....	125
4.5.7. Relato 7.....	128

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICE A	143
ANEXO A	145

1 INTRODUÇÃO

O Planalto Norte Catarinense apresenta-se como uma região cujos processos históricos se deram de maneira dinâmica e multifacetada. Têm-se aí eventos significativos para a história de Santa Catarina em especial, e do Brasil, se olharmos mais amplamente. Basta dizer que a atividade tropeira, que teve início a partir do século XVIII e se estendeu até meados do século XX, possibilitou o surgimento e crescimento de arraiais e vilas desde os campos sul rio-grandenses até às minas de ouro de Vila Rica e Mariana em Minas Gerais; passando pela Questão do Contestado, conflito territorial entre Paraná e Santa Catarina (1854 a 1923, quando o relatório final dos trabalhos desenvolvidos pela comissão de limites PR-SC conclui definitivamente a controvérsia), e pela Guerra de mesmo nome já no século XX (1912 a 1916), constituem temas marcantes para se compreender a conquista, colonização e desenvolvimento da região Sul.

Essa colonização e desenvolvimento do território do Planalto Norte Catarinense, segundo Maria Luiza Milani (2013, p. 126), dizem respeito a uma “realidade que tem sua cultura formada pelos sujeitos que se instalaram nessa área, provenientes de diferentes destinos e movidos por diferentes interesses”. Além disso, a formação do tipo humano dessa região se deu de forma a envolver, não da mesma maneira, porém, sem preservarem-se do contato, os vários grupos humanos levados a coexistir em meio a calmarias e fortes conflitos, o que deixou no homem planaltino sua marca indelével, conforme afirma a autora:

Suas representações são de uma sociedade industrial, da colonização, da urbanização, das forças dos mercados consumidores. Nessa perspectiva, tem-se como hipótese que, na identidade cultural possível do Planalto Norte Catarinense, se preservou o uso dos recursos naturais da terra, da caça e pesca, exploração da madeira e da erva-mate. Há crenças, os rituais carregam fortes traços místicos, mas esqueceu do espírito contestatário que estimulou um conflito pelos direitos à terra dos trabalhadores (MILANI, 2013, p.130).

Dessa forma, é possível notar no tipo planaltino em geral a pouca deferência por aquilo que não seja da sua expertise. Não que sejam apáticos ou desiludidos; antes, parecem se preservar para a dura lida a que estão quase todos submetidos, segundo os relatos dos estudantes em questão, pois atestam uma jornada de trabalho extenuante nas lavouras de fumo juntamente com seus familiares. Os descendentes dos indígenas, negros, caboclos e imigrantes parecem cumprir sua lida considerando muito pouco os acontecimentos ali passados, de forma que deva ser pertinente suscitar questionamentos sobre a história dos antepassados, os quais se viram envolvidos em conflitos locais que tiveram origem nos gabinetes governamentais em associação aos grandes capitalistas, concatenados com os ventos do progresso nos moldes ainda de uma espécie de extensão da Segunda Revolução Industrial.¹

¹ No que se refere ao progresso técnico, a passagem ao Capitalismo Monopolista está ligada ao desenvolvimento de uma nova matriz tecnológica, da qual fazem parte o motor a combustão interna movido a petróleo, a metalurgia do ferro e do aço e todas as inovações que irão se desdobrando ao longo do século XX, garantindo a expansão territorial e setorial do sistema. Marx dá uma relevância fundamental, nesse processo, que analisa na sua origem, ao momento da “produção de máquinas por meio de máquinas”. A ideia é que o elemento central da Revolução Industrial original, a passagem da subsunção formal à real do trabalho no capital, realizada pela máquina-ferramenta, que desqualifica e

Este trabalho também pretende dialogar com o patrimônio histórico-cultural da região de Bela Vista do Sul, Mafra (SC), de acordo com Carmem Gil e Elison Paim, que desenvolvem a questão do patrimônio, e no caso presente, imaterial, uma vez que se transitará mais pelo campo da subjetividade, de onde se extrai tais manifestações – cujos limites territoriais e históricos são compartilhados com Três Barras, Porto União, Major Vieira, Bela Vista do Toldo, Papanduva, Monte Castelo e Itaiópolis, promovendo uma compreensão do que foi sendo construído referente à identidade ou diferenças culturais do jovem inserido nas comunidades rurais dessa localidade, em especial dos estudantes da Escola Estadual de Educação Básica Hercílio Buch, matriculados no 2º ano I e II do ensino médio em 2017, visando possibilitar a construção de um olhar crítico e abrangente em relação aos desdobramentos históricos daquela região. A escolha dessas turmas específicas se deu por uma questão puramente estratégica, a saber: o fato de estudantes e professor já terem estabelecido contato em relação a informações de cunho familiar, através de conselhos de classe, reuniões de pais e professores e conversas com os próprios estudantes, desde o decurso do primeiro ano.

Assim sendo, pensou-se que no segundo ano do ensino médio o estudante já se encontrasse preparado para problematizar as informações trabalhadas e relacioná-las à sua percepção como indivíduo. Além disso, é notório o pouco espaço que se tem nos livros didáticos, sobretudo os de

substitui o trabalhador especializado do período manufatureiro, não se havia completado até o momento em que as próprias máquinas fossem produzidas industrialmente e não pela manufatura ou o artesanato.

A esta passagem, que potencializa brutalmente a expansão do capitalismo, permitindo a construção de máquinas “ciclópicas” e das ferrovias que vão cortar o planeta, levando aquele modo de produção a todos os recantos, podemos chamar de Segunda Revolução Industrial (BOLAÑO, 2000).

segundo e terceiro anos do Ensino Médio, dedicado ao Contestado,² o que levou o grupo a se dedicar, por algumas etapas do trabalho, à pesquisa sobre o tema em outras fontes, internet, títulos específicos, entrevista com familiares remanescentes, etc. Ficou reconhecido também que os estudantes do segundo ano do Ensino Médio estariam em melhor situação para a realização deste trabalho já que, além destes já terem se iniciado durante fases do primeiro ano, os atuais segundo-anistas ainda teriam pela frente mais um ano de escola (3º ano) para observarmos o resultado desses debates no seu dia-a-dia escolar. O trabalho visa a elaboração de um projeto de ensino de história local que satisfaça às expectativas do ProfHistória, e, ao mesmo tempo, forneça um lume propositivo capaz de contemplar o Ensino de História, com estudantes da EEB Hercílio Buch, buscando identificar a influência dos processos históricos específicos da região (tropeirismo, contestado e colonização) sobre suas experiências, contando como forma de apresentação do resultado do trabalho, se desenvolverá um apêndice à essa dissertação com os relatos de memória colhidos junto aos familiares e antigos membros de Bela Vista.

Referente ao que se entende e aceita aqui como patrimônio cultural, considera-se o conjunto dos bens produzidos por uma sociedade que tenha relação com épocas, costumes, significados e que deixe para a posteridade não apenas a ideia de continuidade e pertencimento, mas, sobretudo, o entendimento do que é considerado patrimônio como algo advindo de um reconhecimento do coletivo, o que não deve ser,

² A Coleção **Por dentro da História**, das Edições Escala Educacional, 1ª ed; SP, 2010, p. 200, só dedica meia página ao assunto no 2º ano. A Coleção **História em Curso**. Editora do Brasil, 3ª ed; SP, 2016, sequer menciona o ocorrido. Já a Coleção **História, Sociedade e Cidadania**, Editora FDT, 2ª ed: SP, 2006, pp. 63 e 64, apresenta a questão também de maneira sucinta no 3º ano. Os exemplos dessa lacuna se sucedem em boa parte dos livros didáticos conferidos.

necessariamente, algo consensual, e nem sempre remeta a pertencimento ou tenha que ser deixado para a posteridade. Esses bens que podem ser materiais e imateriais, os quais, em consonância com os grupos sociais, os conferem salvaguarda visando sua preservação. Quanto à prática pedagógica, adotou-se o caminho mais usual, ou seja, a explanação e o debate acerca das relações que se formaram e se formam no entorno do estudante dentro do espectro abrangido pelo presente trabalho. Os detalhes pertinentes serão dados no capítulo 3.



Figura 1: visão geral de Bela Vista do Sul e da EEB Hercílio Buch.

Google Maps.

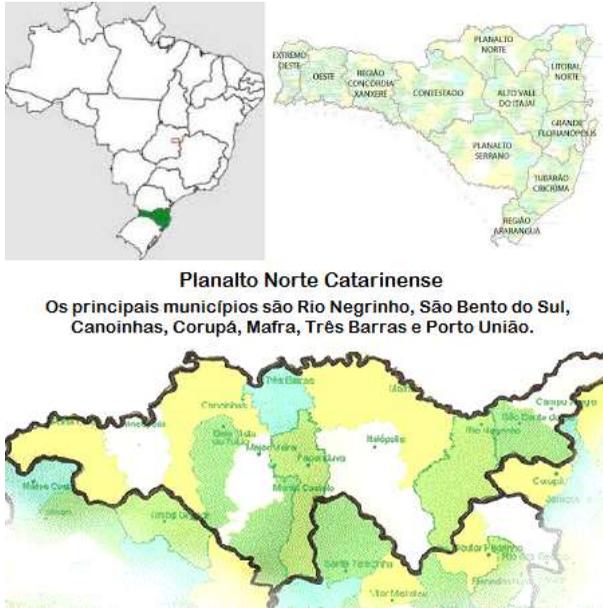


Figura 2: Localização da região do Planalto Norte.
Montagem a partir do Google Maps.

A escola está localizada em Bela Vista do Sul, um bairro afastado que abriga comunidades rurais. Pertencente ao município de Mafra (SC), a região é cortada pela antiga Rota de Viamão³ num trecho em que ocorreram eventos da Guerra do Contestado — ou como afirmam alguns autores, *a Guerra no Contestado*, pelo fato de o conflito não ser visto como uma guerra entre os estados do Paraná e Santa Catarina em disputa pela região litigiosa (MACHADO, 2004, p. 35) e sim como o resultado de políticas desastrosas do Governo Federal em associação com o capital

³ Por onde passavam os tropeiros rumo a Sorocaba (SP) a partir do início do século XVIII até aproximadamente meados do século XX. Sobre este tema, ver: MOREIRA, Sandro. **O legado da cultura tropeira**. Blumenau-SC: Nova Letra, 2010.

mundial interessado nas terras ocupadas pelos sertanejos — talvez historicamente a questão mais emblemática para o Estado de Santa Catarina.



Figura 3: Batalhão civil sob o comando do Cel. Blay Netto.

Bela Vista, novembro de 1914 no Contestado.

A imagem nos dá uma ideia da dimensão do conflito na localidade. Imagem do notório sueco Claro Jansson, considerado o fotógrafo do Contestado.

Além disso, a partir da segunda metade do século XIX, a imigração de povos europeus (alemães, italianos, poloneses, ucranianos e outros) e em menor número a de grupos do médio oriente (judeus, turcos, libaneses) foi sendo fomentada por políticas de estado que visavam tanto um novo povoamento⁴ daqueles sertões catarinenses, quanto ao

⁴ Segundo Marlon Brandt e José Campos na visão leiga do passado, e mesmo integrada a boa parte da historiografia tradicional, há a ideia muito comum de que aquelas populações viviam isoladas, tanto uns dos outros quanto do mundo. Na verdade, estas se constituíam em uma população integrada à vizinhança, mesmo que em escalas diferentes, num tipo de povoamento disperso, cujo habitante possuía, segundo nos lembra Antônio Cândido em sua obra sobre os parceiros do Rio Bonito, “formas de sociabilidade em função dele, e não de núcleos concentrados, de que dependem num outro plano de relações” (1971, p. 58),

embranquecimento da população, em geral, *acaboclad*a, ou fruto da miscigenação entre indígenas, negros e antigos paulistas descendentes de portugueses. Grunow (2016, p. 14), a esse respeito, relata que:

A questão do Contestado pode ser entendida como a disputa jurídica entre ambos os estados enquanto que a Guerra do Contestado remete à disputa armada entre Governo e posseiros. Atrelado a isso havia uma política de embranquecimento da população que determinava a vinda de imigrantes europeus, sobretudo alemães, poloneses, ucranianos e italianos, a partir de fins do século XIX. A região passa a ser reconhecida um reduto de colonos caucasianos, deixando à margem dessa construção histórica a presença dos negros. Mesmo os indígenas, nomeadamente os das etnias xokleng e kaingang não tiveram melhor sorte, uma vez que sofreram um drástico decréscimo populacional, sobretudo em decorrência do avanço das populações europeias sobre as áreas onde viviam.

O estudo desses fatores pode trazer à tona, junto aos estudantes em questão, o desejo de se locomover pelos fios que os conduzirão a uma percepção mais profunda de si e do outro, reconhecendo aproximações e afastamentos que os permitam se descobrir como parte de uma corrente viva de ressignificações.

A importância deste estudo reside no fato de a cidade e seus povoados (muitas vezes chamados Butiás) situarem-se nesse palco

apresentando um forte sentimento de construção, por si próprio, do lugar (BRANDT, 2008, p. 47). Populações indígena e cabocla ocupavam dessa forma a região antes da chegada dos imigrantes europeus. Os dois grupos anteriores foram se instalando no planalto de forma espontânea, gradual e integrada enquanto que os europeus contaram com estratégias governamentais imbricadas com os interesses do capital. A questão do povoamento deve, portanto, considerar o modo e não o fato em si, uma vez que o planalto não era de forma alguma um deserto despovoado.

histórico, sem, todavia, tomarem a devida consciência. Muitos desconhecem, por exemplo, que a propriedade de sua família pode ocupar, eventualmente, local onde outrora fora via de escoamento de produtos e animais na época do tropeirismo ou que ali houve embates entre “pelados” e “peludos”⁵ durante a Guerra do Contestado; sendo dessa forma uma área a ser explorada quanto ao seu patrimônio histórico-cultural, como já mencionado, ignorado por parte da própria população local.

Tal contexto vem a enriquecer minha experiência como professor de História, sobretudo, por ter a oportunidade de aprender juntamente com os estudantes, sobre a história local, explorando seu desenrolar e suas peculiaridades as quais também contribuíram para o advento das hostilidades. Dessa forma, a escolha do tema vem ao encontro dos vestígios do passado ali entranhados na vida cotidiana dos “novos” habitantes da localidade; mas a maior experiência com a qual me deparei foi realmente o desconhecimento, por parte da comunidade, mais detalhado dos episódios ali ocorridos. Sendo assim, optei por lançar mão de alguns textos e documentários dedicados ao tema Contestado, o quais foram recebidos com surpresa pelos partícipes da pesquisa. Esse material está descrito na metodologia usada no trabalho.

Discorreremos sobre a contribuição dos principais autores que se dedicam ao tema. Seguindo as indicativas destes, poder-se-á repensar as relações de força e as justificativas para que ambos os lados culminassem em uma série de confrontos com desfechos dramáticos que levou o

⁵ Assim ficaram conhecidos os dois lados que se confrontaram na Guerra do Contestado. Os pelados eram então os sertanejos, caboclos, posseiros habitantes do planalto; peludos eram os componentes das tropas do Exército e dos coronéis locais, latifundiários (N. do A.).

governo a decretar a eliminação daquela população cabocla. Autores concordam que para além do argumento do progresso, que trouxe capitalistas estrangeiros (com seus capatazes armados, literalmente ao estilo “velho oeste”) para a região, o Governo Federal e local desejaram também a expulsão e assassinato daqueles caboclos ali fixados desde há tempos. Com a chegada dos imigrantes europeus para a substituição da população cabocla ou sertaneja fica clara a opção do governo em fazer uma limpeza étnica e ao mesmo tempo revela sua preferência por essa mão-de-obra supostamente melhor acostumada, desde a Europa, às movimentações que o dito progresso impõe; além do que, de forma colateral, promover-se-iam o “embranquecimento” da população planaltina. O caboclo miscigenado não ostentava o fenótipo “ideal” para representar o habitante sulino, mas também sua presença significava a permanência de elementos historicamente arredios aos sucessivos governos: havia ali, remanescentes de tropeiros, indígenas, negros quilombolas, farroupilhas, da República Juliana, da Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista, porém, tal população contava ainda com a presença de elementos europeus⁶, o que indica que mesmo esse último contingente não fora totalmente favorecido desde sua chegada ao Sul a partir do século XIX . Esse era o perfil do sertanejo, sua composição étnica heterogênea acostumada a suportar embates de várias naturezas

⁶ BALVEDI, F; SEVERO, F. **Olhar Contestado - desvendando códigos de um conflito**. 2012. (15m). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FYSXN5YhHqA>>. Acesso em: 02 ago 2017.

O documentário mostra que entre os sertanejos do contestado encontravam-se também muitos europeus e descendentes que por uma razão ou outra, quase sempre envolvendo questões de terra, se aglutinaram aos caboclos. O próprio 1º Monge, João Maria D’Agostini, era italiano, mostrando a presença de europeus bem antes de 1912. (N. do A.)

mais rústicas de modo que tal população não podia prosperar junto à nova ordem do capital que apenas se apropriava do seu território, levava suas riquezas, negava-lhes trabalho e depois os abandonava desalojados e sem direito a nada.

Lançando mão de um olhar problematizante e minimalista, assume-se as contribuições de Carlos Henrique de Carvalho, nas quais se debate os referidos temas de maneira a favorecer o entendimento acerca do uso dos mesmos junto aos estudantes. Diz Carvalho (2007, p 51):

Há muito a historiografia vem considerando que as realidades criadas pelas experiências da atividade humana não podem ser somente analisadas a partir de seus aspectos globalizantes, mas, também, dentro das suas particularidades e singularidades, que se manifestam principalmente e de forma riquíssima no nível local. Essa nova postura difundida de forma generalizada pela escola dos Annales, possibilitou a abertura de novas fronteiras interpretativas, ampliando o campo das fontes documentais, e estabelecendo novos horizontes para as investigações, entre os quais destacam-se a análise da realidade local, sem perder de vista, é claro, o conjunto da sociedade.

Pierre Goubert corrobora tal afirmativa reconhecendo a importância da História Local como “objeto de monografias sobre regiões específicas as quais podem nos conduzir muito mais longe; podem servir para destruir muitas das concepções gerais que em tempos passados apareceram tão vigorosas” (GOUBERT, 1992, p. 51). Recorrer à história local é não mais que utilizar-se de um olhar mais apurado a uma delimitação temática que busca a inclusão de determinados fatores em função das particularidades que se queira ensejar, no espectro social e temporal escolhido. O uso da história local não reduz nem simplifica os

aspectos relativos do social, em última instância. Dessa forma, uma prática inclusiva junto aos estudantes, trará elementos potencialmente consideráveis à elaboração deste trabalho. Referente à História Regional, compreende-se que possa ser considerado como o conjunto das ramificações temáticas que compõe uma dimensão regional que integra um campo espacial e temporal mais abrangente e que se imbrica com as discussões na esfera nacional. Janaína Amado (1990, p. 13), esclarece que:

Partindo desse quadro teórico, define-se ‘região’ como a categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade: assim, a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula. Ambos os tópicos, então, nortearão a prática e o debate junto aos estudantes durante o processo de discussão a respeito da forma e dos por quês que a proposta desse trabalho estabelece.

Nesse aspecto, trabalha-se o reconhecimento de Bela Vista do Sul como um lugar de memória⁷ onde resquícios de acontecimentos históricos ainda se preservam (como os caminhos fundos deixados pelos tropeiros, as cruzeiros e ermidas do monge, etc.), e tendo nesta uma das ferramentas a ser usada neste trabalho, o qual pretende inclusive a promoção de identificações desses indivíduos, os estudantes, com a

⁷ A forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo (SILVA & SILVA, 2006). Bela Vista do Sul foi palco de acontecimentos considerados históricos que refletem muitas vezes na memória local de diversas maneiras, como por exemplo, expressões, comportamentos, nomes de lugares que remetem àqueles eventos, etc.

história daquele sítio, ou parte dela, em relação à sua própria construção social, torna-se recomendável explorar-se esta categoria visando acionar eventuais elementos forjadores de valores e princípios de uma identidade fragmentada, como a própria memória o é. Elison Paim (2012, p. 35) acerca da ambivalência da memória diz:

Ao dialogar com as rememorações dos sujeitos com os quais trabalhamos numa pesquisa, buscamos suas recordações do passado. Reconstruções essas desencadeadas por experiências que nos tocam no presente. Portanto, tais rememorações são [...] eivadas ambivalentemente por uma dimensão voluntária e por outra involuntária. Tal ambivalência pode ser flagrada quando esses sujeitos, ao rememorarem, exploram em suas narrativas as problemáticas e temas sugeridos nas pesquisas realizadas.

Michael Pollak propõe como elementos constitutivos da memória, duas formas, a individual e a coletiva. A primeira remete aos acontecimentos vividos pelo sujeito e a segunda, aos eventos que são vivenciados por um grupo ou comunidade; trata-se, portanto da criação de um imaginário que se forma a partir do real e do consensual ou social que acabam sendo transmitidos às gerações e fixando-se no ideário local. O autor aponta que, individual ou coletivamente, o sujeito, ou sujeitos, podem extrapolar sua própria existência e trazer para si memórias de outros momentos as quais, a despeito desse mister, proporcionam possibilidades de ressignificação. Para além do exposto, a memória é formada por indivíduos, sujeitos, e, rememorar personagens — com as quais se cruzou no decurso da vida, ou por ter havido um contato indireto que aproximou pessoas quase totalmente estranhas tão somente por uma

afinidade de memórias, ou por ainda ser possível que personagens que não compartilharam necessariamente o mesmo espaço-tempo possam retransmitir simbologias — é o escopo dessas aquisições e o modo pelo qual as peças sociais se somam ao processo histórico e tornam-se fato. Partindo desse panorama, o sujeito, que se forma através do seu contexto social, pode em razão justamente dessa troca social, se afinar com algum passado e dele lançar mão para ressignificar-se como sujeito. Acerca disso alega Pollak (1992, p. 201) que “é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada”.

Assim, os relatos aqui recolhidos, observaram essa dinâmica de promover reflexões acerca do que possa advir das reminiscências puramente viscerais ou de lembranças regadas ao sabor do contato externo compartilhado pela comunidade. Seja como for, esse processo nunca pode ser criado do nada e, sendo assim, esse algo é passível de observação, ainda mais quando se renova ao longo do tempo. Procurou-se, dessa forma, problematizar tais questões perante o público escolhido, para tanto, necessário se fez, conhecê-lo. Os estudantes que frequentam a EEB Hercílio Buch são oriundos dessas localidades, mas poucos estão a par da história daqueles sucessivos eventos os quais fornecem as bases para se refletir sobre as identidades culturais do jovem ali inserido. Bases essas que se expressam apenas como características de um povo agricultor, sem vínculos com seu passado histórico, segundo entrevista com esses estudantes. Sabendo-se que o sujeito, dentro de um repertório identitário aborda certa identidade conforme lhe pareça mais adequada ou promissora de acordo com o que o coletivo ou mesmo o senso comum lhe

afiguem, faz-se, talvez, interessante trazer à tona tais fenômenos uma vez que o propósito primordial do trabalho é contribuir para que se possa refletir a historicidade local através das nuances históricas do seu espaço de vivências e convivências.

Assim, apresentamos a proposta na qual se desenvolveram os trabalhos que culminaram no Produto do ProfhHistória. Recursos complementares, perspectivas de análise, plano de aulas e referências bibliográficas específicas foram explanadas nesta abordagem visando a proposição de uma metodologia a mais que se agregue à totalidade das abordagens sobre o tema, a saber, que o envolvimento dos estudantes não se dê apenas como forma de se trabalhar mais um conteúdo de História, mas que a partir dos desdobramentos das propostas o jovem possa se aproximar daquilo que o constitui em sua comunidade, com todas as variantes que disso possa surgir, a fim de que se enxergando, possa enxergar o outro e dali considerarem outras perspectivas que não aquelas geradas nos gabinetes oficiais. Nesse aspecto, o ProfHistória com seu direcionamento nesse sentido, promove essas oportunidades uma vez que capacita seus professores para direcionarem suas abordagens para tais questionamentos. Seu diferencial pode ser a junção da apropriação do teórico com as experiências do estudante e do professor, quer elas venham de lembranças ou memória, quer venham de elementos materiais ou do próprio contato humano.

2. HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA DO CONTESTADO

Visando introduzir o leitor nas questões históricas da referida região, contextualizando-o, para que possa perceber a mesma como terra de importante teor histórico, justificando assim, a problematização do trabalho junto aos estudantes, é que lançamos mão de autores como Paulo Pinheiro Machado (2001), especialista da questão do Contestado, contribui para a mudança de paradigma a respeito da simbologia que recaía sobre a figura do caboclo⁸ cujo desinteresse histórico, preconceito ou o puro desconhecimento sobre sua participação naquele conflito lhe atribuíam as alcunhas de fanático, sertanejo, matuto, etc. Machado desfaz tal equívoco esclarecendo que a atuação desse contingente no conflito não se deu senão de forma consciente das razões que levaram àquelas terras a desolação da guerra. E, acerca do protagonismo caboclo, diz Machado (2004, p. 57),

Julgamos ser mais adequado o estudo de movimentos camponeses sem caracterizá-los, *a priori*, como “reacionários” ou “revolucionários”, “reativos” ou “tradicionais”. Nem, tampouco, afirmar que representam apenas “reações”, “espasmos” ou desdobramentos internos de forças externas. Precisamos, isto sim, procurar entender sua capacidade criadora, avaliando suas origens, sua expansão e suas limitações.

⁸ Habitante rústico das matas de Araucária as quais recobriam todo o planalto. Um tipo miscigenado, fruto das camadas históricas que depositavam ali, por sua vez, indivíduos de distintas procedências, entre elas, o indígena, o negro o ibérico que lá se fixavam contingencialmente ou por conta própria. Ver Paulo Pinheiro Machado, Márcia J. Espig, Márcia J. e Delmir Valentini (2012).

Machado analisa as origens sociais e a atuação política das lideranças sertanejas da Guerra do Contestado, região que, segundo ele, foi palco de um processo peculiar de apropriação de solos, que resultou num perfil social heterogêneo, tanto antropológico, quanto sociológico. Estuda também a tradição e influência dos monges⁹ que por ali transitavam, trazendo esperança àquela população marginalizada pelos poderes e pela investida do capital estrangeiro. Por outro lado, Machado não deixa de problematizar a visão preconceituosa que procurava deslegitimar a resistência dos caboclos, negando-lhes a capacidade de organização como também de compreensão do problema enfrentado.

Márcia J. Espig (2008), Delmir J. Valentini (2009), Nilson Thomé (2007), ao mesmo nível de Machado, também se somam a essa empreitada de realizar novas pesquisas com outros enfoques e rechaçar taxaões apressadas a respeito das motivações, simbologias, hierarquias organizacionais, religiosidade, consciência de classe, visão conjuntural, disputas internas que moviam os revoltosos. Suas contribuições serão de grande valia durante o percurso do trabalho quando serão trazidos ao debate. Espig (2008) revê, na sua tese, as imprecisões conceituais da historiografia a respeito dos trabalhadores da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1910) que os desqualifica; revela também que o discurso de modernidade frente a uma população atrasada não se sustentava uma vez que os caboclos não eram pessoas desprovidas de experiências para além das florestas do planalto, ao passo que os ditos proponentes dessa modernização eram os que se encontravam em sintonia

⁹ Os monges, autodenominados de profetas, inseridos num contexto onde se operavam significativas mudanças de ordem econômica, política e social, dirigem-se aos sertanejos aconselhando-os nas virtudes pautadas na ética, fé e esperança de um novo mundo, idealizado (TONON, 2008).

com a corrupção; mostra que os trabalhadores, na imensa maioria, eram compostos por imigrantes, o que lança nova luz às reflexões acerca da colonização europeia no planalto, mas apenas a partir dos europeus e descendentes que ali permaneceram, ao contrário dos demais que, paulatinamente iam se retirando.

Já Valentini trabalha a influência da *Brazil Railway Company*, do norte-americano Percival Farquhar, através da subsidiária *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, sobre a vida dos habitantes posseiros da região. Essa mão-de-obra não fora aproveitada, antes, expulsa de suas terras para a passagem da estrada de ferro cujas margens contabilizavam um total de quinze quilômetros de terra de cada lado da linha férrea, o que desalojava os habitantes ali fixados pelo menos desde o Império. Em nome do progresso, Lumber e governo instalaram um grande complexo madeireiro extrativo exportador promovendo a colonização de terras estabelecendo imigrantes e colonos nas áreas desmatadas. Valentini (2009) assevera que tais iniciativas provocaram mudanças econômicas, sociais, culturais, políticas e ambientais, o que deflagrou os conflitos a partir de 1912 até 1916.

Thomé (2007), por sua vez, explora a questão da formação do homem do Contestado sob o ponto de vista da educação escolar. Sua pesquisa investiga as várias e complexas relações existentes na formação da Região do Contestado, verificando seus determinantes políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais. Apresenta a história regional, dando destaque, como principais pontos referenciais, a Lei de Terras de 1850, o coronelismo, a Guerra do Contestado (1912-1916), a Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina (1853-1917). Desta forma, seu estudo se ocupa do espaço livre e da formação do Território

Contestado, inserindo o contexto histórico da educação escolar na República Velha, trazendo à tona a formação do homem regional e analisando as contradições entre as classes dominante (fazendeiro) e dominada (caboclo), entre os interesses do Estado oligárquico e dos monopólios e as necessidades da população, e entre o uso do ensino para fins políticos e a busca de instrução pelas classes subalternas.

Outros autores que tratam do tema também foram de grande importância para o desenrolar desta pesquisa, como Eloy Tonon (2008), que escreve sobre os monges do contestado. Na sua tese, Tonon (2008, p. 05) aprecia a questão da memória e suas ressignificações sucessivas quando aponta como um dos objetos de sua pesquisa “as permanências no imaginário social contemporâneo, em significativo grupo de sujeitos sociais, descendentes dos sertanejos do tempo e espaço do Movimento do Contestado”. Atento às sutilezas das reminiscências ao perceber a memória como categoria histórica, este autor, recorre a Lucette Valensi que evidencia o lado criterioso da História sem que, contudo, obstrua a contribuição da memória. Diz Valensi (1954, 258),

[...] história é atividade intelectual que organiza dados para torná-los inteligíveis, quando a memória é refúgio de emoção. Sim, a história se põe à distância do passado e nele procura rupturas e discontinuidades, quando a memória supõe a continuidade. Mas além do fato de que pode tomar a memória como objeto, e de que isso também faz parte de seu trabalho crítico – interrogar-nos sobre fábulas da memória e os silêncios do esquecimento é também tornar mais inteligível uma parte de nosso passado.

Dessa forma, foi possível ao pesquisador dos monges, a partir da memória de sertanejos de outras gerações, conhecer aqueles beatos, inclusive, para apresentar os traços sociais daquela gente que ao se

aproximar com suas feridas e incertezas, de quem lhes estendia a mão, permitia-se observar, dentro da compreensão da necessária existência de monges curandeiros peregrinos a apaziguar os corações. Assim, foi possível empreender associações entre a presença marcante de beatos pelos sertões planaltinos junto à necessidade daquela gente de perceberem-se em irmandade e a religiosidade atual do povo ali estabelecido, não apenas se encerrando num templo católico, mas se escorregando para além, como que levados pelos ecos da memória, a rezar uma novena em honra ao Monge.

No campo do Patrimônio podemos contar com os trabalhos de *Elison Antonio Paim* e *Maria de Fátima Guimarães* cujas temáticas abarcam questões da memória, patrimônio e identidade, fundamentais para a reconstrução histórica de um grupo. Em relação à memória como categoria, esses autores buscam amparo em *Walter Benjamin*. *Paim* (2013, p. 91) aludindo à *Benjamin*, dirá:

Ao rememorar, reconstruímos, buscamos nossas impressões mais remotas sobre o vivido por nós ou por aqueles que nos antecederam. Esse processo é sempre acionado por dimensões conscientes e inconscientes despertadas no presente de quem rememora.

Os autores concordam com a chamada ambivalência das memórias pautada nos caracteres voluntário e involuntário do ato de rememorar quando há, pelo indivíduo, uma extrapolação expressa na sua narrativa. A memória, portanto, não é algo fático, mas permeada de sugestões, as quais, por sua vez, não podem ser arbitrariamente descartadas uma vez que estão carregadas de potencial de subjetividade

que, no entanto, não despreza o simbólico como fonte de averiguação histórica.

Paim, amparado pelas reflexões de Walter Benjamin, lembra que o ensino de História é um campo de lutas e que, grosso modo, as diferentes concepções de história buscam prevalecer umas sobre as outras. Não é diferente com o campo do patrimônio:

A interface entre o patrimônio cultural e a construção de conhecimento histórico educacional é um processo político de produção coletiva de significados, gestado por subjetividades, intencionalidades e relações de poder (PAIM, 2015, p. 238).

Sabendo que o patrimônio cultural de um povo, que perfaz uma nação, oficialmente falando, é oriundo das concepções de sua elite política e econômica, e que, portanto, não se traduz como patrimônio da gente que compõe tal população, mas de valores que se impõem de cima para baixo, no caso de escolhas oficiais dos seus símbolos, verifica-se, assim, que se trata de algo excepcional, alienígena e distante das idiossincrasias populares que caracterizam sua forma de cultura. O autor, por outro lado, acrescenta que o patrimônio está intimamente relacionado às memórias. Assim, conforme o movimento das memórias, o movimento do patrimônio acontece. Esse é “menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma”; assim, “este projeto está destinado a permanecer sempre inacabado; ele pode mesmo se esgotar na esperança de chegar a uma memória total” (CANDAU, 2011, p. 163).

Por sua vez, Maria de Fátima Guimarães afirma que somos condicionados pelo pensamento dominante a acreditar que o que deve ser

preservado são os símbolos da prosperidade e do progresso, como se patrimônio fosse apenas aquilo que marca a ação da elite. Essa tática, talvez, redunde em uma espécie de memória forjada, moldada por influências daquele grupo e não como reminiscência genuína a ser contemplada por indivíduos ou grupos de menor poder perante a sociedade. A exemplo disso, Guimarães mostra uma “colonização do presente pelo passado” que serve para explicar as formas como a elite local e/ou nacional (ou até mesmo grupos internacionais) escolhe o que deve ser lembrado e preservado. Vem daí o interesse pela grandeza arquitetônica do monumento (RASPANTI, 2014).

Diante do exposto, é possível trazer essa discussão da questão patrimonial para a proposta deste trabalho, pois se poderá encontrar campo vasto para suas pretensões junto ao objeto proposto por esta pesquisa. É certo que já há alguns anos são encontradas em diversas mídias reivindicações de registro da atividade tropeira, específica e exclusiva de um momento e lugar, e cuja singularidade embasa tal aspiração. Em vista disso, Carmem Gil (2016, p. 7) esclarece que:

Por sua natureza processual o Patrimônio Imaterial não demanda conservar, manter ou preservar nos termos do que rege o tombamento. O Registro implica identificar, documentar, acompanhar e apoiar essas práticas para que se mantenham em sua dinâmica cotidiana, valorizando os processos de criação. Assim, se no patrimônio material a autenticidade e a originalidade conferem um excepcional valor ao bem tombado, no registro vale a continuidade histórica e a relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira, conforme o Decreto 3551/2000.

Essa pretensão não é de todo absurda já que não se trata mais de uma reivindicação dos poderes que, no afã de referendar sua versão heroica e grandiloquente, se apresentam como imbuídos do significado de determinado acontecimento. Embora tal ensejo persista na atualidade, há, a despeito deste, novas e pertinentes reivindicações quanto à propriedade simbólica de um dado patrimônio histórico, seja ele material ou imaterial. É certo que há na região abordada por este trabalho as figuras emblemáticas do tropeiro, do caboclo e do colono, todos habitantes do imaginário da gente do planalto que marcam de forma única a compleição simbólica dos agrupamentos ali estabelecidos. Nesse caso, é sensato estender o olhar a esses eventos que passam por uma severa e necessária releitura.

Paim (2015, p. 239) destaca que, “passamos hoje de um patrimônio nacional a um patrimônio identitário, de um patrimônio herdado a um patrimônio reivindicado, de um patrimônio visível a um invisível, de um patrimônio ligado ao Estado a um patrimônio social, étnico ou comunitário”. Cabe aqui ainda trazer uma discussão sobre o que seja patrimônio material ou imaterial. Segundo Carmem Gil (2016), pode ser considerada uma dicotomia já superada.

Não existe patrimônio que não seja definido a partir de sentidos e significações, de valores e, portanto, de entidades imateriais. Para além das dicotomias, sábias são as palavras de Ulpiano Meneses, quando afirma que o importante é explorar o imaterial no material e os suportes materiais do imaterial.

Assim sendo, além da possibilidade de apropriação do seu significado histórico, o estudante tem também a oportunidade de se apropriar do seu significado simbólico a partir da sua educação para o

patrimônio. A propósito da identidade, fica evidenciado que o estudante deve ser preparado para o exercício de uma compreensão de si junto às alteridades, que privilegie a pluralidade de níveis de cada sujeito e que possam ser reconfiguradas de acordo com as reminiscências e idiosincrasias identificadas. A relação com a alteridade demanda a diferença, pois se trata de uma relação simbólica, como já mencionado, mas essa diferença não pode significar necessariamente o distanciamento mútuo.

No que diz respeito à história da Região do Contestado, quatro grandes eventos se destacam: Tropeirismo, Questão do Contestado, Guerra do Contestado e Imigração Europeia. Quanto às origens do tropeirismo, estão essencialmente ligadas às necessidades de transporte de cargas no sudeste do país, principalmente na ligação da costa com as minas do interior por ocasião dos descobrimentos auríferos no Brasil no final do Século XVII e início do XVIII. O tropeirismo veio a se constituir numa das atividades do caboclo pardo desde quando os paulistas buscavam mulas e gado bovino xucros nos campos do Rio Grande do Sul e da região do Rio da Prata, transportando-os para as feiras de Sorocaba, primeiro, através da Estrada Real¹⁰ e, depois, também das Veredas das Missões.

¹⁰ O Caminho de Viamão, também designado como "Estrada Real", a mais utilizada, partia de Viamão, atravessava os campos de Vacaria, Lages, Correia Pinto, Curitibaanos, Santa Cecília, Papanduva, Monte Castelo, Mafra, Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piráí do Sul, Jaguariaíva, Sengés, Itararé, alcançando Sorocaba. A Estrada das Missões, partia dos campos de São Borja, seguia por Santo Ângelo, Palmeira das Missões, Rodeio, Chapecó, Xanxerê, Palmas, onde se bifurcava por União da Vitória e Palmeira, e por Guarapuava, Imbituva e Ponta Grossa. Antigas rotas de tropeiros, a Estrada Real, a Leste e as Veredas das Missões, mais a Ocidente, levavam o tráfego dos tropeiros de muaras e bovinos pela Estrada Real, que era o trecho de Viamão: Vacaria – Lages – Curitibaanos – Papanduva – Mafra - Rio Negro - Lapa,

As tropas xucras percorreram sentido sul/norte o sertão catarinense por quase duzentos anos, conduzindo muares dos pampas aos muladeiros do vale do Paraíba, onde eram comercializados. As jornadas do Sul ao Norte duravam muitos meses, ao ritmo de em torno de três léguas (18 km) por dia. Depois das mulas, os tropeiros passaram ao tropeirismo de carga e ao transporte do gado, igualmente recolhido nos campos sulinos e levado para o Norte. Nas invernações, durante os descansos das tropas, a paisagem natural do Espaço Livre do Contestado reteve muitos tropeiros paulistas e paranaenses, que aqui se estabeleceram. Ao longo dos caminhos, os pousos foram dando origem a currais, fazendas, povoados e vilas. A atividade do tropeirismo revelou uma soma de traços culturais que influenciaram a herança cultural do caboclo, influenciando nos hábitos alimentares, na indumentária, no lazer, na linguagem, na medicina e, no folclore das histórias, lendas e mitos (THOMÈ, 2012, p. 11).

num primeiro momento, para o eixo Cruz Alta - Passo Fundo - Campos Novos – Curitiba – Mafra - Rio Negro - Lapa e, depois, para o traçado Passo Fundo – Clevelândia – Guarapuava - Palmeira ou Passo Fundo – Palmas - União da Vitória - Palmeira. (THOMÈ, 2012).



Figura 4: Algumas rotas abertas por tropeiros.
(Gazeta do Povo, 25 abr 2017)

Bela Vista do Sul situa-se na microrregião de Canoinhas, que foi no passado parte da Rota de Viamão¹¹. Os tropeiros saíam do Rio Grande do Sul e percorriam duas rotas principais para chegar à cidade de Sorocaba em São Paulo, a Rota de Cruz Alta e a de Viamão. Essas rotas tiveram origem na antiga Estrada da Mata, formada primeiramente por picadas que ligavam o Rio Grande do Sul a São Paulo desde o século

¹¹A rota de Viamão num sentido regional sul/sudeste compreendia o trajeto das marchas que permitiram a fundação das cidades de Porto Alegre, Vacaria, Lajes, Curitibaanos, Mafra, Rio Negro, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Itararé, Itapetininga e Sorocaba, compreendendo um total de 1.093 Km. (LEITE, 2015).

XVIII. As rotas foram criadas para que se pudesse fornecer carne de gado para os trabalhadores em cidades que estivessem em expansão. O tropeirismo foi uma das mais importantes atividades econômicas, ao lado do extrativismo da erva mate nas florestas.

A Estrada da Mata, antigo caminho das tropas, que se estende desde Viamão-RS até Sorocaba-SP, aberto a pedido do governador da Capitania de São Paulo, tem em Francisco de Souza Faria, seu primeiro empreendedor, o qual parte de Viamão em 1728, subindo a Serra Geral (MOREIRA, 2010, p.17). A rota foi construída com o objetivo de se enviar gado para Minas Gerais, não havendo outra naquele momento que permitisse o escoamento do gado do sul brasileiro para o interior do país. De início, as localidades serviam apenas para o pouso e descanso das tropas, mas aos poucos pessoas se juntaram nesses pousos para abastecer as tropas com comida, ferreiros para trocar as ferraduras das mulas e tratadores. Os locais de concentração humana, além de servir às tropas, também serviam de postos fiscais para arrecadação de impostos. O mesmo autor acrescenta que: “toda atividade comercial era rigidamente controlada pela Coroa. Razão pela qual se justifica a existência dos Registros nos caminhos dos tropeiros através dos quais era feita a cobrança de impostos” (MOREIRA, 2010. p. 24).

O tropeirismo foi uma atividade econômica secundária para a exploração da mineração em outros Estados, porém permitiu o desenvolvimento das localidades ao longo das rotas. Ao transportar milhares de cabeças de gado, levavam consigo o potencial de movimentar a economia por onde passavam, estabelecendo-se como principais artérias que ligavam o sul do país ao Rio de Janeiro e São Paulo. E nesse fluxo contínuo várias tropas saíram do Rio Grande do Sul, passaram por Rio

Negro e chegaram aos Campos Gerais. Nesse contexto, Bela Vista do Sul ainda uma floresta quase intocada teve seu primeiro contato com as tropas, sendo uma região completamente dominada pelos índios chamados de bugres. Foi palco de inúmeros confrontos entre estes e os tropeiros, e tantas mortes houve em suas terras que acabou recebendo o nome de Sepultura, na ocasião, apenas um lugar de emboscada dos indígenas contra as tropas de gado e mula. O nome peculiar vem do fato de haver ali vários corpos sepultados. Os tropeiros ao passarem pela região, sabiam que poderiam se deparar com os ditos “bugres” que os emboscavam na mata e ali os atacavam causando diversas mortes. Os tropeiros também estavam preparados para o confronto, então ali jazem também cadáveres de nativos, o que elevava o número de corpos sepultados pelos sobreviventes.

Do Saltinho os tropeiros seguiam para a região da Sepultura, hoje Bela Vista. Sepultura nome dados pelos tropeiros, pois a região era povoada por índios Xokleng e Kaingang, os quais tinham como prática atacar e saquear os viajantes, isto é, uma região extremamente violenta, daí o nome Sepultura. Mais tarde, a população local mudou o nome para Erveira, dado a quantidade de Ervais existentes. E, finalmente a comunidade decidiu pelo nome de Bela Vista, o qual se mantém até os dias de hoje. (MOREIRA, 2001, p.65). Segundo Moreira, as mudanças no nome da região deveram-se ao fato das novas populações rejeitarem o estigma ancestral da violência que compreendia todos os marcos históricos ligados ao lugar. Assim, de Sepultura, optaram definitivamente por uma nomenclatura oposta que ressaltava a bela vista apresentada pelo território em questão.

Portanto, a região de Bela Vista do Sul, desde Augusta Vitória até o Butiá do Braz fez parte da rota tropeira de Viamão, mesmo que seus moradores desconheçam essa parte da história e que ela não seja citada pelos historiadores clássicos, o que torna a pesquisa, nos moldes apresentados por esta proposta, necessária. Na hipótese de os estudantes partícipes do projeto terem nascido e residam nessas comunidades e conheçam apenas razoavelmente o tema tropeirismo, é natural que a abordagem do trabalho não descarte maiores incursões ao tema, entendendo que daí, surge a gênese do povoamento do qual redundava sua história. É certo que antes da atividade tropeira, indígenas já habitavam esses arrabaldes e que desenvolveram sua sociedade baseada em outros valores, e isso leva ainda mais longe o olhar desse jovem até então muito enraizado no seu núcleo.

Em referência à Questão do Contestado, esclarece-se aos estudantes que, por ventura, vierem a se utilizar deste trabalho, que a dita Questão do Contestado diz respeito ao processo litigioso entre as províncias de São Paulo¹² e Santa Catarina ainda no período imperial. Tal contenda judicial pleiteava o território no qual se situava todo o meio oeste e parte do planalto norte catarinense. Por volta de 1820, paulistas e catarinenses travaram uma longa batalha jurídica visando garantir a posse e o controle daquela região, apesar de esta província sulina ter se expandido até o Rio Canoas ao sul, incorporando assim, a cidade de

¹² Em meados do século XIX a província de São Paulo compreendia todo o território do atual Estado do Paraná e parte do oeste do atual Estado de Santa Catarina até às fronteiras sul-rio-grandenses. Em 1843 o Visconde de Caravelas, deputado por São Paulo, apresentou um projeto que tornava a Comarca de Curitiba em Província, mas o Paraná, que encontrara as disputas territoriais em aberto desde a época de São Paulo, dá prosseguimento ao pleito o qual se encerra apenas em 1917 favorecendo Santa Catarina.

Lages, antes pertencente aos paulistas. Ao norte, o limite permaneceu o Rio Preto, atual divisa entre Mafra e Rio Negrinho. Por ocasião da disputa a região contestada estava sob administração de São Paulo, e o embrião do que viria a ser Campos Novos estava submetido àquela província.

Após a Guerra do Paraguai (1865-1870), Argentina e Brasil entraram em disputa pelo território entre os Rios Chopim e Chapecó, dentro do qual passava o Caminho das Missões e situava-se o município de Palmas. Essa questão foi resolvida em 1895, saindo vitorioso o Brasil, através da intervenção do presidente norte americano Grover Cleveland. Com o desmembramento do Paraná de São Paulo, a disputa territorial de Santa Catarina passou a ser com a nova província. O governo imperial deliberou por duas vezes a delimitação entre ambas. A primeira marcação (1865) dava conta do sentido norte/sul, percorria o leito do Rio Negro até o Rio Iguaçu, entrava no Rio Timbó até a cabeceira meridional. A partir daí, em linha reta, chegava-se a porção setentrional do Rio Marombas, descia até à foz, no Rio Canoas e por este, até o Rio Pelotas. Em 1879, a linha ao sul foi modificada a partir do Timbó, deslocando-a para oeste, no Rio do Peixe. Na porção sul o limite foi respeitado e Santa Catarina desenvolveu o que hoje são os municípios de Campos Novos e Curitiba. Já na porção norte o mesmo não pôde acontecer uma vez que o Paraná não respeitou os limites fundando ali os povoados de Três Barras, Mafra, Papanduva e Itaiópolis. O historiador Oswaldo Cabral assim narra a elevação de Curitiba de comarca à província, fato que acirrará a contenda agora entre Paraná e Santa Catarina:

O Governo acabou concordando com a aspiração do Paraná, elevando-o a Província, depois de sangrentos acontecimentos eleitorais em 1852, ocorridos em São

José dos Pinhais, quando as providências tomadas pela Capital chegaram tardiamente. A 9 de agosto de 1853, voltou à discussão a emenda Batista de Oliveira e, embora, tivesse sofrido forte oposição da bancada paulista [...]em 9 dias foi votado o projeto e a Comarca de Curitiba foi elevada a Província do Paraná, com a extensão de limites da antiga Comarca. Em nenhum dos três projetos que trataram da elevação do Paraná a condição de Província se lhe delimitaram as fronteiras (CABRAL, 1987, p. 313).

Em 1896, o governo de Santa Catarina convidou o jurista Manoel da Silva Mafra para que este se encarregasse dos interesses catarinenses. Como era visto que as vias políticas se mostraram ineficientes para resolver a questão, o caminho jurídico se mostrou como a solução lógica. O fato era que o território contestado num momento estava sob controle de um lado e no seguinte passava para a mão do rival. Durante as várias décadas que essa questão se estendeu não pôde haver nenhum tipo de iniciativa governamental de desenvolvimento da região, isso acabou por criar um cenário de abandono de uma população que mais tarde se veria no centro de um jogo de exploração, partilha das riquezas e exclusão, o qual redundou no sangrento conflito que foi a Guerra do Contestado.

No tocante à essa guerra, foi um confronto armado que teve origem na questão dos limites de fronteira entre Paraná e Santa Catarina, sendo que ambos os Estados afirmavam que o território lhes pertencia, pois era uma disputa antiga onde antes do Paraná, a província de São Paulo se fazia dona destas terras. Desde o período Colonial, as unidades administrativas de Santa Catarina e São Paulo (e a partir de 1853, do Paraná) disputam a jurisdição do planalto serrano, mais especificamente as terras situadas a oeste, entre os rios Uruguai e Iguazu, e ao sul de Rio Negro. (MACHADO, 2004, p.124). O envolvimento direto de 20 mil

habitantes da região que com pouca ou nenhuma posse se envolveram em uma verdadeira guerrilha contra as tropas militares federais e estaduais recebeu o nome de Guerra do Contestado pelo contexto em que foi causada.



Figura 5: Território onde ocorreu a Guerra do Contestado.
(ESTUDO Prático, [s.d.], *online*)

Segundo Delmir Valentini, para beneficiar a empresa americana Lumber e Brazil Railway, o governo brasileiro doou terrenos, considerados pelo Estado como terras devolutas, nas quais, porém, existiam pessoas fixadas há gerações. A Brazil Railway começou a construção de uma estrada de ferro, aproveitando com isso toda madeira

que existia no percurso da construção de tal estrada, devastando a região, acabando com os ervais, meio de sustento para os caboclos, ao mesmo tempo em que trazia para este espaço milhares de trabalhadores de outros Estados brasileiros e até dos EUA, deixando os moradores locais sem terra, sem a erva-mate que colhiam e sem sequer a possibilidade de um emprego para garantir sua sobrevivência (VALENTINI, 2009).

A Lumber, uma grande serraria se fixou no município de Três Barras, funcionava ininterruptamente para aproveitar a madeira retirada das terras doadas pelo governo. Enquanto grandes proprietários se beneficiavam deste esquema, milhares de pessoas sofriam de fome e se viam jogadas na miséria abjeta sem sequer uma área para plantio de subsistência. A região de União da Vitória em Santa Catarina até Rio Negro no Paraná estava mergulhada em um processo doloroso de invasão de domínios e perdas de propriedades, objetos das duas empresas estrangeiras, com apoio do próprio governo brasileiro.

Dentro desse caldeirão de conflitos surge a figura do monge José Maria de Santo Agostinho, sendo prontamente acolhido pelos sertanejos, já acostumados com os monges peregrinos que pela região andavam de tempos em tempos. O monge José Maria era o terceiro monge que andava pela região, os dois primeiros, São João Maria D'Agostini e São João Maria de Jesus¹³, foram curadores e pregadores; onde não havia acesso á

¹³ João Maria D'Agostini, italiano, foi o primeiro monge com significativos registros históricos e uma longa trajetória temporal e espacial, tendo sido o grande gestor e mensageiro das múltiplas crenças e práticas da religiosidade sertaneja. Este tinha o costume de, por onde passava, deixar cruzeiros fincados ao chão. Há até hoje, na praça Hercílio Luz, centro de Mafra, uma capela com uma cruz de madeira, a qual acredita-se ter sido plantada ali por D'Agostini. O segundo foi João Maria de Jesus, ou Anastás Marcaf, considerado o monge político, homeopata e sábio pregador. É dele uma das imagens mais icônicas do Contestado na qual aparece assentado com as pernas cruzadas, chapéu de pele de

medicina ou a igreja, as mezinhas destes ajudavam a aplacar a dor e o desespero. Mas, José Maria além de chás e rezas, também articulou um movimento de revolta contra a dominação da Lumber e Brazil Railway Company e contra a república, sistema de governo que ele achava imoral e contra as leis divinas. Miguel Lucena de Boaventura era, supostamente, desertor do exército brasileiro, usando de conhecimentos adquiridos neste conseguiu formar um exército de moradores locais, que o acompanharam de bom grado, já que ele lhes prometia terras fartas, cura dos males e comida, sem a interferência de governos.

Formaram-se as primeiras concentrações de fiéis ao monge, chamadas de redutos. Em Taquaruçu, o primeiro reduto, onde se rezava diariamente, repartiam os viveres e o monge ministrava remédios e orações para os doentes, formou-se uma cidade, com milhares de pessoas vivendo em barracas. Por gritarem em suas quadras vivas a monarquia, foram considerados rebeldes. As tropas militares catarinenses interferiram no reduto, sendo que o monge e seus seguidores fugiram para Irani, em Santa Catarina, onde em setembro de 1912 começaram a Guerra do Contestado, em um conflito com a polícia paranaense.

O monge foi morto nesse combate, os sertanejos o enterraram cobrindo apenas com tábuas, na esperança da ressurreição deste após um ano da morte. Durante a espera foi se articulando novo movimento, com transmissão oral dos ensinamentos do monge, esses ensinamentos foram à base para a resistência armada. Os caboclos da região começaram a ansiar por igualdade, pregando a remissão dos pecados e uma nova ordem

caça e longas barbas. O terceiro se tratava de José Maria de Sto. Agostinho, ou Miguel Lucena Boaventura, o monge da guerra. Foi morto no combate de Irani (TONON, 2008).

na qual todos eram irmãos e tudo deveria ser repartido igualmente, contrapondo com o capitalismo dos grandes proprietários, serrarias e a nova estrada de ferro. Sobre a ideia de uma organização mais racional, embora utópica, Paulo Pinheiro Machado alega que: “os *pelados* construíram um projeto de sociedade e defendiam a ideia de sua aplicação em todo Brasil. Tiveram a clara perspectiva de espriá-lo pelo planalto serrano, tanto ao norte, expandindo-se em direção ao Paraná, quanto ao sul, no rumo do planalto gaúcho”. (MACHADO, 2007, p.247).

Dá-se início então a uma guerra civil local. A região torna-se uma praça de guerra, com os caboclos de um lado formando redutos e as tropas militares de outro destruindo esses redutos. Os caboclos alimentavam a certeza que estavam lutando uma guerra com ajuda dos céus, e, portanto, não aventavam sequer a hipótese de se renderem pois agora eles tomavam em suas mãos o próprio destino, e de suas famílias e nenhum governo na terra poderia submetê-los.

Todo o território percorrido pelo monge São João Maria, os antigos caminhos das tropas de Serra Acima, seriam locais de natural expansão do movimento. O planalto gaúcho, o planalto catarinense, os campos de Palmas, os campos gerais do Paraná e até a região de Sorocaba, em São Paulo, eram parte de um mesmo “corredor cultural” onde a linguagem da “guerra santa” e da defesa da “santa religião” não seriam estranhas à população local. (MACHADO, 2007, p.247).

Os combates continuaram acontecendo em toda a região contestada, a despeito das ações das tropas militares, novos redutos foram construídos, novos adeptos se juntaram a causa cabocla. Devido a isso o governo federal enviou grande contingente militar e armamentos para dizimar os redutos e pôr fim à guerra. A fome, as doenças e finalmente as

armas da república acabaram com o confronto. Mas na alma do povo sertanejo da região perduraram por décadas os ecos da revolta expondo o caráter desumano do capitalismo e as ações violentas do Estado aos que a ele se opõe.

Oswaldo Cabral, que escreveu mais constantemente entre as décadas de 1950 e 1970, já havia identificado a forma preconceituosa e desinformada com que a população em geral visualizava o caboclo do Contestado. Diz ele:

Para nós, [a guerra] foi resultante de um complexo entrosamento de fatores sociológicos — do qual, aos observadores, ressaltou apenas o fator religioso, escapando a observação mais detalhada dos que pesaram muito mais na deflagração do movimento. Para os coevos, ainda sob a impressão de Canudos bem viva, o fato se repetia, o fanatismo ressurgia no Sul e a campanha do Contestado foi uma guerra de fanáticos, uma consequência da ignorância do sertanejo (CABRAL, 1979, p. 338).

Tal visão simplista se firmava na ignorância, no preconceito e na astúcia dos grandes que lograram se apropriar daquele território e suas riquezas. Milton Heller conta que: “os caboclos do contestado eram considerados boçais, atrasados, supersticiosos e vagabundos pela sociedade em torno, mas quando decidiram reagir às injustiças que sofriam passaram a ser taxados de fanáticos, bandidos e jagunços” (HELLER, 2012, p. 208).

Márcia Espig denuncia que um dos motivos da relutância das empresas estrangeiras contratarem os trabalhadores locais para a dura jornada na construção das estradas de ferro era o preconceito: a carência de mão de obra considerada adequada para a dura tarefa de abertura de

caminhos para a ferrovia. A noção do que seria “adequado” incluía preconceitos contra a mão-de-obra nacional e especialmente contra os trabalhadores do interior da região, os caboclos (ESPIG, 2012, p. 855).

Machado (2007, p.163), também denuncia de forma enfática o modo preconceituoso com que os habitantes do Planalto eram tratados:

Por muito tempo o estudo sobre o conflito do Contestado refletiu todos os preconceitos que existem sobre as populações rurais em geral e, em especial, os caboclos. “Matutos”, “tabaréus” e outras denominações pejorativas aos habitantes nacionais indicavam uma mistura de preconceito racial (contra negros, indígenas e mestiços) associado ao preconceito urbano e de classe, contra os camponeses em geral. Esta população - desde as primeiras crônicas na imprensa, nos relatórios de militares, médicos e de autoridades políticas – era tratada como um povo ignorante, desprovido de civilidade, despreparado para qualquer política de modernização, preso à superstições e guiado por charlatães e exploradores de sua fé ingênua. O problema é que estas visões preconceituosas, que acabaram por considerar os seguidores de José Maria como “fanáticos”, não ficou restrita às fontes. Foi reproduzida pela literatura científica sobre o tema. Não foram poucos os historiadores a amplificar as expressões de “fanatismo” e “aberração”.

Vinhas de Queiroz (1966) foi um dos primeiros a procurar desfazer essa visão distorcida acerca dos caboclos. A partir de sua pesquisa de campo em meados da década de 1960, foi desvendando os meandros daquela sociedade que ali se encontrava. Queiroz faz uma crítica muito bem sustentada aos pontos de vista anteriores, que não entendiam a crise social da região, não a associavam ao conflito e, frequentemente, demonizavam e ridicularizavam as lideranças rebeldes.

Uma leitura mais moderada acerca do caboclo mostra que este se encontrava bem inserido àquela região, lidando com a terra, a pequena criação, a colheita de pinhão, o cultivo de erva-mate, e os escambos ocasionais. Apesar das aproximações não serem das mais amistosas, aceitavam relação de compadrio os que julgavam razoáveis, outros preferiam se embrenhar na floresta.



Figura 6: O senso comum assimilou a visão pejorativa sobre o sertanejo identificando-o como fanático. Aqui, lê-se na fotografia da época, a descrição do 1º grupo de “fanáticos” levados a rendição.

(CLICK Riomafra, 22 nov 2012)

Seu infortúnio começa com o advento das empresas americanas que receberam do governo carta branca para explorar a madeira da araucária, da imbuia entre outras madeiras nobres e construir a estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Para tanto, o governo doou à Lumber, 15Km de área de cada lado da ferrovia. Isso determinava o fim da moradia e do sustento de muitas famílias posseiras. Desalojados

e sem meios de prover suas famílias de alimento, os caboclos começam a se organizar.



Figura 7: funcionários e seguranças da Lumber ao estilo “velho oeste” em 1912. Com base na imagem, não se pode dizer que os americanos não vieram preparados para confrontos com os locais.

A historiografia atesta que esses caboclos tinham perfeita consciência do que estava em jogo, quem eram seus principais adversários e o poder que detinham. Souberam se articular, aproveitar o terreno para infligir sucessivas derrotas às forças governamentais, mas foram vencidos pelo esgotamento do ambiente já devastado pela ação das madeireiras da Lumber. A fome, as constantes mudanças de paragens e contingentes militares cada vez maiores enviados pelo governo sacramentaram o destino daquela gente. Mas, o que fica para quem se debruça sobre o tema na atualidade, são a força, a perspicácia, a

capacidade de adaptação e organização de um povo considerado xucro, mas que foi capaz de encarar de frente um inimigo poderoso.

Como a maioria dos estudantes da comunidade de Bela Vista do Sul descende dos imigrantes europeus trazidos por empresas privadas em parceria com os respectivos governos imperial e republicano e se fixaram na referida região, necessário se faz, para o desenvolvimento deste trabalho, promover uma compreensão junto aos estudantes, desse processo para que seja possível empreender esse olhar abrangente que capacite o jovem estudante a situar-se no seu espaço sem desconsiderar os processos históricos do lugar somando aos seus próprios, desde a Europa dos avós e bisavós, os trajetos das alteridades anteriores que não se furtaram em deixar sua influência.

Delmir Valentini e José Radin, acerca da colonização destacam que apesar de o cenário da região não se mostrar o mais amistoso, o governo concedeu grande faixa de terra à companhia do grupo Farquhar com a finalidade também de promover a colonização no sertão catarinense. Imigrantes poloneses e ucranianos e, mais tarde, no vale do Rio do Peixe, alemães e italianos foram trazidos para trabalhar e residir nas terras concedidas pelo estado. Os autores continuam: “o término da construção da ferrovia (1908–10) impulsionou o processo de colonização intensificado a partir de Piratuba, porta de entrada dos migrantes provenientes do Rio grande do Sul” (VALENTINI; RADIN, 2012, p. 142).

Quando o governo do Paraná expediu títulos de revalidação de concessão para a Companhia Estrada de Ferro, o processo de colonização ganhou impulso. Na região do Contestado, por ser considerada pelos governantes como uma região precariamente povoada, bem como em

todo o oeste¹⁴, o processo de colonização se deu de forma peculiar. Embora habitada por grupos antigos nas cercanias, habituados a um modo de vida específico, a expansão colocou tais grupos em rota de colisão com os estrangeiros, decorrendo conflitos de diversas naturezas. A colonização do planalto norte por imigrantes europeus é bem anterior à guerra do Contestado. O primeiro núcleo, Rio Negro (hoje Rio Negro e Mafra), é uma colônia alemã criada em 1829. Através de Joinville, houve uma subida de serra na década de 1870, com a criação da Colônia de São Bento que recebeu alemães, italianos e poloneses. Por dispersão de colônias paranaenses, vários imigrantes poloneses, russos e ucranianos entraram no planalto nas décadas de 1890 e 1900. Assim, se explica a presença de descendentes de europeus durante a Guerra do Contestado, podendo-se encontra-los em ambos os lados. Um exemplo notório é a figura de Henrique Wolland, o alemãozinho¹⁵, que liderou alguns piquetes junto aos sertanejos, mas, no fim mudou de lado.

Partindo desse contexto, este trabalho fomenta o estudante descendente desses grupos, europeus, caboclos, indígenas, a uma sondagem da sua própria memória, da trajetória que desagua no reservatório da sua memória, inundando-o e desfazendo equívocos. Com

¹⁴ As companhias colonizadoras exerceram um papel fundamental na ocupação do Oeste Catarinense. A divisão da região em pequenas propriedades atendeu ao interesse do Estado em ocupar efetivamente a região e das colonizadoras que assim conseguiram maiores lucros, uma vez que a região coberta de densas florestas não interessava ao latifúndio pecuário. Além das terras, o lucro das colonizadoras provinha da comercialização das madeiras (WERLANG, 1992).

¹⁵ Alemãozinho era um fotógrafo que entrou na guerra sertaneja a convite do principal chefe rebelde da região, o Capitão Aleixo Gonçalves de Lima. Chefiou um piquete que tentou ocupar a cidade de Rio Negro, mas foi repellido pela força paranaense e grupos de vaqueanos civis dirigidos pelo Coronel Bley Neto. A memória dos moradores e sobreviventes do conflito sertanejo não consegue precisar o que foi feito de Alemãozinho após a guerra (MACHADO, 2012).

isso espera-se que o estudante possa vislumbrar a história, que possa ressignificar sua relação com seu *eu* e com as alteridades, problematizando concepções identitárias e se fortalecendo mutuamente.

3. HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL: DISTRITO DE BELA VISTA DO SUL & E. E. B. HERCÍLIO BUCH

3.1. HISTÓRIA LOCAL

Para se compreender a questão da colonização europeia na região se faz necessária uma incursão pelos processos históricos que ali se desdobraram e que registraram sua marca permanente a ponto de não deixar de influenciar a identidade dos colonos recém-chegados. Dessa forma, se faz importante a apropriação do conhecimento a respeito dos eventos fulcrais que culminaram com a chegada desses imigrantes; muito embora o objetivo deste trabalho não seja discorrer exaustivamente sobre esses temas, antes, pretende-se contextualizar os eventos históricos visando compreender as fontes que influenciaram e influenciam a conformação social desse colono. Para isso, não se pode deixar de explanar sobre as questões do Tropeirismo e do Contestado.

Há muito a historiografia tem concordado com as realidades criadas pelas experiências da atividade humana, experiências essas que não podem ser somente analisadas a partir de seus aspectos globalizantes, mas também dentro das suas particularidades e singularidades, que se manifestam principalmente e de forma rica no nível local. Essa nova postura difundida de forma generalizada a partir da escola dos Annales¹⁶,

¹⁶ A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. Desde o século XVIII, quando a História passou a ser notada como ciência, os métodos de se escrever e pensar sobre História conquistaram grande evolução. A historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa. Ainda assim, no início do século XX, questionava-se muito sobre uma historiografia baseada em instituições e nas elites, a qual dava muita relevância a

possibilitou a abertura de novas fronteiras interpretativas, ampliando o campo das fontes documentais, e estabelecendo novos horizontes para as investigações, entre os quais destacam-se a análise da realidade local, sem perder de vista o conjunto da sociedade. Outro estudioso da questão, Marcos Silva, defende a importância da história local para uma compreensão mais inclusiva da história (SILVA, 1992, p. 61).

Paul Ricoeur (2007) dirá que a importância da memória como constituinte de identidade reside nas referências que a comunidade toma sobre o seu local e sobre sua posição frente ao outro. A síntese dessa percepção remete ao enquadramento dos múltiplos ângulos a partir dos quais se torna mais contundente o olhar do historiador uma vez que a interdependência dos fatos passa a ser o fio condutor que confere, apesar de parecer o contrário, legitimidade ao objeto pesquisado. Assim, cada evento surge atrelado a um outro e esse conjunto perfaz o todo, a história local, regional e mundial, por assim dizer, conectadas não só por eventos que se desdobram, mas também por significados que surgem conforme surgem a necessidade e a conveniência. O trabalho procurou levar ao estudante partícipe essa experiência de montar tal estrutura e com ela se familiarizar, decifrando assim, por si, os caminhos percorridos pela história.

No tocante ao estudante em referência a este trabalho, após abordados os conceitos-base acima mencionados, logrou-se explorar didaticamente essa relação junto ao ambiente dos adolescentes. Pesquisas

fatos e datas, de uma forma positivista, sem aprofundar grandes análises de estrutura e conjuntura. Em 1929, surgiu na França uma revista intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e [Marc Bloch](#). Ao longo da década de 1930, a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos Annales (GASPARETTO, 2013).

e aulas expositivas foram trabalhadas em conjunto explorando as peculiaridades da região. O que para esse jovem era corriqueiro e sem importância ganhou novo enquadramento e pôde ser reelaborado quanto a sua revalorização, o que por extensão, revalorizou a relação do estudante com seu campo de vivência.

3.2 HISTÓRIA REGIONAL

Conforme já exposto, entendeu-se que a localidade em questão confere ao ensino de História oportunidade para se refletir sobre a importância desta em torno do nosso espaço de vivência e convivência, oportunizando olhares mais críticos desde sua remota origem até o presente momento. Sabe-se que a própria população local vem se alternando a partir dos primeiros habitantes de que se tem notícia, os indígenas, depois os bandeirantes paulistas que ali foram aos poucos se fixando, logo em seguida, com o movimento tropeiro, muitos deles também ali fincaram raízes, negros escravos que fugiam do cativeiro convergiam também à região, e dessa forma, se configura o sertanejo do Contestado antes do advento dos imigrantes europeus. Tudo isso observado dentro de um paulatino e rudimentar processo de formação étnico-cultural que estabelece historicidade profunda, camada após camada para nos nortear a percepção de que apenas compomos uma mais dessas camadas sobre esse espectro histórico do Contestado. Trabalhados, junto aos estudantes, os conceitos de identidade cultural, memória social e temporalidades através de leituras de textos, debates e aulas expositivas, promoveu-se uma ponte entre história regional e local na qual o estudante pôde transitar observando e indagando sobre si e os outros antes e depois dele, assim se tornou apto a compreender os vários contextos que se

desdobraram em vieses mais ou menos incisivos para a constituição da sua realidade.

Acerca do que se pode compreender como história regional e local, para Paim “a grande base para pensarmos uma história regional nos é dada por Edward Thompson, pela clareza das especificidades de suas análises, especialmente na perspectiva das relações” (PAIM, 2005, p. 177). E acrescenta que “para Thompson as especificidades das experiências e das histórias vividas, que embora localizadas no lugar do qual falamos, imbricam-se as histórias mais amplas” (p. 177). Paim aponta, em diálogo com Marcon (1996) argumentos que defendem que se façam histórias regionais, tais como: as histórias regionais, delimitando seu campo de investigação, fazem emergir os conflitos e tensões concretas vividas cotidianamente, assim as relações de poder e dominação aparecem mais concretamente; a história regional traz à tona às experiências dos grupos dominados e dos projetos que foram destruídos pelos dominantes; os conflitos e as diferentes formas de dominação aparecem quando um entrevistado, por exemplo, tem confiança no pesquisador e nomina personagens concretos como agentes da dominação, do poder e da exploração. José Mattoso, em relação a compreensão da história regional e local admite que:

A história local e regional devem partir de um estudo da relação entre o homem e o espaço habitado que o rodeia. Necessitando subsistir num determinado território, juntamente com outros habitantes que ali buscam também a subsistência, integra-se num grupo, e este, por sua vez, associa-se a outros grupos, que constituem um conjunto vasto. Os círculos em que o homem se situa vão-se assim alargando até atingirem as fronteiras daqueles que se consideram

inimigos ou totalmente desconhecidos (MATTOSO, 1998, p. 178).

Com o preparo desse solo teórico, procurou-se fazer com que o jovem pudesse atuar com propriedade dentro dos vários territórios que tal saber lhe proporcionou, ensejando-se que essa apropriação se estendesse e se intercambiasse com a alteridade também multifacetada. Aprender a olhar-se como partícipe na conformação das várias integralidades coexistentes é, talvez, uma importante motivação para a persistência de tal abordagem, daí, novas relações e novos horizontes podem se abrir para retificar e preencher erros e lacunas de interpretações passadas, o que pode ser de grande valia ao ensino de História.

3.3 HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE BELA VISTA DO SUL A PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA ESCOLA

O distrito de Bela Vista do Sul foi criado e instituído por lei municipal em 1917. Situa-se em localidade antes denominada Sepultura, foi povoada por índios e desenvolveu-se ao lado da antiga estrada da mata que por ali passava rumo a Papanduva. As primeiras famílias de não indígenas a se instalarem nessa comunidade foram os Peters, Koenig, Hohmann, Schultz, Fiates, Cornelsen, Binz, Schlukebier, Kemmerich, Hau, Leffel, Becker, Rauen, Buch, Grein, Krauss, Stocksneider, Jungles¹⁷. Essa informação deixa claro que os imigrantes alemães chegaram à região antes dos poloneses, ucranianos e italianos.

¹⁷ Projeto político pedagógico da EEB Hercílio Buch. 2017.

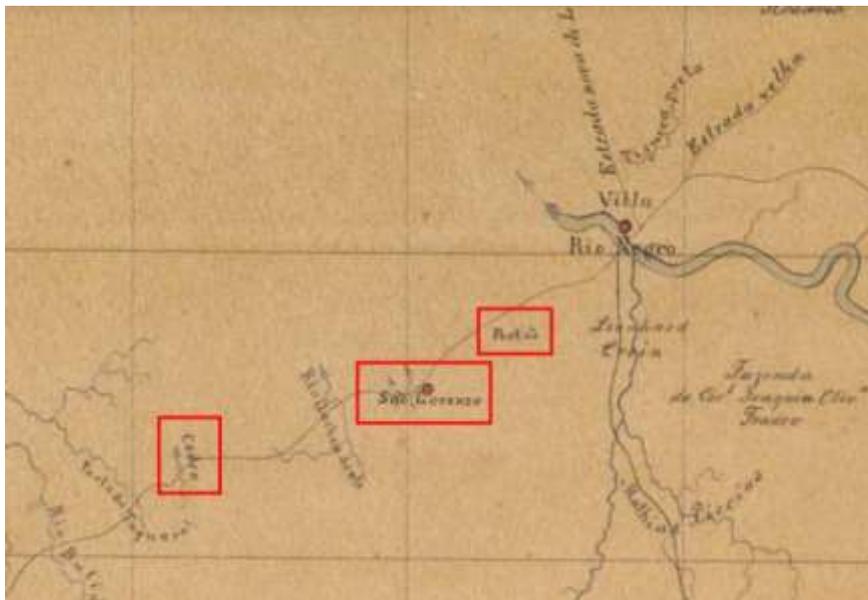


Figura 8: Bela Vista, marcada aqui como Cedro. Mapa de meados do século XIX. (CLICK Riomafrá, 06 set 2017)

Bela Vista do Sul teve, logo após sua fundação: Juiz de Paz, Delegado, Intendentes e escrivães. Sua população era estimada em torno de 400 habitantes. Com o passar dos anos, muitos moradores do distrito foram saindo em busca de melhores condições de vida e as instituições políticas foram perdendo força até serem retiradas do distrito. Um destaque que sempre se manteve na comunidade como instituição foi a Escola que serviu e serve como elo da sede do distrito com as demais localidades que o compõem. Dessa forma, a escola atendendo estudantes membros da mesma família, em diversas séries distintas, oferece essa ponte entre as comunidades como um todo, uma vez que através de reuniões da APP (Associação de Pais e Professores), gincanas beneficentes, bailes de formatura, atividades cívicas, há intensa participação de toda a comunidade escolar.

A partir da década de 1970, o distrito recebeu muitos imigrantes oriundos principalmente do meio oeste do Estado de Santa Catarina. Tais habitantes ali se instalaram devido à construção da usina Hidrelétrica de Itá¹⁸ e lá tiveram suas terras alagadas. Com as indenizações que receberam instalaram-se no distrito e ali começaram a produzir onde estão até hoje. A Educação na sede do distrito atende na atualidade perto de 500 crianças e adolescentes que têm se destacado em seus estudos pelo rendimento apresentado nas Provas de Avaliação de Desempenho dos últimos anos. A Educação tem ligação com diversas atividades dentre elas o esporte, no qual nos últimos anos o destaque tem sido o tênis de mesa.

A caracterização de elementos histórico/culturais da região se fundamenta no reconhecimento dos recursos naturais (pinhão, erva mate, madeira – *Pinus Araucária angustifólia*), na base econômica (tabaco, soja, milho, suínos, madeira – *Pinus eucalipto*) e no seu aspecto sócio cultural e histórico (colonização, tropeirismo e Contestado). Assim sendo, tanto a escola quanto a comunidade escolar estão ligadas por esse eixo que marca mentalidades, comportamentos e suas formas de valoração e priorização das suas escolhas, o que se percebe dentro da escola através do aluno oriundo desse *habitat*. É como uma conversa não falada em que todos se entendem na superficialidade cotidiana, mas se esgueiram do aprofundamento quando este é requerido; talvez pelos reflexos da extenuante lida nas lavouras de fumo desde muito cedo (inclusive, muitos dos professores/as trazem em seu passado essa mesma história juvenil), ou por intuïrem o lamento pela prosperidade prometida que não veio, ou

¹⁸ FORCELINI, M. O Programa "Arca De Nóe" e a Usina Hidrelétrica de Itá - SC. **VI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC**. História e movimentos sociais/junho, 2016.

simplesmente por não julgarem importante à sua rotina, de interesse prático, o esmiuçar histórias antigas há muito passadas; fica, assim, caracterizada a relação entre as partes mencionadas, além do que, como já sugerido acima, a origem da maioria dos docentes da escola é compartilhada com os estudantes (seja por linhagem familiar, seja por pertencerem ao mesmo processo histórico recheado de histórias de imigrantes), o que reforça esse “ideário” melancólico quase indiferente às questões aqui levantadas.

3.4 HISTÓRICO DA ESCOLA

O primeiro registro oficial da escola no distrito data do ano de 1918 tendo como professor Argemiro Gonçalves¹⁹. A escola de Educação Básica Hercílio Buch iniciou suas atividades em 1946 como Escola Isolada Estadual, tornou-se Escola Básica no ano de 1981, em 2000 passou a Escola de Ensino Fundamental e, no ano de 2002 iniciou o Ensino Médio.

A escola localiza-se no distrito de Bela Vista do Sul, município de Mafra e atende cerca de 25 comunidades diferentes²⁰, todas, embora distantes, pertencentes ao raio de atendimento da escola, a despeito das grandes distâncias entre elas.

¹⁹ DEQUECH, N. (Org.). **Revista comemorativa do cinquentenário do município de Mafra**. Mafra: [s.ed.], 1967.

²⁰ Dentre elas, Saltinho do Canivete, Butiá do Braz, Butiá dos Carvalhos, Avencal do Saltinho, Lageadinho, Lagoa Seca, Guarupu, Pedra Fina, e outras, cada uma delas apresentando forte vínculo familiar. São comunidades geograficamente distantes umas das outras, mas pertencentes ao distrito de Bela Vista do Sul, município de Mafra. Em divisão territorial datada de 2014 o município é constituído pela sede em Mafra e 2 distritos, Bela Vista do Sul e Rio Preto do Sul. Ver: <http://www.mafra.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/28127>.

No ano de 2017 conta com 419 estudantes, sendo 217 no fundamental e 202 no Ensino Médio, 23 professores, 1 assistente de educação, 2 assistentes técnico pedagógico e 3 serventes. Os estudantes da escola têm alcançado excelentes resultados na vida escolar, participando do Enem e também dando continuidade nos estudos em nível superior, segundo o PPP.



Figura 9: Professor Argemiro Gonçalves (direita) e alunos da EEB Hercílio Buch na década de 1920. (DEQUECH, 1967)

A partir de 2014, após mudança na direção da escola, iniciam-se ali transformações internas favoráveis a essa aproximação do aluno com a história da comunidade, foi possível associar tal percepção com a necessidade de, a partir do desenvolvimento dessa noção, traçar caminhos que redundassem na aquisição e construção do conhecimento visando primeiramente abastecer a região com essas novas ideias que forem sendo apropriadas. Assim, após essa mudança de mentalidade, a escola pôde comemorar seus novos números de ex-alunos que adentraram nas diversas universidades públicas, dentro e fora daquele território. Em

2015, a escola teve uma aluna aprovada na Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UFTPR), mais uma aluna e um aluno aprovados na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus Curitibanos, outro aluno aprovado na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), sem mencionar os aprovados na Universidade do Contestado (UnC-comunitária). Em 2016, foram 7 estudantes aprovados em universidades públicas, em 2017 esse número aumenta para 9, incluindo aí, estudantes na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Muitos desses estudantes representam o primeiro membro da família a adentrar uma universidade, o que muda completamente a forma dessa família organizar suas perspectivas futuras. Já é possível ver nos parentes — irmãos, primos, sobrinhos, etc. desses ex-estudantes agora acadêmicos — que atualmente frequentam a escola, a mudança de atitude diante dos desafios propostos pelos professores. Foi possível perceberem que esse caminho abriu portas, outrora fechadas a todos eles. O orgulho por ter um irmão mais velho ou uma irmã se destacando na comunidade é percebido no olhar e no sorriso dos mais novos, o que indica uma nova safra sendo preparada, e com um diferencial a mais: já viram que dá certo e querem participar também.

3.5 A ESCOLA

Conforme o apurado nas pesquisas junto à direção e secretaria que nos oportunizaram checar nas fichas dos adolescentes visando contribuir

com o andamento deste trabalho, mas também junto aos estudantes que explicitaram, após entrevista com seus parentes, que nessa comunidade predominam as atividades agrícolas, comerciais e operárias; que sua população, em boa parte é de origem alemã e polonesa, em menor número, os de origem italiana, alguns poucos descendentes de ucranianos, indígenas, sertanejos, mas nenhum negro; segundo levantamento dos sobrenomes e procedência documental quando essa existe. O nível sócio-econômico é médio-baixo — pequenos e médios agricultores, fumicultores, a cujas famílias pertencem as terras, ficando a manutenção da escola a cargo da Associação de Pais e Professores (APP). O índice de evasão escolar é baixo, em torno de 1,5% visto que a escola tem procurado conscientizar os estudantes da importância da educação para a melhoria da qualidade de vida. Além da conscientização, a melhoria no transporte oferecida auxilia a permanência dos alunos. O índice de reprovação de 2007 em relação a 2008, por exemplo, caiu, foram 31 reprovações.

O anseio da comunidade escolar é a busca constante pela melhoria e preservação da escola. Para tanto, a comunidade é bem participativa. A religião predominante é a católica. Apesar da distância do centro da cidade, a maioria dos professores da unidade escolar (U.E.) é efetiva e pós-graduada em nível de especialização. O corpo discente da U.E. é composto por pessoas de 25 comunidades diferentes pertencentes ao distrito de Bela Vista do Sul. Este é o perfil da escola.

4. MEMÓRIAS ANTIGAS E DOS ANTIGOS CONTADAS POR ESTUDANTES

Nesse capítulo serão apresentados alguns relatos de estudantes e seus familiares dando conta de informações, mesmo com base na memória, uma vez que, talvez, seja a única fonte de informação restante, mas também em documentos e fotografias. Algumas histórias costumam se repetir, o que nos mostra que já entraram para o imaginário local – como é o caso do lendário Santo Santinho dos Santos, personagem real lembrado por causa da sua morte e velório, conforme veremos a diante, o que fomentou a ideia de encantamento, não só dessa figura, mas de outros que adentraram a mata e nunca mais regressaram. Parece que sempre o ocorrido se dá nas vizinhanças, não obstante a vasta extensão da região. A memória tem a capacidade de “materializar” eventos, expectativas e medos, e pode mesmo servir como elemento de autopreservação fazendo com que o indivíduo ao se lembrar de um ocorrido, se posicione de maneira mais alerta do que o habitual. Outras são reveladas sem paralelos, exibindo pelos detalhes que se tratam de informações mais sólidas e coerentes se comparadas com outras informações já conhecidas.

Partiu-se de um questionário padrão: o que seus pais ou avós se lembram de terem ouvido falar em família ou na localidade em que residem acerca da Guerra do Contestado? Como e quando sua família se instalou na região? Seus familiares chegaram a manter contato com os habitantes anteriores? Que fatos foram mais marcantes sobre a história da sua localidade a ponto de chegarem até os dias atuais? Mas, a despeito das possibilidades a serem exploradas a partir da contrapartida dos

entrevistados, parece que se confirma o que Paulo P. Machado (2001)²¹ diz a respeito da resistência dos antigos em responder certas questões referentes ao ocorrido na região. Dessa vez não apenas os remanescentes dos sertanejos se calam, mas também os descendentes dos primeiros imigrantes europeus optam por sepultar o assunto quando se trata de levantar questões tão basilares para se compreender o espírito que ficou logo após a guerra. As questões acima propostas não surgiram, senão, pelo meio elementar e básico para que se inicie e se aprofunde em novas perguntas ou conversas. Talvez se o ambiente não fosse este específico tais respostas seriam dadas sem maiores conflitos.

Pensando em promover uma apropriação, junto a estes estudantes, dos desdobramentos históricos que contribuíram para montar o arcabouço histórico ao qual se soma a sua própria jornada até a consolidação do cenário histórico/social atual, é que se pretende fomentar nesse estudante, a capacidade de compreender os processos históricos que culminaram na conformação da Bela Vista contemporânea.

Incorporarei pedagogicamente essa revisão, fazendo com que os estudantes se tornem protagonistas da sua própria construção histórica e os compreendendo como mais um elemento ativo desse todo multifacetado, é que se visa deslocá-los da tradicional posição de elemento subalterno²² desse processo de ensino-aprendizagem, para

²¹ Sobre esse respeito, ver item *Observações sobre as fontes orais*, da tese de doutorado de Machado (2001).

²² Ao se analisar a visão tradicional do processo de ensino/aprendizagem, verifica-se que a verticalidade da informação, vinda de cima para baixo, cria um ambiente de subalternidade no qual o professor ocupa posição mais elevada do que os estudantes, fato que pode redundar na construção de um adolescente passivo e dependente da informação por via de outrem. Deslocando o estudante dessa posição, espera-se que o mesmo, gozando de equivalentes condições de

protagonistas da sua própria reconstrução. Para tanto, necessário se faz empreender um ensino de História dinâmico, plural, inclusivo, participativo e em constante diálogo com cada elemento dessa abordagem, sejam eles estudantes, professores, familiares, moradores, entre outros. Nesse sentido, o Ensino de História objetiva fazer com que os estudantes saibam compreender os fatos passados e se ver como parte desse percurso, percebendo que suas múltiplas experiências tomaram parte na composição da sua identidade plural. O Ensino de História, assim, proporciona junto aos estudantes a oportunidade de perceber conceitos a ponto de empregá-los a cada apreciação de um ou mais fatos históricos sem perder de vista a reflexão dos seus papéis sociais nesses diversos contextos.

Em vista disso, se proporcionará meios para que o estudante possa compreender o processo histórico e patrimonial da Bela Vista do Sul; se conscientizar de que sua inserção nesse processo vem também de uma prática pedagógica pela qual se apropriará do novo saber discutido a partir do contato com historiografia específica abrangendo temas como: colonização da região sul; presença indígena no planalto norte catarinense; tropeirismo; contestado e colonização europeia como contextualização. Aceitando como método pedagógico uma abordagem mais ampla do trato com o conhecimento, conforme empreende Circe Bittencourt: “descartamos a concepção de disciplina escolar como uma mera vulgarização do saber erudito e a entendemos como um corpo dinâmico de conhecimento elaborado por especialistas que não compartilham de maneira pacífica com os conteúdos, métodos e

diálogo e reflexão, se favoreça quanto ao que for, dessa forma, descoberto ou aprendido em parceria com o professor, p. ex. (N. do A.).

pressupostos [...]”. (BITTENCOURT, 1993, p.193). Ou seja, esta autora esclarece que tal saber se vincula estritamente com as especificidades de cada escola e seu público, e não com a escola idealizada e replicada como se esta existisse de fato. Dessa abordagem proposta, surge uma nova relação de saber, desde a prática social de seus agentes fundamentais. Estudantes, professores, direção, comunidade escolar, como um todo, interagindo de acordo com suas particularidades e necessidades. Além disso, a escola passa a ser um local de reflexão do próprio *eu* que é colocado em diálogo constante com alteridades diversas, complementares ou não.

Sabendo-se que toda construção histórica nos moldes tradicionais sofre influência dos agentes orientadores da sociedade os quais pretendem determinar *o que e como* se deve considerar como fator simbólico a ser registrado nos livros e ensinado nas escolas — e, como agentes orientadores, entendemos serem aqueles que detêm as condições e o interesse de que sua versão da história seja a verdadeira, promovendo a manutenção do *status quo* em detrimento da criticidade, na formação das futuras gerações; acerca disso, Gramsci assevera: a unidade histórica das classes dirigentes é produzida no Estado, e a história dessas classes é essencialmente a história dos Estados e dos grupos de Estados. (GRAMSCI, 1977, p. 2288) — nesse sentido, torna-se fundamental explorar autores que questionam tais orientações e apresentam novos olhares à prática do Ensino de História, como Flávia Caimi, cujo enfoque do seu trabalho se direciona para questões referentes ao Ensino de História. Diz ela:

O discurso polifônico, presente na reflexão sobre a prática, permite que as interlocuções potencializem

a relação dialógica entre os sujeitos que dele participam e que produzem enriquecimentos mútuos: professores e alunos (CAIMI, 2008, p. 197).

Circe Bittencourt (2008, p.165), abordando categorias como Cotidiano e História Local esclarece que a sua associação com a história de vida dos estudantes possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva. Compreende-se História Local como uma forma de se estudar história a qual auxilia a percepção e elaboração dos processos que desvelam e compreendem as formas como os indivíduos se constituem historicamente em seus *modus vivendi*, ocorridos em espaços que são socialmente determinados e/ou projetados pela esfera político-econômica sob a silhueta estrutural, por exemplo, de “cidades e bairros”. A História Local é, portanto, a que diz respeito a questões referentes a determinado município, cidade, distrito. Embora esteja relacionada à história global, ela é caracterizada pela valorização das particularidades e pela diversidade. Dela se parte rumo à construção de uma identidade regional; por isso, tem sido aceita como história do lugar. Desse modo, a localidade, o local, se tornam objeto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado. Partindo desse local é que o aluno dá início à construção de sua identidade tornando-se paulatina e conscientemente o arquiteto dessa forma particular de se ver no seu grupo social, bem como na sociedade como um todo, muito embora não se trate em nenhum momento de uma prática homogênea nem linear, muito ao contrário, sujeitos que estamos às imprecisões da vida, também nos debatemos em nós mesmos nos deparamos estranhamente com o que somos.

A História Local basicamente está ligada à História do Cotidiano ao promover as pessoas comuns ao status de atuantes de uma história aparentemente de menor importância, além de pontuar novas relações entre os grupos sociais diversos os quais compartilham entrecruzamentos de histórias tanto no presente quanto no passado. Este “local” é o espaço primeiro da atuação do homem, por isso, o ensino de história local carece construir essencialmente essa proposição acerca de uma reflexão permanente que considere as vivências dos sujeitos históricos ali inseridos. Logo, o ensino de História Local pode conformar-se como *lócus* no qual o espaço físico e o presente são significativos para a construção da identidade. Dessa forma, o espaço e o tempo são elementos basilares para a percepção dos fios que formam a trama da história sobre a qual o sujeito se estabelece enquanto individualidade e se relaciona enquanto ser social. Assim, lê-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997:

Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta dos estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, não os classificando como mais evoluídos ou atrasados (Brasil/MEC/SEF, 1997, p. 52).

No âmbito do ensino de história, também se pode observar que o objetivo não é apenas a transmissão da informação sobre determinado tema. Ao contrário, requer que o aluno seja parte ativa nesse processo,

preparado para entender a história como elemento dinâmico e indissociável do presente em que está inserido. Como mostra também o mencionado PCN:

O ensino e a aprendizagem da História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas (Brasil/MEC/SEF, 1997, p. 39)

Assim, é necessário que, tanto a escola quanto a comunidade escolar, que se faz representar ali pela figura do estudante, estejam atentos e preparados para explorar essa dinâmica mostrando que tal qualidade distintiva é própria do desenvolvimento humano em sociedade e que tal princípio pode favorecer aos melhores ajustes relacionais dentro desse bojo de situações. Para tanto, é essencial que professor e aluno tenham claro que: “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos” (BITTENCOURT, 2012, p. 57).

As autoras Caimi e Bittencourt, e não apenas estas, figuram obrigatoriamente nos debates que visam compreender — ou ampliar essa compreensão — os porquês de temas tão relevantes como, por exemplo, estes que estão postos na composição histórica da região aqui abordada, a despeito do que rezam os PCNs, aparecerem tão pouco na literatura dos ensinos fundamental e médio. Isso fornece alguma pista acerca das escolhas dos enfoques pelas elaborações dos currículos tradicionais. Por isso, evidencia-se a necessidade de explorar o tema proposto por este

projeto haja vista (e não obstante os esforços de vários historiadores que elegeram estes mesmos motes para debruçarem-se) o desconhecimento histórico por grande parte dos discentes não só de Bela Vista do Sul, mas também de toda a Região Contestada; evidenciando a máxima do discurso do vencedor que adentra os mecanismos de formação dos profissionais da área e estes o reproduzem aos seus alunos os quais assimilam o conteúdo erroneamente ou sequer o assimilam. Assim, reconhece-se a reabertura de campos para que se produzam novos saberes e ressignificações acerca da vivência deste jovem estudante.

Daí, torna-se flagrante o exercício dessas relações, não só para o pesquisador/professor, mas com o estudante, pois é possível que, no caso deste, o contato com elementos da memória e/ou fontes primárias estejam sob sua guarda ou dos seus familiares, cabendo ao professor elaborar mecanismos de acesso a todo esse material. Também é graças ao empenho de uma nova leva de pesquisadores que a escassez de evidências renovadoras das teses sobre a região do Planalto Norte, está sendo superada; fato que promove uma reorganização do olhar sobre aqueles entrelaçados fios da história.

Diante do exposto, o trabalho propôs-se a criação de um projeto de ensino de história local, projeto que atende às exigências do Profhistória sendo ao mesmo tempo um elemento propositivo que contemple o Ensino de História, no caso presente, com jovens da EEB Hercílio Buch, identificando a influência de determinados processos históricos (tropeirismo, contestado e colonização) sobre suas experiências, e, como forma de apresentação do resultado do trabalho, se confeccionará um apêndice à essa dissertação com os relatos de memória colhidos junto aos familiares e antigos membros de Bela Vista.

Eventualmente esse material poderá ser convertido em um e-book que poderá se chamar *Santa Catarina Planalto Norte: você sabia?*. Feitos os debates necessários e as pesquisas, propõe-se a confecção do plano de aulas com a organização dos conteúdos apresentados pelos estudantes. Pretende-se com isso promover o interesse da comunidade escolar, sobretudo, mas também de toda a comunidade local sobre as questões abordadas pelo trabalho: história local, memória, patrimônio e os relatos de experiências tanto dos estudantes quanto dos familiares visando fornecer indicações, através dos eventos trazidos à tona, das escolhas e imposições apresentadas pelas tensões e acertos entre os grupos envolvidos nas diversas esferas da sociedade.

Sugestões de início de abordagem em relação ao tema proposto.

O(a) professor(a) terá total flexibilidade para melhor atrair o estudante para as questões pertinentes, o que foi executado plenamente em sala de aula e assimilado pelos estudantes.

- 1) Familiarizar o estudante quanto à constituição histórica de Bela Vista do Sul dialogando sobre história regional e local.
- 2) Contextualizar historicamente a região: tropeirismo, contestado e colonização.
- 3) Proporcionar a percepção acerca do que vem a ser Patrimônio Cultural.
- 4) Justificar junto ao estudante o propósito do trabalho que é contribuir para que este perceba sua construção identitária como parte de um todo multifacetado.

- 5) promover a compreensão de que Bela Vista do Sul é parte desse processo de apropriação de terras e riquezas pelo governo e por capitalistas estrangeiros, sendo que para isso foi necessário a substituição da população sertaneja por europeus, brancos e supostamente melhor instruídos quanto aos novos ventos do “progresso”.

Tomando como ponto de partida minha prática docente na referida escola, foi possível identificar a falta de conexão entre os estudantes e a contextualização histórica da região o que leva o jovem a desqualificar-se como elemento integrante de uma cultura densa e repleta de contribuições. O desconhecimento desse jovem estudante a respeito do seu próprio processo de construção e reconstrução como sujeito o leva a assumir uma postura de pouca atribuição de valor perante seu contexto histórico e social. A influência da mídia, por exemplo, tende a nivelar o jovem de todas as regiões, o que, embora seja um fenômeno contemporâneo nessas dimensões, não deixa de gerar algum conflito nesse indivíduo pois este ainda tem de lidar com um tipo de vida e atividade muito distintos dos que recebe como referência; além disso a engrenagem social deliberadamente o desfavorece enquanto indivíduo em formação, desestimulando-o e ao mesmo tempo mostrando-o seu lugar previamente reservado por terceiros nas mais altas escalas políticas e econômicas. Como professor, pude perceber tal comportamento como algo que está ocupando o lugar de uma percepção histórica capaz de promover, após essa tomada de consciência, o reconhecimento desse fluxo histórico (embora não linear, complexo, tortuoso e difuso) em si e no outro, o que poderia levar esse estudante a reformular suas

perspectivas e reconsiderar o que se estabeleceu com base tanto no senso comum quanto em um conhecimento escolar ainda engessado e oficial.

Dessa forma, a proposta desse trabalho não deixa de ensinar um exercício de aprendizado mútuo e isso é o que a pesquisa traz de mais enriquecedor ao nos mobilizar para discutir o tema. Além do que, a proposta coaduna com os objetivos do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) uma vez que, tanto promove esse novo diálogo com o estudante, familiares e demais docentes, quanto contribui para o aprofundamento de questões viscerais da condição vulnerável do homem em sua eterna busca por subsistência e plenitude, além de reforçar o debate histórico dentro e fora do meio acadêmico.

O reconhecimento de pertencimento pelo compartilhamento das várias faces da mesma história cujas várias identidades dialoguem, tem em si o poder agregador de juntar lazer, cultura, história, atuando como força motriz para alterar o modo que uma população interage com seu espaço e seu patrimônio cultural. As conexões que surgem desse advento, como agricultura familiar, pequenas e médias indústrias locais, comércio, artesanato, recreação e lazer, permitem um olhar sobre as relações humanas e a história local, influenciando a economia, política local e regional e enriquecendo o patrimônio histórico cultural de uma determinada população. Sem a compreensão do que vem a ser patrimônio, do que ele representa como matriz para a criação de um *modus vivendi* em torno de um ideário comum, ressignificado e reapropriado, não é possível haver a devida conexão entre o transcurso da história que desemboca no arcabouço cultural de uma comunidade. Hugues de Varine ressalta que:

O patrimônio é o resultante material e imaterial da atividade criadora contínua e conjunta do homem e da natureza. Nessa condição ele religa concretamente o passado, o presente e o futuro. [...] Fonte, expressão e solo de cultura viva das sociedades e das comunidades, ele é também o trampolim a partir do qual a iniciativa de desenvolvimento pode engrenar e tomar seu impulso. (VARINE, 2012, p. 43).

Ao se implantar um projeto que promova a ideia da ressignificação da identidade — tomando como base as análises de Stuart Hall²³ sobre o tema que considera as identidades das nações modernas como “híbridos culturais” — mesmo com o viés de se priorizar os elementos históricos culturais do local, promove-se impactos sociais que afetam todos os envolvidos; o planejamento torna-se importante para exploração e melhor aproveitamento das características históricas da localidade.

O explorar desse contorno histórico como forma de ressignificação sociocultural quer levar a uma apropriação da memória fazendo dessa o

²³ Ao abordar a questão das identidades, Hall propõe que se explore alguns pontos acerca da identidade cultural na modernidade tardia e que se confirme a existência ou não de uma crise de identidade, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. Nesse sentido, ele determina três tipos de identidades genéricas: a do sujeito iluminista, individualista; a do sociológico, interacionista; e a do pós-moderno, o da celebração móvel. Hall nos deixa a questão: o que muda de um extremo ao outro? A permanência, a certeza e a continuidade não se confirmam e nos mostram essa característica volátil que se desprende das taxações. Como exemplo, menciona o sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, que foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (p.46). Na desconstrução da ideia de cultura nacional como identidade unificadora, o autor refere que as culturas nacionais, na verdade, “são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (p.62). Neste sentido, para o autor, as nações modernas são verdadeiros “híbridos culturais”.

elemento propulsor de uma nova percepção acerca do indivíduo, do coletivo e seu meio. Dessa forma, esse projeto pretendeu estabelecer a ligação entre o patrimônio histórico/cultural dessa comunidade e seu desenvolvimento sociológico, permitindo que o jovem possa vislumbrar, nessa nova perspectiva histórica, um novo retrato em construção de si dialogando com as folhagens conjunturais sobrepostas, embora muitas vezes conflitantes, de cada momento histórico, visualizando-se como parte intrínseca de todo esse processo em constante movimentação.

Como já mencionado na introdução, embora, não seja exagero repetir, sabe-se que o patrimônio cultural é o conjunto dos bens produzidos por uma sociedade que tenha relação com épocas, costumes, significados e que deixe para a posteridade não a simples ideia de continuidade e pertencimento, mas sobretudo, o entendimento do que é considerado patrimônio que advenha de um reconhecimento do coletivo, e não necessariamente deva ser algo consensual e nem sempre remeta a pertencimento ou tenha que ser deixado para a posteridade; bens esses que podem ser materiais e imateriais, os quais, em consonância com os grupos sociais, os conferem salvaguarda visando sua preservação. Podem redundar também em tensões entre grupos quando há divergências entre o simbolismo do item tombado, ou seja, se para um determinado grupo, tal personagem ou tal prática remetem a desconstrução simbólica de outro ou outros grupos.

Quanto à memória social Maurice Halbwachs (2004, p. 41) afirma que: é a “essência do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto”. Ainda sobre esse respeito, Pollak afirma que:

Em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente e que quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p.203).

Dessa forma, patrimônio cultural e memória social estão ligados por teias de diversos matizes, origens, histórias, percepção de temporalidades, etc. Nesse aspecto, um elemento se soma aos dois anteriores, para gerar um suporte em que percorram as demais percepções: a temporalidade. Diz Comte-Sponville:

O tempo precisa da alma, não para não ser o que ele é (o tempo presente), mas para ser o que já não é ou ainda não é (a soma de um passado e de um futuro), em outras palavras, para ser o que nós chamamos de tempo: ele necessita da alma, não para ser o tempo real, o tempo do mundo, ou da natureza, mas para ser, e é bastante lógico, o tempo da alma [...] a unidade – na consciência, por ela, para ela – do passado, do presente e do futuro. A temporalidade (SPONVILLE, 2000, p. 30).

A temporalidade é, portanto, o suporte pelo qual percorrem, por assim dizer, as pinceladas do artista. O desenrolar das vivências, seus resquícios (passado) e suas expectativas (futuro), tudo em um único “presente” feito de sucessivas emendas de vidas (almas) ao longo do tempo. Para o ensino de história, a percepção desses três elementos possibilita ao aluno aperceber-se como agente continuador daqueles valores que recebeu, aquilo que o faz se identificar com as alteridades do seu meio. Obviamente essa não é uma ação estéril, passiva ao recebimento e entrega. A contribuição desse agente histórico à

posteridade é o que garante o caráter dinâmico desse processo e o que confere ressignificados.

Avançando um pouco mais em direção ao que se pode empreender mínima, mas rigorosamente em termos de um método qualitativo, Eloy Tonon (2016, p.181) contribui sugerindo que:

Trabalhar com o ensino de História exige ultrapassar o enfoque voltado aos “heróis” nacionais e às datas comemorativas. Esse avanço consiste em um trabalho com a memória histórica pela reconstrução das histórias de vida, por meio de procedimentos que favoreçam a produção do conhecimento. O aluno deve fazer parte desse processo, tendo o professor como mediador e a pesquisa como aliada. O professor deve exercer o papel de mediador na produção do conhecimento histórico a ser realizada pelos alunos, tendo a pesquisa como eixo norteador do processo. Além de trabalhar com o conhecimento já sistematizado, deve promover o diálogo com memórias e com as vivências dos alunos, usando a documentação histórica, o patrimônio histórico e a história oral. O trabalho escolar pautado em iniciativa dos alunos, com atividades que extrapolem o espaço de sala de aula, envolve pesquisas significativas, com objetivos predefinidos e aplicação direta junto à sociedade local, e acaba por vincular o ensino de História às experiências cotidianas dos alunos.

Assim, a metodologia empregada no presente trabalho, que diz respeito à parte da seleção do conteúdo que foi desenvolvida com os estudantes, observando as sugestões de Tonon, utilizou-se, entre outras coisas, da pesquisa bibliográfica que contém dados da região de Bela Vista do Sul no contexto da colonização europeia com recortes históricos do Tropeirismo e Contestado. Levantamento de informações junto aos parentes dos mesmos, material iconográfico, relatos de memória, objetos

relacionados ao período e ao lugar, etc. Referente à prática pedagógica com enfoque sobre esses temas, utilizou-se o caminho mais natural, a saber, a explanação e o debate acerca das relações que se formam no entorno do estudante dentro do espectro abrangido pelo presente trabalho. A pesquisa se relaciona com a prática pedagógica da maneira mais direta, através da análise bibliográfica posta em debate em sala de aula, num primeiro momento. Para que a pesquisa permanecesse dentro do seu enfoque original foi proposto aos estudantes que passassem a se ver inseridos nessas descobertas. Pediu-se que ao se apropriar das várias histórias que compõem a história do lugar, houvesse uma tentativa de cada jovem de se inserir no local que lhe coube na história e de outra feita, que se inserisse no local que coube a um outro de sua livre escolha. Por último, que assumissem o lugar ocupado pelos remanescentes sertanejos, ao que parece terem afinal, compreendido o drama daquele cenário tão óbvio e tão invisível. Daí para frente, seguindo as outras fases do trabalho, tudo ficou mais fácil e os jovens mais colaborativos. Acerca da estruturação da prática pedagógica ora proposta, será discutida mais abaixo.

Como parte da visita à região onde existem os *caminhos fundos* e traços do tropeirismo e da guerra, colheu-se relatos de pessoas que pertencem a famílias antigas, que puderam de alguma forma ter contato com esses momentos históricos; é o caso da professora aposentada de 94 anos, D. Iracema Peters Toso (Toso, sobrenome de casada); seu nome foi indicado pelos estudantes partícipes deste trabalho. Lecionou na Escola Pública Estadual [*sic*] — como era chamada genericamente em sua época — a partir da nomeação à frente do município de Mafra, do Prefeito Pedro Kuss (1935 – 1947).



Figura 10: D. Iracema Peters Toso, 94 anos, natural da Bela Vista.
Acervo da família Peters

D. Iracema Peters, que nasceu em Bela Vista, filha de D. Custódia, menciona o nome da sua antiga professora, Elinora Carmen Siqueira e sua diretora, Joanita Holmann. Em menção aos tropeiros, D. Iracema afirma que, dentre outras coisas, vendiam fumo. Talvez esteja aí a gênese dessa atividade que dá forma à agricultura da região, a fomicultura; reflete a antiga professora. Chegavam em tropas, duas vezes ao ano, e se instalavam perto da área onde atualmente encontra-se a EEB Hercílio Buch. A escola à altura, ficava situada no local onde hoje está

edificada a Igreja de Santo Antônio naquele distrito, segundo D. Iracema. Ainda, de acordo com ela, havia no Saltinho do Canivete, um madeireiro chamado Ovande Steidel, que “abria” madeira para a Lumber. O interessante nos relatos de D. Iracema é o mapa mental da região o qual revela o quão diferente era o lugar em relação ao presente. Nascida e criada na mesma localidade, a professora aposentada testemunhou toda a transformação por que passou Bela Vista. Este dito sítio, segundo D. Iracema, ainda ressentia do seu passado tenebroso quando ostentava o sugestivo nome de Sepultura, nome que fazia menção aos diversos crimes perpetrados por bandoleiros, índios e outros criminosos, os quais, cientes de que ali era rota de tropas, criavam emboscadas para assaltar as preciosas cargas, mesmo que para isso promovessem assassinatos, conforme já mencionado. Tais reminiscências inundavam o ideário daquela gente ainda na época de mocidade de D. Iracema, conforme nos contou.

Além de D. Iracema, também nos relata D. Laurinda de Jesus dos Santos, de 77 anos, neta do proprietário de terras Francisco Rosa dos Santos, aparentado do Capitão Vieira da Rosa Araújo (vaqueano legalista), do antigo Butiá dos Rosa, dizendo que seu avô devastou suas florestas de Araucária, Imbuia e Bracatinga vendendo-as indiscriminadamente, mais uma vez, para a Lumber; o que mostra que a prática de fornecer madeira de terras particulares para essa madeireira também era bastante comum e aceitável.



Figura 11: D. Laurinda Santos, 77 anos. Bela Vista.
Acervo família Santos

Assim procedia a maioria dos proprietários de terra na região. Mas além dessa ligação dos pequenos e médios proprietários de terra e madeira nobre com a Lumber, — não se trata aqui dos caboclos posseiros uma vez que os proprietários detinham a documentação de suas terras, seja por herança ou por aquisição²⁴ — havia serrarias pertencentes ao mesmo

²⁴ Os jornalistas Edinei Wassoaski e Priscila Noernberg, acompanhados do historiador Fernando Tokarski, contam que quando souberam da exploração das terras contestadas pelo capital estadunidense, os coronéis que aqui conviviam pacificamente [sic] com os caboclos que invariavelmente eram seus funcionários, trataram de, valendo-se dos favores do Estado, legalizar as terras ocupadas por eles e até então sem grande valor. Os mais simplórios que também ocupavam o território mal sabiam o que era um cartório. [...] Quando a ferrovia foi construída, boa parte das terras já não era mais devoluta porque os coronéis tinham posse legal das propriedades. Em 1911, blindados os coronéis, quem ocupava a área foi expulso sumariamente pela Brazil Railways. A ideia era destruir as florestas e colonizar a área. [...] Poupano apenas os coronéis e políticos influentes que tinham fazendas às margens da ferrovia, cumprindo, vez ou outra, o “favor” de “limpar” os terrenos dos ricos, derrubando árvores nativas, abrindo espaço para pastagem, a Lumber avançou expulsando os “posseiros” de suas terras. Depois de expulsá-los das terras adquiridas e de extrair a parte mais valiosa, a madeireira

proprietário das terras e florestas como é o caso dos Rank, os quais deram nome ao lugar conhecido como Contagem Rank, em Augusta Vitória-SC. Pode-se ver aí uma atividade terceirizada, com as pequenas serrarias se encarregando da própria mão-de-obra.



Figura 12: serraria particular da família alemã Rank em 1912, ano de início do conflito.

executaria a segunda etapa de sua finalidade, vendendo gradativamente os terrenos a imigrantes. Fonte: <https://medium.com/@cnonline/100-anos-do-fim-da-guerra-do-contestado-a3e55f49d981>. Acesso em 02/08/2017.



Figura 13: imagem tirada em 1912 em Contagem Rank, Augusta Vitória-SC. Material cedido pelo estudante Lucas Eliseu Jasniewski, neto de Paula Rank Jasniewski. Vista da serraria da família Rank.



Figura 14: A título de comparação: vista parcial da serraria da Lumber em Três Barras-SC, a maior da América do Sul (Correio do Norte, 27 set 2016).

O estudante geralmente reconhece essa prática como usual nos tempos dos seus avós. Eventualmente menciona a atividade como

esgotada, o que fez as famílias optarem pela cultura do fumo. Atualmente a extração de madeira está restrita ao manejo extensivo do eucalipto, o que redonda em mais um tipo de agressão ao meio ambiente, uma vez que tal atividade necessita de vastas extensões de terra utilizada pelo mesmo cultivo em substituição às espécies endêmicas variadas, ao passo em que a Araucária, árvore símbolo da região Sul, não apenas do planalto, começa a dar sinais de escassez.

Para explorar um meio de percepção, junto ao estudante, acerca da exploração compulsória pela qual passa sua região desde os tempos da Lumber, no intuito de evidenciar uma importante estratégia implementada tendo como parte desse projeto a substituição de populações, usou-se propor algumas questões: se o/a estudante reconhece que a comunidade de Bela Vista do Sul (em outros momentos, chamada de Sepultura e Erveira) fez parte da Rota de Viamão na época do tropeirismo e se tem ideia das características ambientais da época? Ao que responderam afirmativamente após o contato com material textual citado e em entrevista com familiares, afirmaram que a mata de araucária cobria a totalidade da extensão de Bela Vista. O intuito desse debate foi determinar por via da memória dos mais antigos e de material iconográfico se a diferença entre o ambiente local na época do conflito ou mesmo após este era flagrante se comparada aos dias atuais, conquanto todos foram unânimes em afirmar que sim, que a diferença é imensa.

Outra questão foi: em quais locais da propriedade familiar, ou próximo a ela, existem preservados registros de eventos ligados ao tropeirismo e à Guerra do Contestado? As respostas, obviamente foram variadas, destacando-se notadamente um tipo de afirmativa duvidosa, mas, grosso modo, houve o reconhecimento desses vestígios do tipo

caminhos fundos, produzidos pelas mulas ao longo do tempo, túneis supostamente usados pelos sertanejos como esconderijo, ermidas alegadamente plantadas pelo Monge. O que ficou dessa entrevista em sala de aula foi que os estudantes nada mais tinham do que uma ideia geral sobre a questão, isso mostra a deficiência de uma abordagem menos atenta em relação à história local. Outra pergunta foi: quais as famílias nas quais houve membros que participaram do conflito que descendem dos imigrantes europeus que ali se fixaram? Poucos souberam responder, mesmo após as pesquisas. Porém é possível encontrar sobrenomes familiares que estiveram diretamente ligados ao ocorrido e ainda possíveis de serem encontrados não apenas na escola mas na região. Acerca dessas famílias de imigrantes que se envolveram diretamente nas contendas, destacam-se os Pauli, Wolland (Alemãozinho), Reinhardt, Globber, Schumann, Bley, Rupp, Hass, Helmich, Nabor, entre outras²⁵; muito embora, dessas famílias citadas, contamos como estudantes alguns dos seus descendentes, com exceção dos Wolland.

Um evento ocorrido no bairro de Vila Nova, envolve a participação de um familiar de alguns alunos o qual teve um final trágico. A família Pauli, descendente de italianos, é bastante numerosa em todas as regiões de Mafra, porém os estudantes parecem desconhecer essa história, que mostra o descontentamento de parte da população com algumas lideranças rebeldes. Abaixo, resumo do ocorrido e colagem com nome dos principais personagens da Guerra.

²⁵ Cf. Especial cem anos da Guerra do Contestado. Correio do Norte. P.19. dez/2012.

O temor da população tornou-se realidade em 29 de agosto, quando Henrique Wolland, conhecido como "Alemãozinho", com um grupo de 300 homens chegou pela estrada do São Lourenço, estacionou sua tropa na localidade de Portão e, após verificar a inexistência de tropas militares na cidade, rumou para o centro junto de um piquete com cerca de 17 caboclos.

A fuga de habitantes, a ausência de forças militares e o próprio receio da população em reagir contra um inimigo o qual não conseguiam dimensionar, fez com que a incursão se desse sem qualquer ameaça ao bando, que após saquear a estação ferroviária, roubou um revólver e munição de uma loja na rua Felipe Schmidt, perto da Sociedade Zepellin, e passou a percorrer calmamente as ruas da cidade.

É nesse ponto que a figura do mafrense José Pauli surge. Esse agricultor que vindo da Vila Nova tentara sem sucesso reunir alguns homens para enfrentar os invasores, aproximou-se à cavalo de Alemãozinho, usando uma fita no chapéu como os fanáticos costumavam utilizar, sacando sua arma disparando duas vezes contra o líder do bando.

A atitude, que por muitos pode ser classificada como imprudência, loucura ou mesmo heróica, pelo fato de colocar-se em risco em prol do benefício de uma coletividade, rendeu a Pauli um lugar tanto na história mafrense e do próprio conflito, porém não da forma pela qual se ambicionou. O primeiro tiro perdeu-se e o segundo falhou, não resultando mais do que apenas chamuscar a camisa de Wolland que, reagindo alvejou Pauli pelas costas quando ele tentou fugir e, entre gritos de raiva e valentia, passou a conduzir seu bando pela rua, deixando o mafrense caído ao chão.

<http://www.clickriomafra.com.br/portal/noticias/riomafra/?p=12065>

Figura 15: Relacionando familiares de alunos com os eventos da guerra:
os Pauli

Outra questão respondida, dessa vez com maior convicção foi: faz-se necessário a significação dos processos que formaram o patrimônio histórico-cultural desta região permitindo a evidenciação de elementos formadores de identidade? Com resposta afirmativa e unânime, os estudantes demonstraram compreender que a significação da sua existência dependia da percepção e apropriação dos fatores do seu passado, em variados tons e matizes e entrelaçados uns nos outros. Os eventos históricos que os levaram até ali foram muitos e variados, muitas vezes coincidentes com os de outros indivíduos e muitas vezes

antagônicos, porém é essa teia de enredos que conforma as paisagens humanas e lhes asseguram um presente multifacetado. Isso parece ter ficado claro aos estudantes que participaram deste trabalho.

Principais PERSONAGENS na Guerra do Contestado

IRMANDADE DE SÃO SEBASTIÃO:

Elas de Moraes - Elias de Sousa - Maria Rosa de Sousa - Francisco Albino de Sousa - Estelito Ferreira dos Santos - Iracema Gomes Damasceno - Joaquim Gomes Damasceno - Benedito Pereira de Oliveira (Chato) - Dinoré Pedro de Oliveira (Chato) - Elias de Melo - Alguem Luciano Boaventura (José Maria) - Henrique Wolfand (Járra) - Marcel Abreu de Assumpção da Rocha - Maria do Carmo - Cláudia Helger - Coronel - Magnolia - Teresinha - Glendineira (Sulhermeine) - Agostinho Sarabia (Castilhano) - Francisco Paes de Faria (Chico Velho) - Manoel Teixeira (Vinteos) - Joaquim Germano - Gustavo Reinhardt - Imácio Saraceni - Romário José dos Santos (Bonifácio Papaiúva) - Antônio Tavares Júnior - Francisco Salvador - José Rato - os vidreiros Teodoro e Joaquim dos Santos (Pete e Filho de Estelito) - Sebastião Campos - Guilherme Paes de Faria (Guilherme Ventura) - Deffino - Antônio Murilo Gomes - João Paes de Faria (João Ventura) - Tobias Lourenço de Sousa - Antônio Manoel Ramos - Olegário Maria (Wegro Olegário) - Francisco Maria Cananga (Chico Pêra) - Benedito Albino de Lima (Benito Bares) - Coronel Góber - Manoel Lino de Jesus - Manoel Germano - Ignácio Gonçalves da Lima - Aleixo Gonçalves de Lima - Francisco Sull de Oliveira - Heróides de Albuquerque - Joaquim Gonçalves da Lima - João Alencar - Moreira - Vinício Buzze - Manoel Moraes (Pai Velho) - Raulino Pereira da Silva - Paulo Ribeiro - Francisco de Almeida - Cipriano de Almeida - Henrique Matt - Estanislau Schwaner - Vazariano Sallier - Carmelito e gozarias de gente mil fascistas e jagunços. Contam com o apoio dos comitês. Heróis: Paes de Almeida (Pêra) e Miguel Fragoço. Demônios: Sallier e uma dezena de comitês nas várias províncias.

CORONÉIS E AUTORIDADES:

Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque - Coronel Virgílio Pereira - Coronel Marcos Gonçalves de Farias - Coronel José Rato - Coronel Domingos de Oliveira Lemos - Coronel Zacarias de Paula Azeite - Juiz de Direito Guilherme Alary - Promotor de Justiça Mandil da Cruz Maia - os Capetins João Alves Sampaio - João da Cruz Maia - Leopoldo Vicente Melo - Major Lucides Ferreira de Albuquerque - Major Alberto Gonçalves de Faria - Major João Severo Gomes - Major Ameliano de Almeida - Major José Almeida - Major Henrique de Almeida Filho - Major Salvador Calmon - Coronel Inocêncio Raag - Coronel Virgílio Arturim - Coronel Manoel Tomaz Vieira - Coronel Manoel Fabricio Vieira - Coronel Afrânio Vieira das Neves - Coronel Vital Ramos - Coronel Felipe Schmitt - Dr. Afonso Alvo de Camargo - Carlos Cavalcanti - Coronel Estanislau Ramos - Beltrão Ramos - José do Príncipe Machado - Senador Lauro Müller - Deputado Federal Manoel Gomes de Freitas - Antônio Rodolpho - Deputado Ubaldo de Assis - Udochiano Martini - Deputado Sabino Gonçalves - Ministro Rui Barbosa - Virgílio Martins de Melo - Alguem Francisco Dionísio - João Severo de Oliveira - José Nicol - Luiz Cândido de Melo - Antônio de Oliveira Lemos - Diogo Alves Ribeiro - Alarino Waldemiro de Almeida.

OFICIAIS REPUBLICANOS:

Tenente Coronel João Galberto Gomes de Sá Filho - Tenente Coronel Buzze - Desembargador Silvio Gonzaga - Capitão Antônio de Moraes - Capitão Afrânio Almeida de Melo - Capitão Espiridônio de Almeida - Ministro da Justiça Euclides de Castro - Capitão Zakar - Tenente Coronel Diarista de Almeida Pinheiro - Major Trágo de Melo - Capitão Leobon Aguiar - os Presidentes: Marechal

Deodoro da Fonseca - Marechal Francisco Pinheiro - Mito Figueira - Rodrigo Alencar - Afonso Werá - Hermes da Fonseca - Venâncio Brás - Capitão João Teixeira de Mattos Costa - Major Amelino Corbis - Tenente Coronel Vital de Oliveira Ramos - Tenente Coronel Castilho Branco - Tenente Coronel José Camargo - Tenente Coronel José Capilano Frassinetti - Tenente Coronel Adolpho de Carvalho - General Carlos Frederico de Mesquita - Ministro da Guerra Iracemiano de Albuquerque - Ministro da guerra Cristiano José de Farias - Tenente Coronel Campos - General Fernando de Sarmiento de Carvalho - Tenente Coronel Francisco Raol D'Estroff (Lô) - Capitão Tertuliano Albuquerque Rodrigues - Capitão Vieira da Rosa (Góber) - Tenente Coronel Henrique Raag - Major Taurino de Resende - Tenente Coronel João Oliva - Tenente Coronel Onofre Ribeiro - Tenente Coronel Eduardo Sotomaior - Major Portugal Pêra - Tenente José Pereira da Rosa - Tenente Joaquim Souza Reis - Tenente Heróides Vilhena de Assumpção - Tenente Wellington Ernesto - Tenente Antônio Guilher - Dr. Rubelo Pinto - Tenente Joaquim Ribeiro - Tenente Salvador Pinto Ribeiro - Capitão Francisco Alves Pinto - Sargento Carlos Michelbacher - Tenente Beltrão Cristiano Pereira Leite, comandantes de várias expedições, tendo um total de quase duzentos mil soldados. Ajuda a saída do General Sarmiento, assumiu a inspetoria da divisão primeira regular militar, o Coronel Sebastião de Sá Pinto. São saídos pela primeira vez no mundo, os senhores Patrício Mourão de 50 cavaleiros e um Motone Saalmer de 30 cavaleiros no reconhecimento aéreo, com o Coronel de origem alemã Ruzarich, o Tenente de ascendência italiana Ernesto Durillo. Os outros três aviões, um Borelli de 30 cavaleiros e dois Parnassal Saurer de 30 cavaleiros e destruído pelas fagulhas da locomotiva a vapor.

PIQUETES DE VAQUEANOS

LEGATISTAS:
Manoel Fabiano Vieira - Fabrício Vieira das Neves - Capitão Vieira da Rosa Araújo - Salvador Carneiro - Pedro Vieira - José Carlos Pinheiro - João Alves de Oliveira - Virgílio Pereira - João Ricardo - Antônio Camargo - Francisco A. Bueche - João Gomes Sobrinho - Pedro Leão Carvalho (Pedro Rato) - David Padua - Nicolau Fernandes e muitos outros que formavam mais de três mil vaqueanos.

OUTROS PERSONAGENS:

João Maria D'Agostini - Anacleto Marcolí (João Maria de Jesus) - Frei Pedro Saling - Frei Rogério Mechaia - Frei Anacleto Ballester - Frei Dimes Vozelli - Frei Gaspar Fleury - Frei Canário Spanagelli - Frei Menandro Kamp - Frei Seleno Schmitt - Frei Rodolfo Kullmann - Frei Bruno Messer - Major João Francisco Braga - Sérgio Duarte Leopoldo e Silva - Os correspondentes: Guilherme Góber e Antônio Rossi - os filhos do Coronel Albuquerque, Tiago, Evaristo, Jacay e Onival Pereira de Albuquerque - João Goettan Sobrinho - Os detentores da Lumber Company and Colonization Brazil Railway Company: Theodor Fanzlator, Ernesto Kichow, Henry Wilmaster e James Ething - Família Campos, Santos e Lina do Quilombo Capão dos Negros - Di. Kagang: Cacique Coratá, Viti, Caci e Jagu - Fortunato Branco - Amador Paula e Sousa - Francisco Pires - Antônio Loh - Luis Skjota - Estanislau Maia - Márcio Maia - Miguel Ville - Coronel Wagner - Magali Stocker - Vilfredo José Silveira - Inácio Brayefski - Antônio Francisco Paiva - Antônio Bessa - Pedro Schiller - Roberto Antônio Guilherm - Sérgio Lino Ferreira Guimarães - Pedro Roberto Weiner - Leopoldo Sallier - Roberto Dille - Dr. Alberto Tavares - Camila Barreto - João Maria - João José Padua - João Lourenço - Henrique Alves.



Figura 16: Centenário da Guerra do Contestado (Correio do Norte, Dez 2012).

A partir desses destaques iniciais, parece não ter havido desacordo referente a essas intervenções em sala de aula que são objeto

de reflexão, lançando mão de uma prática pedagógica com uso de determinados meios didáticos tais como: releitura de textos atualizados que contemplem o avanço da mentalidade da historiografia específica, e ressaltando a dimensão propositiva do trabalho, a saber, que o estudante possa compreender os fatos passados e se ver como parte desse percurso, percebendo que suas múltiplas experiências tomaram parte na composição da sua identidade plural; reconhecer locais nos quais se desdobraram eventos do tropeirismo, da Guerra do Contestado e da colonização; a soma das etapas demonstrou atingir o objetivo proposto.

Partindo desses argumentos, salientamos que a preservação do patrimônio histórico-cultural pode servir como fomento de ressignificação das identidades nessas localidades; como as trilhas dos tropeiros, objetos utilizados pelos caboclos do Contestado e fotos, documentos e objetos dos primeiros imigrantes²⁶. Ao favorecer as questões aqui formuladas, espera-se que os pequenos núcleos sociais se tornem senhores de sua própria história, promovendo assim acesso a uma nova gama de significados sobre si, abrindo um novo leque de abordagem e perspectivas de formação cultural e consequente mobilidade social.

Nesse ponto, o trabalho propõe uma reflexão dos aspectos patrimoniais da comunidade, bem como o processo histórico-cultural de sua formação, permitindo que se repense a relação dos seus espaços com esse novo contexto. Nesse sentido,

Nos últimos tempos se evidencia cada vez mais a necessidade de considerarmos também a dimensão imaterial do patrimônio, ou seja, considerar que há algo que escapa de nosso foco de análise se trabalharmos apenas com a dimensão material do

²⁶ Cf. a partir da pág. 85.

patrimônio. Para tanto, foram criadas categorias que conseguissem classificar para além dos bens de excepcional valor cultural aqueles aparentemente menores, como festas, espetáculos, alimentos, lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas entre outros (PAIM, 2014, p. 5).

Tropeirismo, Contestado e Colonização são os três eventos mais marcantes e indutores das transformações da região, cada um no seu momento, porém se interpenetrando, às vezes, e outras, se afastando mutuamente, mas, sobretudo, contribuindo para a personificação de uma dada cultura que ali predomina. A abundante oferta de fontes (primárias, secundárias, memória, oralidade) permite o recolhimento de dados e testemunhos usados aqui como repertório para análise com participação do grupo.

Assim, a proposta de trabalho junto aos estudantes do 2º ano do Ensino Médio da EEB Hercílio Buch, considerando todo o exposto, busca além de possibilitar a resignificação das identidades em formação dos adolescentes, pretende também abrir debate sobre tais práticas do Ensino de História que favoreçam a essa releitura do mundo em volta.

4.1 PLANEJAMENTO SUGERIDO

Analisando as perspectivas de abordagens sobre esses temas relativos à região trabalhada e também os modos que correspondem às relações, não só entre os estudantes, mas entre as pessoas em geral, pessoas essas atualmente majoritariamente descendentes de imigrantes europeus ali instaladas, foi possível perceber uma espécie de naturalização do momento presente como se tais características sempre houvessem existido, fato que simbolicamente deslegitima todo o processo

histórico ali ocorrido, o qual ainda alija os remanescentes sertanejos que sofreram e sofrem os maiores impactos das decisões governamentais aliadas à ideia de progresso. Essa naturalização faz com que esses descendentes de imigrantes europeus, na sua maioria, desconheçam que também foram e são parte dessa conjuntura histórica, abordada ao longo do trabalho, produzindo descolamentos das outras várias camadas de vivências e conflitos que, forçosamente atribuem referência à região. O trabalho procurou reatar esses fios junto ao estudante, inteirá-lo de que ele pertence a mais um dentre tantos desdobramentos que a história promove como resultado de decisões políticas e econômicas, as quais por sua vez, geram um entrelaçamento sociológico, substrato de onde ele, o estudante e demais, advém. O que foi prontamente atingido a partir de aula expositiva.

Essa ideia remete a um outro ponto interessante, explorado por Tomaz Tadeu da Silva, que manifesta claras questões acerca do que se perde ao se tender à uniformização dada a alguns conceitos semelhantes, porém, distintos. Diz ele:

[...] o "multiculturalismo" apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões

da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal? E, sobretudo: essa perspectiva é suficiente para servir de base para uma pedagogia crítica e questionadora? Não deveríamos, antes de mais nada, ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (SILVA, 2000, p. 73)

Tadeu da Silva nos ajuda a situar nossas escolhas teórico-metodológicas nesse patamar crítico, o que lança luz às conduções de planejamento e abordagens junto ao público deste trabalho, os estudantes. Dessa forma, justificando as escolhas de planejamento e sequência de aulas, levando em conta esse referencial, temos desde já a clareza dos limites entre o que iguala e diferencia nosso público dentro dos contextos específicos abordados neste trabalho.

Conforme já mencionado, o que levou à escolha do público e o tema deste trabalho foi mesmo o fato de eu trabalhar na dita escola, objeto da pesquisa. Obviamente sua localidade emblemática para a disciplina de História e seu público originário de descendentes das várias facções partícipes do ocorrido motivou a repensar as origens das relações ali existentes. A naturalização do establishment também gerou indagações pois também atingia descendentes de indígenas e sertanejos. As novas gerações aparentavam rememorar apenas a saga de viagem dos imigrantes e não sua fixação nas terras do Planalto dentro do contexto já analisado.

Depois das narrativas de cada fase implementada do trabalho, procurando demonstrar de forma argumentativa os avanços e limitações naturais, mantendo um equilíbrio entre o esquemático e o sensível, temos, então, como produto e proposta de planejamento, o que segue:

Ao se propor este trabalho aos referidos estudantes, objetivou-se primeiramente, em decorrência da mencionada escola situar-se na região de Bela Vista do Sul, local emblemático onde ocorreram importantes eventos históricos os quais caracterizaram o Planalto Norte Catarinense, observar se os tais eventos habitavam o ideário dos adolescentes frequentadores daquela escola. Percebendo a indiferença com que lidavam com os significativos acontecimentos, a motivação que me moveu foi direcionada agora aos parentes dos jovens. Queria saber como e se viam os fatos daquela região. Uma forma de atingir tanto os estudantes como seus parentes foi propor um modo de trabalho que os conectassem aos temas. Primeiramente foi necessário pensar numa estratégia, que foi a cabo nesse trabalho. Atrair e envolver os estudantes às peculiaridades marcantes do lugar onde viviam. Para tanto, foquei as aulas nos eventos da região, estimulando-os a imaginação visto que não haviam se dado conta da riqueza histórica dali.

Quando o interesse dos jovens se encontrava renovado, voltei a solicitar maior empenho ao entrevistar seus parentes e a sondar histórias mesmo de memória. Dessa vez retornaram com vários documentos, mas infelizmente não passavam de fotocópias de RG, fotografias tão desbotadas que não puderam ser digitalizadas, etc. assim, ficamos apenas com as informações colhidas oralmente, transcritas pelos estudantes e reeditadas por mim pois o que eu buscava era mais compreender a relação afetiva dos habitantes da localidade com sua história do que propriamente

colher seus registros literalmente. Com exceção das famílias Wibbelt e Schafascheck, que foram sempre solícitas, a relutância inicial das demais forneceu uma pista. Parece que ainda há algo de incômodo com o qual eles, os mais antigos, têm de conviver. Com os estudantes constou o desinteresse adolescente puramente. A partir desse ponto, partimos para reunir o material e organizá-lo juntamente com as imagens para passarmos à fase de interpretação das mesmas segundo suas narrativas, só então voltamos às aulas em sala.

A ida ao museu de Rio Negro não trouxe novidade a nenhum deles, todos já haviam ido ali inúmeras vezes, mas dessa vez, espontaneamente, se interessaram pelos objetos e demonstraram familiaridade com os mesmos. Aqueles eram os objetos reais do Contestado, e esses adolescentes pareciam mesmo conhecê-los. Como não é possível que os parentes de todos tenham lutado na guerra, só pude pensar que o avanço da tecnologia, ou mesmo da técnica simples, passasse ali com menos pressa.

Chega a hora, então, de confrontá-los com as questões mais complexas acerca do reconhecimento das suas identidades, e de como a história os trouxera até ali colocando-os frente a frente com pessoas “invisíveis” desde remotos tempos até então. Com tudo isso realizado, os estudantes demonstraram ter compreendido as circunstâncias da sua natureza e a dos demais, dos seus iguais e dos diferentes, das suas histórias e das dos outros e, desse material resultou o projeto abaixo.

PLANO DE AULA:

**Colonização na região de Bela Vista do Sul, Planalto Norte
Catarinense. Imigração europeia.**

AUTOR: Rildson Alves dos Santos Grunow

INSTITUIÇÃO: EEB Hercílio Buch

SÉRIE: 2º ano do EM

DISCIPLINA: História

TRANSVERSALIDADE: Geografia e Sociologia.

O aspecto geográfico do Planalto Norte Catarinense se destaca não apenas por corresponder ao palco onde ocorreram os eventos que particularizaram a região. Para se compreender tais acontecimentos, convém destacar quais elementos ali encontrados atraíam pessoas desde o início das primeiras investidas portuguesas e espanholas, após as dos indígenas; escravos fugitivos, refugiados de guerras, etc. O clima hostil, a caça, o pinhão, a altitude e o isolamento, as riquezas, tudo isso deve ser estudado para que se possa entender o desfecho histórico-sociológico dado por agentes representantes do capital estrangeiro. Assim, estudar Bela Vista, é compreender, de forma geral, as facetas do Imperialismo atuando com sua característica máxima, a exploração de commodities aonde elas se apresentarem.

TEMA: Imigrantes europeus em Bela Vista do Sul.

CONHECIMENTO PRÉVIO TRABALHADO PELO PROFESSOR: Tropicismo, Messianismo, Guerra do Contestado e Colonização Catarinense.

DADOS DA AULA:

Título: A Fixação do Imigrante europeu em Bela Vista do Sul, Mafra-Santa Catarina.

OBJETIVOS: visando construir um planejamento específico que aborde as questões pertinentes à região do Planalto Norte Catarinense que

possa ser usado no âmbito do Ensino de História para estudantes preferencialmente do 2º ano do ensino médio em consonância com o proposto pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória, trago à luz os seguintes passos:

- * Conhecer a história da colonização do Planalto Norte catarinense;

- * Relacionar a colonização europeia em Bela Vista do Sul com a Guerra do Contestado.

- * Reconhecer influências do tropeirismo e da revolução cabocla em seu cotidiano e localidade.

- * Construir formas de percepção da identidade pessoal e social na dimensão histórica, partindo da identificação do papel do indivíduo nos processos históricos sincronizado com as alteridades e como produto dos mesmos.

- * Produzir novas interpretações sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas.

- * Permitir que o aluno utilize técnicas de pesquisa para que facilitem o caminho da busca do conhecimento através das tecnologias (atualmente há na região, amadores que saem a procura de vestígios da guerra utilizando detectores de metal portáteis, o resultado é impressionante²⁷, contudo o embasamento não pode ser negligenciado e a apuração fática, demonstrada).

²⁷ Jurajones. **Tesouros da Guerra do Contestado - Irani julho 2013.** 2013 (12m30seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RF0dskjNu6Y>>. Acesso em 29 nov 2017

* Estimular e aprimorar a capacidade de trabalhar em grupo promovendo debates esperando que o estudante/a seja capaz da ação crítica e cooperativa para a construção do conhecimento coletivo;

* Criar (opcional) com os estudantes um portfólio para pesquisa da colonização na região de Bela Vista do Sul, com fotos, documentos, relatos de memória que pesquisarem. Eventualmente poderá ser convertido num e-book que se chamará *Santa Catarina Planalto Norte: você sabia?* Visando a preservação das informações colhidas e das imagens recuperadas junto aos familiares, para ser deixadas à posteridade, é que se justifica a feitura desse material.

DURAÇÃO: 14 aulas de 45 minutos.

ESTRATÉGIAS:

1ª aula – Levantamento dos conhecimentos prévios.

Leitura e interpretação dos textos:

MOREIRA, Sandro. **O legado da cultura tropeira**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

HELLER, Milton. **A atualidade do Contestado**: centenário da guerra camponesa. Curitiba: JM Livr. Jurídica, 2012.

GOULARTI, Alcides. A estrada Dona Francisca na formação econômica de Santa Catarina. **Hist. R.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 171-196, jan./abr. 2014.

Os textos acima foram selecionados devido à linguagem acessível e abordagem direta dos temas. São leituras fluidas e familiar aos estudantes. Aproveitando o espaço aberto pela escola exclusivamente para leitura, o Projeto Leitura na Escola, o qual inclusive abre a biblioteca para o estudante ali se acomodar e também emprestando títulos cujos

prazos são renováveis, foi possível empreender as leituras mais essenciais ao trabalho. Leitura a custo zero, de fácil assimilação e livros com número de páginas não muito altos. Contamos também com a participação dos professores parceiros de Geografia e Sociologia, o que viabilizou ainda mais o processo de leitura. Lembrando que as turmas já vinham sendo trabalhadas desde o primeiro ano.

2ª aula e 3ª aula – Coleta das informações da turma sobre a Origem do sobrenome familiar e documentos dos primeiros imigrantes da família. Aqui se propõe um exercício de reconhecimento da própria trajetória a partir do contato ou aprofundamento com suas origens registradas em fotografias, documentos e oralidade. Com isso espera-se que o estudante possa melhor se posicionar frente às alteridades que também se apresentarem. Essa foi uma fase que não deu muito certo. Os jovens têm pouco interesse nesse assunto. Limitaram-se a trazer RGs, cartão do SUS, etc.

4ª a 6ª aulas – Seguindo os fatos cronológicos, propõe-se aqui como objetivo, o contato com pontos de vista variados sobre o tema. Para tanto, optou-se pela pesquisa na internet (web e imagens) sobre os povos que colonizaram Santa Catarina, imigração para o Planalto Norte catarinense, e a interferência dessa colonização na vida local. A internet já é uma realidade mundial, a fartura de material disponível é inesgotável. Deixar de lançar mão desse material para uso educacional é estagnar as próprias potencialidades, assim, o uso dessa tecnologia não deixa de ser um aliado imprescindível ao avanço intelectual do jovem estudante. Infelizmente o governo de Santa Catarina opta por ir à contra mão do mundo civilizado e retira das escolas públicas essa ferramenta.

7ª aula - Coleta de fotos dos imigrantes e representantes mais antigos das famílias. Com exceção do livro dos Wibbelt, dos Schafaschek e dos Rank, não houve nada que merecesse maiores interesses em termos de documentos visuais.

8ª aula – Análise de documentos antigos: tais como certidão de nascimento, casamento, batistérios, jornais e revistas da época a partir dos pertences familiares (caso haja).

9ª aula – Preparação de um e-book para apresentar à escola e à comunidade escolar, posteriormente, com o término do projeto. O e-book se chamará: *Santa Catarina Planalto Norte: você sabia?* (opcional).

10ª e 11ª aulas – visitação de pontos históricos ligados à história da imigração na região tais como: Igreja ucraniana, Cruz do Monge São João Maria, os caminhos fundos, alguns locais em que ocorreram os citados eventos históricos. Seminário de Rio Negro. A escolha desses pontos se deu por se situarem na região de Bela Vista do Sul.

4.2 RECURSOS COMPLEMENTÁRES

A proposta desses vídeos por este trabalho é deixá-los para a livre iniciativa dos estudantes, no intuito de que, havendo desejo de conhecer um pouco mais a história dos imigrantes, possam se utilizar do material como ponto de partida para voos maiores. Também visa que, com a apresentação desses vídeos, haja uma familiarização visual referente às histórias vivenciadas por pessoas em semelhantes situações que os antepassados dos estudantes.

GALVAN, Fernanda. **Imigração alemã em Santa Catarina**. 2013. (12min44seg). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=EERUSYp4CpY>>. Acesso em: 16 set 2017.

Rermesehenato. **Sem palavras/Speechless/Sprachlon - Documentário/Documentary/Dokumentarfilm**. 2011. (52min06seg) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2WMUGVvRdQA>>. Acesso em 16 set 2017.

CANCELIER, Júlio. **130 ANOS IMIGRAÇÃO ITALIANA SC (1/2)**. 2007. (08min43seg) Disponível em: <https://youtu.be/f5a16GQS_so?list=PLDE6564890001FBC0>. Acesso em 16 set 2017.

LEONARDT, Aline. **Refugiados, os filhos da imigração! Ucrrianos e poloneses, parte III**. 2016. (02min28seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nKh4NnW6QZc>>. Acesso em 16 set 2017.

4.3. PERSPECTIVA DE ANÁLISE

As análises acontecerão no decorrer do processo, observando os objetivos citados acima, como a participação nas atividades propostas. Desejar-se-á que o estudante juntamente com o conjunto da classe, professores colaboradores, (Geografia e Sociologia) promovam uma discussão visando divulgar suas percepções acerca das informações absorvidas. Que possam compreender que cada indivíduo transita por várias gradações sociais e que em cada uma delas trava contato com diferentes modos de reflexão sobre o mundo. Em última instância, seria de excelente resultado se após todo esse processo reflexivo o estudante descendente dos europeus trazidos pelas forças imperialistas e fixado nas terras que outrora pertenceram a outros grupos os quais agora desempenham trabalhos em regime de camaradagem (diarista ou

jornaleiro), sejam, na altura em que esses jovens oriundos de famílias de imigrantes assumam a posse das terras da família, portadores de sensibilidade para perceber que aquele caboclo, filho de caboclos fora vítima de um processo cruel e criminoso e que juntos possam ao menos dar abertura a novas formas de pensamento que possibilitem se transformar em algo mais próximo de justiça.

Como sugestão, para manter o tema sempre exposto, os resultados serão utilizados pela escola para a construção de uma feira de conhecimento, anualmente apresentada por ocasião do aniversário do Município de Mafra, 08/09, ficando a exposição em aberto para constante renovação e ampliação do acervo na escola e permitindo que os estudantes e a própria comunidade tomem conhecimento e participem da pesquisa e da evolução do seu avanço anual.

4.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO PLANO DE AULAS

MOREIRA, Sandro. **O legado da cultura tropeira**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

HELLER, Milton. **A atualidade do Contestado**: centenário da guerra camponesa. Curitiba: JM Livr. Jurídica, 2012.

PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima. **No entrecruzar dos fios nasce uma trama de histórias, memórias, patrimônios e identidades**. Jundiaí: Paco Editorial: A ser publicado.

PERON, André (Org.). **Santa Catarina**: história, espaço geográfico e meio ambiente. Florianópolis: Insular, 2011.

RAMPINELLI, Waldir (Org.). **História e poder**: a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

Durante a coleta de dados como fotos e documentos, tentou-se verificar a procedência étnica de cada estudante, procurando identificar os que tiveram como antepassados os caboclos do contestado e os que descendem de imigrantes visando quantificar tais procedências junto à escola, caracterizando assim os contornos étnicos daquela comunidade. A importância dessa atividade se dá pelo fato de se poder atestar a transformação populacional da região flagrantemente verificável como projetos político/econômico e étnico/social.

Em tempo: em relação a tais procedências desde a Europa, não se pôde contabilizar pontualmente a ascendência isolada de cada estudante uma vez que na sua quase totalidade apresentam-se mesclados por casamentos mistos, de forma que tais estudantes apresentam sobrenomes alemães e poloneses, italianos e alemães, alemães e ucranianos, portugueses e poloneses, etc, e mesmo estudantes apenas com sobrenomes paternos portugueses sem ostentar o sobrenome alemão da mãe. Da mesma forma se dá fora da escola. Aparentemente não há uma regra preestabelecida. O caso, dos Carvalho, do Butiá dos Carvalho, por exemplo, todos são muito parecidos fisicamente, tez morena, cabelos escuros, olhos pretos, mas a matriarca deste “clã” era cidadã nascida na Alemanha, Maria Stockschneider, casada no Brasil com João Galdino Carvalho. Há também o caso do sobrenome Pedro, todos sabem que se tratou de uma iniciativa do tabelião local, quando da chegada desses imigrantes da numerosa família Peters, ou Petters. Uma tradução por iniciativa própria criou um sobrenome novo na localidade, mas é consenso entre eles de que todos os Pedro dali são Peters. Outro sobrenome que sofreu tradução foi Valerius, da Alemanha, que aqui virou Valério, ou Demetrius, por aqui, Demétrio. Todos são fatos fartamente

conhecidos nas comunidades de Bela Vista do Sul. São constatações de conhecimento geral.

4.5. RELATOS DOS ESTUDANTES

Neste ponto se iniciam as apresentações dos relatos dos estudantes, relatos que foram colhidos como parte da pesquisa realizada junto aos familiares e respectivas comunidades. Os estudantes foram orientados a inquirir seus entrevistados a partir de pontos que achassem mais significativos para aqueles, ou que estivessem mais vivos na memória. Partindo disso, que solicitassem dos mesmos, reflexão sobre todo o processo até onde sabiam. O curioso foi que se notou que o espectro da Guerra ainda está bem presente, e muitos demonstraram na sua narrativa eventos fantásticos vinculados a fatos concretos, porém não conseguiram contextualizar o conflito. É como se a Guerra do Contestado sempre houvesse existido, peculiaridade essa que certamente influi para a caracterização do tipo planaltino.

Orientou-se os estudantes para que procurassem fazer aflorar narrativas sobre a região, personagens, acontecimentos coletivos, entre outros, sem, necessariamente, terem compromisso com a autenticidade, mas que apresentassem significâncias que foram se perpetuando na memória, aquela memória que se manifesta apenas se acionadas. A experiência mostra que quando se quer obscurecer uma determinada lembrança, é bem possível fazê-lo. Dessa forma a cautela foi recomendada e, talvez por isso, os relatos se mostraram razoavelmente sutis, mesmo os de natureza violenta. Referente à transcrição, optei por contribuir com uma escrita mais sequencial, dando linearidade aos textos um tanto quanto desconexos, uma vez que chegaram até mim dessa

forma. Foi necessário reorganizá-los para que pudessem apresentar a ideia central das narrativas. Mesmo assim, não os modifiquei radicalmente, embora tenha acrescentado vez ou outra minha participação pessoal numa citação ou interpretação quando julguei pertinente. Creio que o resultado não ficou prejudicado, e se, o leitor contribuir com sua sensibilidade, poderá ter acesso a toda compreensão. Debateu-se cada relato em sala de aula, o que suscitou nos estudantes uma certa estranheza pelo fato de histórias tão “estranhas”, palavra deles, terem acontecido tão perto de onde vivem. O humor também apareceu durante alguns pontos das histórias, isso não se pode tirar do adolescente. Perguntei como teria sido a reação dos entrevistados ao que responderam que haviam percebido alguma estranheza da parte deles, outros com introspecção e alguns tiveram mesmo que sofrer insistência do estudante. Em resumo, a estratégia foi a de abordagem direta porém com cautela e que deixassem o interlocutor à vontade para falar, somente havendo interferência se a ocasião se afigurasse.

4.5.1 Relato 1: Estudante W. A. S. do Butiá dos Carvalhos

A família Padilha é muito expressiva na região. Diz-se que é aparentada do líder rebelde Manoel Padilha que em 1915 montou o reduto de Pedras Brancas; a tradição não nega essa informação, mas a família não tem documentos comprobatórios a esse respeito. Sabe-se apenas que quando um sobrenome é compartilhado nessa região, a probabilidade de parentesco é altíssima. Da mesma forma ocorre em outras partes do Brasil de forma comprovada documentalmente, como é o caso de algumas famílias do Nordeste tais como os Cavalcanti, os Albuquerque, os Coelho, etc. Desse modo, se não podemos comprovar tal parentesco entre os

Padilha de Bela Vista, também não podemos descartá-lo. Assim, Dona Aurea Aparecida dos Santos, com parentes no corpo discente da escola, rememora para o estudante W. A. S.: Minha avó Maria Padilha, saiu da região rural de Porto União juntamente com os pais e mais 4 irmãos para fugirem da guerra que havia na região, ela nasceu em 1906. Fugiram quando ela tinha 8 anos. Fugiram com as tralhas e roupas. Tralhas eram umas panelas. Entraram pelo mato e foram andando durante o dia, a noite dormiam onde podiam. Quando viam uma casa se aproximavam devagar para pedir comida. Ainda na região de Porto União eles viram um armazém, que chamavam de bodega. Chegaram e bateram, ninguém veio atender, foram devagar vendo se tinha um jeito de entrar e encontraram uma porta aberta, entraram. O armazém estava cheio de corpos, pelo visto era a família toda que foi executada. Eles pegaram os víveres e saíram fugidos para o mato. Mas não foram longe, ficaram vigiando para ver quem ia chegar. Passado um tempo chegaram os caboclos do contestado a cavalo e carregaram todos os víveres que havia no armazém.

A família continuou andando por muitos dias, chegando já na região de Canoinhas a fome estava muito grande. Então se depararam com um acampamento de caboclos armados. Eles não queriam chegar, mas a fome era grande. Então o pai, Francisco Padilha, resolveu chegar até o acampamento e dizer que estavam indo para a casa de um parente na Lapa, porque ele estava muito doente. Foram bem recebidos pelos caboclos que deram de comer e beber, depois de decorrido um tempo, o pai da minha vó resolveu que era hora de caminhar. Foram se despedir do chefe do grupo, que falou: O compadre e sua família podem ir embora, porque o compadre está doente, mas o menino fica. Tiveram que ir

embora e deixar o irmão da minha avó que tinha o mesmo nome do pai e dez anos de idade. Nunca mais o viram, nem souberam nada dele.

Essa prática não era estranha às pessoas daquele tempo, sobretudo em época de conflito. Na guerra do Paraguai há registros de retenção de crianças para uso militar, sobretudo pelo lado paraguaio, mas não só; vemos também isso de forma mais sistematizada durante a 2ª Grande Guerra nas forças de Hitler, de modo que pode-se considerar o relato como verossímil.

A família de minha avó viveu alguns anos pelo mato, continua Dona Aurea, parando uns meses em cada lugar, até que chegou ao Cailé, divisa com o Paraná, a pé. Depois de mocinha me casei com João Rosa dos Santos do antigo Butiá dos Rosas, atual Antônio Olinto-PR, que fica do outro lado do rio Negro. O menino que ficou com o bando nunca mais deu notícias. Chamava-se Chiquinho (Francisco Padilha). Pensa-se que morreu em combate logo depois de ter sido retido no acampamento.

O episódio do encontro da família de Maria Padilha possivelmente ocorreu na região de São João dos Cavaleiros, pois o Sr. Henrique Demétrio, 80 anos, também familiar, relata que ela contou que esse encontro com o bando de caboclos havia acontecido a uns 40Km do Butiá dos Rosas, e que em linha reta pelo meio do mato, de São João até o Butiá, tem mais ou menos a mesma distância. O nome São João dos Cavaleiros em Três Barras, foi dado ao local porque era um famoso reduto dos caboclos e onde logo depois houve ferozes embates provocando muitas mortes ali, de modo que pensam que o menino morrera ali mesmo.



Figura 17: Ananias Padilha Nogueira, fugiu da guerra, morou no mato antes de se fixar em Bela Vista. Os remanescentes do Contestado não tinham o hábito de marcar datas nem providenciar documentos, de modo que não se sabe muito mais sobre seu Ananias do que nos conta sua família.

4.5.2 Relato 2: estudante A. O. I. de Bela Vista

A. O. I., recém transferida de Canoinhas, conta que na conhecida localidade de Caraguatá, interior daquela cidade, ainda é possível avistar algumas marcas deixadas pelos jagunços na Guerra do Contestado. No terreno onde morava, antes de mudar-se para Mafra, há vários buracos onde cabe uma pessoa de pé (túneis) e isso era usado para fazer tocaia onde surpreendiam os guardas ao passar. A. relata que brincava com seus irmãos nas proximidades desses locais já bloqueados por entulhos. Na

época o terreno pertencia ao falecido Ari Cardoso e hoje pertence aos seus filhos. Relata ela que há também um buraco enorme onde os jagunços se escondiam ou dormiam. Dizia-se ter uma espécie de túnel embaixo que os levaria para outro lugar em segurança. Ao fim da guerra, conta-se que o buraco foi usado como lixeiro. Ninguém teve curiosidade de sondá-lo para ver o que continha. Atualmente os buracos ou túneis estão cobertos por lixo, mas ainda estão lá com tudo o que foi deixado para trás, segundo a estudante. Cabe uma investigação rigorosa para tentar retirar dali informações valiosas para a questão.

Acrescento que Caraguatá foi um reduto que no seu auge abrigava cerca de 20 mil sertanejos, sendo assim, com tamanho volume de pessoal em pleno conflito, é provável que estratégias mais ousadas como cavar túneis possam ter sido usadas com frequência. Segundo Oswaldo Cabral no seu História de Santa Catarina, obra já mencionada, relata que “os fugitivos de Taquaruçu formaram mais no recesso da mata, novo reduto e mais forte, mais bem defendido pelos acidentes do terreno e mais guarnecidos de novos adeptos” (CABRAL, 1987, p. 305). Referindo-se aos acidentes do terreno e a um volume grande de pessoas em pleno clima de combate, é aceitável que houvessem escavado essas trincheiras e alguns túneis na localidade. A informação trazida pela estudante A. O. I. é, portanto merecedora de crédito.

4.5.3 Relato 3: Estudante T. W. do L., do Butiá do Saltinho

A família Livramento também é bem extensa na região, com alguns membros que se destacaram na política do Estado, conforme Cabral em obra citada: em 1854, o deputado catarinense Dr. Joaquim Augusto do Livramento, acautelando os interesses da sua terra,

apresentou um projeto fixando os limites de Santa Catarina (CABRAL, p, 314). Oriundo dessa família, T., nosso aluno, entrevista sua avó a respeito do manejo da erva na época em que ela lidava. Segundo suas palavras: conta ela que nos tempos de 1958, a gente fazia bastante erva. Era bastante sofrido a lida de erva. Sempre alguns homens cortavam os galhos e outros juntavam e levavam para o sapeco. Era feito um monte e uma caieira pra sapear, depois era quebrado, posto nos maços e feito os feixes. Era até de 40Kg. Cada feixe era posto no carijo e secado para então moer com o cavalo e esmagado para vender. E até as mulheres e as crianças ajudavam. Nessa terra tinha um toco gigante de pinho. A madeira já tinha sido tirada e só ficou esse toco. Para lá dele só tinha a mata, para cá, as plantação. Na mata os bugres ficavam piando e jogando coisas na gente e com eles dava pra ver que tinha gente branca, piá maiorzinho.

No relato trazido pelo estudante T. do L., colhido da sua avó Maria, vê-se como era dura a lida com a erva mate. A atividade envolvia toda a família. Porém o mais interessante é a informação que nos traz acerca de terem mais de uma vez testemunhado a presença de crianças brancas acompanhando os chamados bugres, ou indígenas. Isso ocorrendo pelos finais dos anos de 1950 e início dos 1960 em Bela Vista. Não havia mais guerra que justificasse esses arranjos entre pessoas. O toco mencionado como marco para esse contato remetia ao desmatamento ocorrido ali. O Saltinho apresenta vários traços típicos do lugar que esteve no epicentro de toda essa longa história.

T. é deficiente visual e seu relato foi colhido da sua avó por via oral e transmitido a mim pelo mesmo processo. Deixei-o livre para que se expressasse à sua maneira e comentasse o que mais lhe chamou a atenção. Muito embora, se perceba o caráter sucinto na fala de D. Maria, dando

ênfase maior ao trabalho do que aos eventos ocorridos na localidade, o imaginário envolvendo os bugres é mais presente do que o da guerra.

4.5.4 Relato 4: Estudantes T. K. e T. P., família Wibbelt

T. e T. compartilham uma história em comum, a da família Wibbelt, que chega ao Brasil, desde o povoado alemão de Vorhelm, em 1902. O caso dessa família se destaca pelo fato de terem tomado a iniciativa de reconstruírem os passos dos seus antepassados alemães até os dias recentes, informações que foram compiladas em um livro *A família Wibbelt na Alemanha e no Brasil* (livro familiar não lançado).



Figura 18: Livro familiar *A família Wibbelt na Alemanha e no Brasil*.

Trata-se basicamente de um livro de genealogia que se inicia a partir de Wibelthof, ou seja, o vilarejo dos Wibbelt. Apresenta um modo de vida camponês não muito diferente do que foi sendo construído em Bela Vista do Sul. O personagem emblemático da família é Maxmilian

Wibbelt (22/10/1868 – 22/01/1938) que foi o primeiro a se lançar nessa jornada rumo ao Brasil.

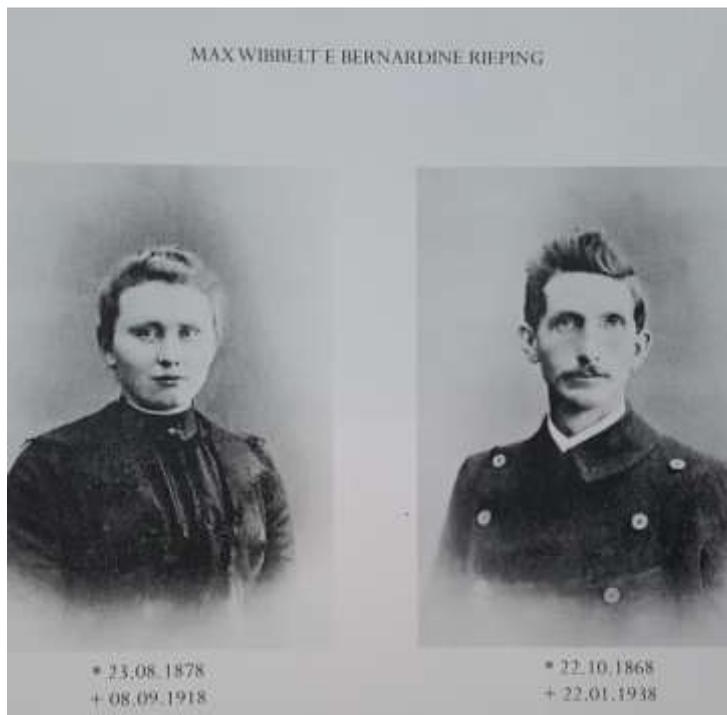


Figura 19: Max Wibbelt e Bernarnide Rieping no livro familiar A
família Wibbelt na Alemanha e no Brasil

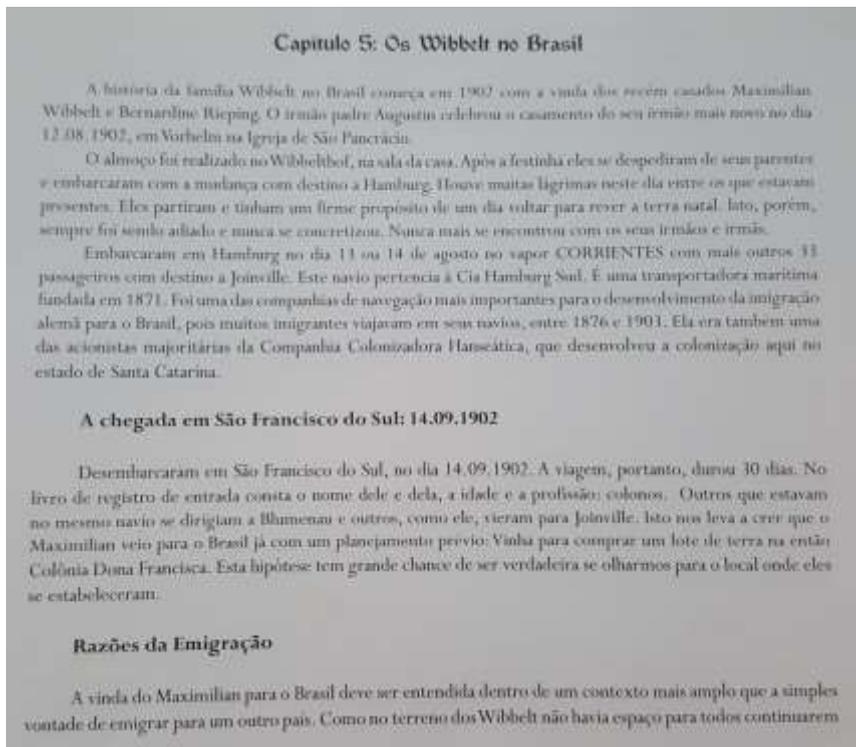


Figura 20: Detalhe do livro familiar *A família Wibbelt na Alemanha e no Brasil*

Ambas as estudantes sabem do seu parentesco embora seja difícil determinar o grau, uma vez que pertencem a ramos diferentes da família. Talvez o lado materno seja Wibbelt pois seus sobrenomes vêm do lado paterno, um sendo Keine, e outro Peters. Após a relação de inúmeras gerações detalhadamente registradas, o livro termina de forma inusitada, deixando-nos subentender o caráter boêmio de Max enquanto exalta o lado diligente da sua esposa Bernardine. Lê-se no final do livro: os Wibbelt não nasceram para os negócios, sempre que tentaram, não se saíram muito bem, perdendo inclusive algumas terras. Já o lado dos

Rieping (Bernardine e seus descendentes), sempre soube negociar e foi o que nos salvou da ruína.

4.5.5 Relato 5: Estudante S. S. e seu álbum de família

A estudante lançou mão dos registros de sua família e de alguns artigos escritos sobre a mesma por pesquisadores locais, pois essa família além de numerosa, destaca-se também na área cultural. Os Schafaschek são uma família que sempre se destacou nas artes. São músicos de várias gerações e muito conhecidos em Bela Vista do Sul e região. O historiador mafrense Fábio Reimão de Mello assim relata sua chegada: A grande extensão do império Austro-Húngaro, que concentrava povos de diferentes culturas, com maior ou menor aceitação às ordens do governo austríaco, a existência de terras a desbravar, somadas a manutenção entre os Alemães-Boêmios do costume da primogenitura, levaram o império a incentivar a fundação de colônias germânicas na distante Bucovina (“Terra das Faias”), uma província à leste do país, vizinha da Transilvânia. Dirigidos à Bucovina, entre os anos de 1841 e 1842, os Alemães-Boêmios em meio à população local, de idioma, costumes e tradições diferentes, fundaram as vilas de Bori e Buchenhain, estabelecendo suas moradias e desenvolvendo suas atividades profissionais (principalmente de cunho agrícola). Na Bucovina as famílias deixaram de praticar a tradição da primogenitura, o que, com o passar das gerações, levou a fragmentação das propriedades originais, até estágios em que várias não mais proporcionavam condições de sustento, trazendo mais uma vez àquele povo, a necessidade de imigrar. Assim chegam ao Brasil os primeiros membros dessa família.



Figura 21: Andreas Schafaczek e Theresia Reindl, os primeiros no Brasil, 1888



Figura 22: Casal sentado na primeira fileira ao centro: Martin

Schafaschek nasceu no dia 8 de março 1893 em Rio Negro e faleceu no dia 20 julho de 1962 em Mafra. Casou-se com Mathilde Schelbauer, nascida em 18 de março de 1897 em Rio Negro e falecida no dia 19 de maio de 1966 em Mafra.

Tiveram 15 filhos.



Figura 23: Rosalia Hellinger (sentada) nasceu em 1853 em Bori, e faleceu no dia 31 de março de 1928 em Rio Negro. Casou-se (segundo casamento de ambos) com Martin Hones (sentado).

DESCENDANCY CHART XIX: JOHANN SCHAFACZEK - ANNA MARIA JOACHIM

1. Johann Schafaczek/Szafarzyk I^s (*ca. 1797 in Seewiesen [Javorná], Bohemia, Austrian Empire, †20 Mar 1864 in Bori [Boureni], Bukovina, Austrian Empire; = Anna Maria Joachim^s *ca. 1798 in Bohemia, †24 Feb 1849 in Bori)
2. Johann Schafaczek II^s school teacher in Bori (*1827 in Seewiesen, †25 Jul 1884 in Bori; on 14 Jan 1850 = [1] Katharina Seidl^s *1829 in Bohemia, †11 Oct 1864 in Bori [daughter of Veit Seidl and Franziska Hawlik])
3. Anna Schafaczek (*30 Mar 1850 in Bori, †17 Jul 1867 in Bori)
3. Andreas Schafaczek I^s owner of a large farm in a village in Brazil now called "Schafaschek" (*19 Aug 1851 in Bori, †25 Aug 1914 in Mafra, State of Santa Catarina [SC], Brazil; on 22 Nov 1875 = Theresia Reindl^s *ca. 1848 in Bukovina, †30 Jun 1928 in Mafra [daughter of Martin Reindl and Elisabeth Kortus])
4. Andreas Schafaschek II^s saw mill and grist mill owner (*17 Nov 1876 in Gurahumora [Gura Humorului], Bukovina, †28 Jul 1953 in Mafra; in 1898 = Ludwina Baumgartner^s *17 Aug 1882 in Pojana Mikulí [Poiana Micului, Buchenrain], Bukovina, †4 Apr 1964 in Mafra)

Figura 24: Registro mais antigo da família, 1797.

Acervo particular dos Schafaschek.

Quando chegou em Rio Negro, o primeiro casal Schafaschek, em 1888, foram residir no bairro Passa Três. Em 1990, com a venda de uma grande fazenda, Theresia e Andreas compraram um terreno e mudaram-se com seus 4 filhos para a fazenda Potreiro, futura Mafra. Páginas indicadas pela estudante: Facebook/família Schafaschek; *blog* Fazenda do Potreiro.²⁸

4.5.6 Relato 6: Estudante N. I. F. e a lenda de Santo Santinho dos Santos, Bela Vista

N. se mostra a estudante mais familiarizada com os assuntos e causos que correm pela região, ela nos traz um relato que tende ao fantástico, mas, segundo ela, o evento foi testemunhado por inúmeras pessoas, pois se tratava de um velório em Bela Vista. Santo Santinho dos Santos, um dos irmãos de D. Laurinda, já mencionada, era um típico caboclo dessa região. Traços indígenas e farto conhecimento do ambiente em que vivia e explorava de forma equilibrada. Conhecido por muitos, também estimado. Era um homem querido inclusive pelos bugres do mato. Gostava de fumar seu cigarro de palha e de beber sua aguardente. Às vezes passava dias pelas matas sem dar notícia, para depois aparecer sem fazer cerimônia. Nunca adentrava a mata sem levar algo para oferecer aos compadres, modo pelo qual se referia aos índios. Estes também lhe ofertavam caça, mel, objetos, etc. Santinho dizia que era parente dos bugres e que lhes devia consideração de irmão. De fato, o que o distinguia

²⁸ FAZENDA DO POTREIRO – MAFRA SANTA CATARINA. Blog da criação do Telecentro na Fazenda do Potreiro em Mafra, SC. O projeto. *Blog*. Disponível em: <<https://ntemafra.wordpress.com/o-projeto/>>. Acesso em: 05 jun 2018.

dos compadres eram só as vestimentas de branco, calça, chinelo, camisa e chapéu. Afora isso, era um xokleng.

Foi num ano de enchente alta, 1992, o Rio Negro alargou de um jeito que as pessoas ficaram ilhadas. Muitos animais morrendo, outros fugindo, gente apreensiva. Quem fora pego de surpresa queria voltar para casa, outros careciam de mantimentos pois não sabiam por quanto tempo a cheia ia permanecer. Santinho, sempre prestativo, segundo contam, se pôs a atravessar as pessoas de um lado a outro do rio; com seu pequeno barco a remo. Assim foi o dia inteiro, entre um gole e outro de cachaça braba. Muita gente foi socorrida pelo velho caboclo de coração grande.

Já entrava pela noite há tempos e Santinho começava a se sentir cansado e pensava em parar, mas ouviu uma voz o chamando com aflição para que fizesse mais uma travessia pois o caso era de precisão. Não houve negativa e lá se foram adentrando a escuridão por meio das águas. O tempo passava e Santinho não aparecia. D. Laurinda sentiu sua ausência e foi perguntar na vizinhança próxima. Cada um anunciava que passara o rio com o caboclo em determinada hora mas que não o vira mais. A aflição tomava conta daquela gente que resolveu sair à sua procura por terra e por água. Já amanhecendo alguém topa com a sua canoa vazia. O temor se confirma mais adiante. O corpo boiando de Santo Santinho dos Santos, aquele que nasceu para ser bom. Ironicamente, o homem que dominava a natureza, que conhecia cada aspecto daquele lugar, do rio e do chão, se afogara em meio metro de água. De joelhos teria se salvado. No barco, a garrafa vazia. Bebeu para se manter aquecido e, de tanto que pensava nos outros, esqueceu-se de si. Embriagou-se, e na volta, já sozinho, tombou.

Seu velório não podia ter sido mais fantástico do que sua vida e morte. A igreja local estava fora de alcance. Resolveram velar o corpo ali mesmo, ao ar livre, como ele gostava de viver. Apesar das águas, muita gente veio se despedir do homem. As horas se passavam e ninguém arredava pé. Em meio a cânticos, rezas e lágrimas, a saudade já doía. Ali estava Santo Santinho dos Santos diante deles pela última vez. Foi D. Laurinda quem primeiro botou tento. Em volta da clareira, por dentro da mata, as corujas piavam. Começou pouquinho, depois foi aumentando. Daqui a pouco só se ouvia pio de coruja na mata. Então todos inclinaram a cabeça em reverência e perceberam que Santinho era ainda bem mais do que eles pensavam que fosse. Depois de um tempo os pios foram diminuindo, um por um, e sumiram. Os compadres terminaram de se despedir do irmão.



Figura 25: Santo Santinho dos Santos. Única imagem do caboclo.
Acervo familiar.

4.5.7 Relato 7: Estudante L. E. J., Contagem Rank

L. relata que sua avó, Lourdes Kangler Schafaschek narrou que seu tataravô nasceu no navio que estava vindo da Áustria. A viagem levava de 3 a 4 meses até o Brasil, na época de 1890. Quando eles chegaram, era tudo Rio Negro, ainda não existia Mafra. Eles tinham que se cuidar porque os jagunços vissem alguma coisa pra tomar, eles levavam.

Já o vô, Érico Schafaschek, tataravô da minha mãe, também veio da Áustria para a fazenda Potreiro, casou e foi morar no Cedro (Bela Vista). Minha avó Paula Rank Jasniewski dizia que onde mora, os tropeiros passavam e faziam a contagem dos bois por ser um mato muito fechado e o vô da minha vó foi o primeiro morador do lugar, por isso onde eu moro chama-se Contagem Rank. O avô da minha avó queria fazer uma serraria, veio da localidade do Nove, em Mafra, para Augusta Vitória, e olhou de cima de um morro e pensou que na baixada tinha um rio para fazer sua serraria movida à força d'água. Quando ele chegou não tinha nenhum morador e era um matão fechado de pinheiro, e requereu o terreno e logo *veio* seus cunhados e tinha 3 moradores no lugar. E assim foi ele, viveu no local, seus filhos tocaram adiante a serraria. Hoje está tudo muito mais moderno, mas o neto dele é quem está com a serraria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou discutir o processo de constante remodelagem identitária pelo viés da memória, o que pode ser uma *alternativa a mais de abordagem dos temas relevantes para essa região cercada por simbologias das mais profundas para se refletir ressignificações*. O exercício proposto aos estudantes, em última análise, foi o de sondagem das suas próprias construções identitárias visando pensar criticamente a história da região a partir de si e do outro esperando disso o reconhecimento mútuo das alteridades entrelaçadas e ainda dinâmicas, como base para o presente. Trata-se, portanto, de um repensar a história e o patrimônio do lugar, por parte dos estudantes, como produto de si e não de escolhas dos poderes, que proclamam artificialmente esse ou aquele elemento.

Élio Serpa, nesse sentido, demonstra o uso dessa materialização de uma identidade a partir das escolhas oficiais e não espontâneas, o que tira dos agentes reais daquelas vivências, sua autoridade sobre elas. Peço licença para usar a demonstração feita por Serpa acerca dessa construção por mãos de governantes, nesta parte do trabalho; trata-se de um exemplo concreto e palpável que mostra por onde a construção de nós mesmos pode ir caso não a tomemos nas mãos. Diz o autor:

Esse discurso da identidade Catarinense foi a marca registrada, na esfera cultural, do governo Espiridião Amin -1982/ 1986- que esboçou toda uma proposta de incentivos a eventos e concessão de subsídios que visavam dar voz ao discurso da Identidade Catarinense. Os CADERNOS DE CULTURA CATARINENSE. Aspectos do Contestado. Florianópolis: FCC, ano I, jul/set,1984, trazem como plano de ação: Compromisso: *Preservar a identidade catarinense*.

O que fazer: 1 Preservar a memória cultural; 2 Apoiar a produção e a troca de bens culturais; 3 Divulgar os valores da cultura catarinense. Como fazer: 1 Implantar o Museu do Contestado. Apoiar a pesquisa, a divulgação de livros e as manifestações folclóricas que digam respeito àquele episódio; 2 Realizar anualmente a "Semana da Cultura Catarinense" incentivando-se a participar da mesma todas as expressões artístico culturais do Estado; 3 Estimular a edição de livros de autores catarinenses, do presente e do passado, bem como de autores não catarinenses sobre temas de Santa Catarina; 4 Instituir concursos culturais no Estado, atribuindo prêmio às pessoas e/ou grupos que mais se destacarem em cada uma das manifestações culturais mais típicas do Estado; 5 Editar a "Revista Cultural Catarinense" (SERPA, 1996, p. 73).

Aparentemente, a iniciativa se move em conformidade com as necessidades de fixação identitária das gentes desse Estado. Serpa entende que isso, porém, não coaduna com a realidade concreta, com a realidade viva das pessoas uma vez que considera apenas o desejo dos homens do poder em forjar uma identidade catarinense, num contexto marcado pela heterogeneidade étnica e cultural. Eivadas de conotações políticas, os discursos enquanto representações e as práticas evidenciam "um poder de fazer o grupo impondo-lhes princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica de sua unidade" (BORDIEUR, 1989, p. 116).

Este trabalho procurou trazer aos estudantes uma percepção através do exercício de observarem-se e ao outro enquanto ocupantes e compartilhadores do mesmo espaço histórico, sem, contudo, desconsiderarem as especificidades de cada trajetória que culminou ali em Bela Vista do Sul, no Planalto Norte. Eles atentaram para a miscigenação entre os grupos de imigrantes que se fixaram em Bela Vista

do Sul, e eventualmente com descendentes dos sertanejos remanescentes; não querendo com isso dizer que não houve extermínio dos caboclos por parte do Governo e da Lumber, o que beneficiou secundariamente os imigrantes europeus.

Os estudantes demonstraram compreender que seu espaço identitário é compartilhado com vários outros cada um com suas especificidades e trajetórias díspares. Concordaram com o fato de haver trocas e influencias mutuas que concorrem para uma percepção não de homogeneidade, mas de interação dentro de um mesmo espaço de convivência.

Foi constado durante a pesquisa, pelos estudantes, que os descendentes de indígenas praticamente desapareceram da comunidade escolar. Restando apenas uma aluna na escola descendente de indígenas e uma aluna afrodescendente no total de alunos matriculados.

Se cada estudante envolvido nesse trabalho, descendente de imigrantes europeus ou não, levar consigo a consciência do seu lugar a partir dos novos pontos de questionamentos ora levantados e debatidos, e se isso passar a lhe proporcionar uma renovação no olhar para o outro, os remanescentes do Contestado, como coparticipes de uma história dinâmica que favoreceu a um e prejudicou a outro e se a partir dessa tomada de consciência, depois dela amadurecida, houver iniciativas livres de, ao menos, reduzir os danos causados pelos sucessivos governantes e capitalistas, promovendo novas e mais justas relações de camaradagem (forma de trabalho sem vínculo empregatício, geralmente desenvolvida entre o descendente de imigrante dono de terras e o remanescente de sertanejos do Contestado que não tem a posse de terra alguma), talvez possa haver a partir disso, um afloramento da real identidade do povo do

Contestado de hoje, a multiplicidade vivida na essência e não mais no constrangimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca. **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos (Org.). **República em Migalhas**: História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990, p.13.
- ANTONELLI, Diego. O primeiro caminho das tropas. Documento detalha a abertura do trajeto pioneiro dos tropeiros no país, em 1727. **Gazeta do Povo**, 25 abr 2014. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-primeiro-caminho-das-tropas-8crdny1ct68tssmxqfi38ctam>>.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.
- BALVEDI, F; SEVERO, F. **Olhar Contestado - desvendando códigos de um conflito**. 2012. (15m). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FYSXN5YhHqA>>. Acesso em: 02 ago 2017 .
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004/2008.
- BITTENCOURT, Circe. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BOLAÑO, Cesar Ricardo Siqueira. Trabalho Intelectual, Comunicação e Capitalismo. A re-configuração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, v. 00, n.11, p. 53-78, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação**. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDT, Marlon & CAMPOS, José Nazareno. Uso comum da terra e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 45, p 43-64, jan./jun. 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos – História. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CABRAL, Oswaldo. **A campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CAIMI, Flávia. **Aprendendo a ser professor de História**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2008, p. 306.

CANCELIER, Júlio. **130 ANOS IMIGRAÇÃO ITALIANA SC (1/2)**. 2007. (08min43seg) Disponível em: <https://youtu.be/f5a16GQS_so?list=PLDE6564890001FBC0>. Acesso em 16 set 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joel. Novas conversas e antigas controvérsias: um olhar sobre historiografia do ensino de História. *In*: OLIVEIRA, Margarida Dias (Org.). **Ensino de História**. Múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. Natal: EDFURN, 2008.

CARVALHO, Carlos. História local e regional: dimensões possíveis para os estudos históricos-educacionais. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 6, p.51-69, 2007.

CONTESTADO 100 anos (1912 – 1916). Abertura. **FGV/CPDOC** [online], [s.d.]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/contestado/abertura>>. Acesso em 09 nov 2017.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina**: história, geografia, meio ambiente, turismo e atualidades. Florianópolis: Postmix, 2011.

DEQUECH, Napoleão. (Org.). **Revista comemorativa do cinquentenário do município de Mafra**. Mafra, 1967.

DONNER, Sandra. **História Local**: uma busca sobre possibilidades conceituais e teóricas. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

ESPECIAL Guerra do Contestado: 100 anos depois. **Correio do Norte**, 27 set 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@cnonline/100-anos-do-fim-da-guerra-do-contestado-a3e55f49d981>>. Acesso em: 02 ago 2017.

ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1910): mão de obra e migrações. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol.28, n.48, pp.849-869, 2012.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado**: os turmeiros da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1910). 2008. 434 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FORCELINI, M. O programa “Arca de Noé” e a usina hidrelétrica de Itá-SC. **VI encontro estadual de História da ANPHU-SC**. História e movimentos sociais/junho, 2016.

GASPARETO JR, Antonio. Escola dos Annales. **InfoEscola** [online], [s.d.]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>> Acesso em 19 jun 2017.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Patrimônio Cultural e ensino de história: vivências com objetos. In: SCHIAVON, C. G. B.; PELEGRINI, S. C. A. (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ªed. Rio Grande: Editora da FURG, 2016, v. 1, p. 31-45.

GOUBERT, Pierre. História Local. **História & Perspectivas**, n. 6, p. 51-52, 1992.

GOULARTI, Alcides. A estrada Dona Francisca na formação econômica de Santa Catarina. **Hist. R.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 171-196, jan./abr. 2014.

GOULARTI, Alcides. Complexo Ervateiro e a Pequena Produção Mercantil em Santa Catarina. **Diálogos**, v. 16, n.1, p. 179-215, jan.-abr./2012

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere 25**. 2ª ed. Torino: Einaudi. 1977.

GRUNOW, Rildson Alves dos Santos. Invisibilização dos negros no planalto norte catarinense: reflexões acerca da abordagem historiográfica da região do Contestado e o Ensino de História. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v.10, n.2, 2016, p. 08-27.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HELLER, Milton. **A atualidade do Contestado**: centenário da guerra camponesa. Curitiba: JM Livr. Jurídica, 2012.

JORNAL Correio do Norte. **Contestado - 100 anos depois**. 2016. (09min 24seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6C3Kt-o61OE>> Acesso em 02 ago 2017.

JÚNIOR, Marcos. Guerra do Contestado – Causas, consequências e imagens. **Estudo prático [online]**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/guerra-do-contestado-causas-consequencias-e-imagens/>>

Jurajones. **Tesouros da Guerra do Contestado - Irani julho 2013**. 2013 (12m30seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RF0dskjNu6Y>>. Acesso em 29 nov 2017.

LAGO, Paulo. **Gente da terra catarinense**: desenvolvimento e educação ambiental. Florianópolis: Ed. UFSC/FCC, 1988.

LEITE, Thiago Rodrigues. As estratégias sócioespaciais de desenvolvimento e a territorialização de sorocaba. In: ENCONTRO

NACIONAL DA ANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. **Anais... .** Presidente Prudente [*Online*], 2015. p. 4326 - 4337. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/13/411.pdf>>. Acesso em: jun. 2017

LEONARDT, Aline. **Regudiados, os filhos da imigração! Ucrânianos e poloneses, parte III.** 2016. (02min28seg) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nKh4NnW6QZc>>. Acesso em 16 set 2017.

LUCAS lilgfs. **História do Brasil - Guerra do Contestado (Sobreviventes).** 2012. (07min 58 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FqKCtPzs5k4>>. Acesso em 02 ago 2017.

MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas.** Campinas: Ed da UNICAMP, 2004.

MACHADO, Paulo P. Memória, fraude e documentação: Alemãozinho e a memória das ordens. **Tempos Históricos**, v. 16, p. 301-311, 2012.

MACHADO, Paulo P.; ESPIG, Márcia J. **Guerra Santa Revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

MACHADO, Paulo P.; ESPIG, Márcia J.; VALENTINI, Delmir. **Nem fanáticos nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912 – 2012).** Pelotas: Ed. UFP, 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** 2001. 514 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARCON, Telmo. História Regional: uma experiência em construção. In: ENCONTRO DE CIENTISTAS SOCIAIS, IV, 1996, Ijuí. Anais.... . Ijuí: Unijuí, 1996, p. 60-64.

MATTOSO, José. A história regional e local. In: _____. **A escrita da história.** Lisboa: Editorial Estampa, 1988. p. 169-175.

MELLO, Fábio Reimão de. A história de Mafra: A Guerra do Contestado - 2ª parte. **Click Riomaфра**, 22 nov 2012. Disponível em: <<http://www.clickriomaфра.com.br/guia/fatos-historicos/a-historia-de-maфра-a-guerra-do-contestado-2a-parte/>>

MILANI, Maria. Identidade sociocultural do Planalto Norte catarinense: uma realidade (in)visível. **Revista Científica Ciência em Curso**, Palhoça, v. 2, n. 2, p. 125-131, 2013.

MOREIRA, Sandro. **O legado da cultura tropeira**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima (Orgs). **História, memória e patrimônio**: possibilidades educativas. Paco Ed. Jundiaí-SP, 2012.

PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima. **No entrecruzar dos fios nasce uma trama de histórias, memórias, patrimônios e identidades**. Jundiaí-SP, Paco Ed: a ser publicado.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e Experiências do Fazer-se Professor**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012

PAIM, Elison. Professoras: narradoras de memórias e experiências do trabalho em escolas multisseriadas em Palmitos – SC. **Horizontes**, v. 31, n.2, p. 89-98, jul./dez.2013.

PAIM, Elison. Proposta curricular de Santa Catarina: ensino de história, memória e patrimônio cultural. **OP SIS**, Catalão, v.15, n. 1, p. 235-256, 2015.

PERON, André (Org.). **Santa Catarina**: história, espaço geográfico e meio ambiente. Florianópolis: Insular, 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RADIN, José Carlos. **Companhias colonizadoras em Cruzeiro**: representações sobre a civilização do sertão. 2006. 212 f. Tese

(Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RAMPINELLI, Waldir (Org.). **História e poder**: a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

RASPANTI, Márcia. Patrimônio Histórico e Cultural e Educação Patrimonial. **História Hoje** [online], 21 mar 2014. Disponível em: <<http://historiahoje.com/patrimonio-historico-e-cultural-e-educacao-patrimonial/>>. Acesso em 15 mar 2017.

Rermesehenato. **Sem palavras/Speechless/Sprachlon - Documentário/Documentary/Dokumentarfilm**. 2011. (52min06seg) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2WMUGVvRdQA>>. Acesso em 16 set 2017.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROBERTO, Márcio. **A Guerra do Contestado Parte 1**. 2012. (41min 55seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rQzJHL4X3-U>>. Acesso em 02 ago 2017.

ROBERTO, Márcio. **A Guerra do Contestado Parte 2**. 2012. (35min 56seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eF_bNXprRY>. Acesso em 02 ago 2017.

SAIBA quais são as famílias pioneiras de Mafra. **Click Riomafra**, 06 set 2017. Disponível em: <<http://www.clickriomafra.com.br/noticias/mafra/saiba-quais-sao-as-familias-pioneiras-de-mafra/>>. Acesso em 09 out 2017.

SANTA CATARINA: **em síntese**. Florianópolis, Ed. Letras Brasileiras, 2014. Simpósio Nacional do Centenário do Movimento do Contestado: Pelotas RS, 2012.

SERPA, Élio. A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v.14, n. 20, p. 63-79, 1996.

SILVA, Kalina; SILVA, Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

SILVA, Marcos. A história e seus limites. **História & Perspectivas**, n. 6, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102.

THOME, Nilson. **A Formação do homem do Contestado e a educação escolar**: República Velha. 2007. 333 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000411820>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

THOMÉ, Nilson. Caminhos de tropeiros nos séculos XVII e XIX como fatores pioneiros de desbravamento do Contestado. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**. Ano 2, n. 1, jul. 2012.

THOMÉ, Nilson. **Raízes caboclas**: identidade do homem do Contestado. São Paulo: Clube de Autores, 2011.

TONON, Eloy. Guerra do Contestado e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 10, p. 180-202, 2016.

TONON, Eloy. **Os monges do Contestado**: permanências históricas de longa duração das predições e rituais no imaginário coletivo. 2008. 243 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, RJ.

TV Brasil. **Contestado: Uma Guerra Esquecida - Caminhos da Reportagem**. 2014. (52min 04seg). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=vzOCG6i4i44>> Acesso em: 02 ago 2017.

Uniguaçu - Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu. Redescobrimo O Contestado. 2012. (31min 51seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=480OkUo-WCQ>>. Acesso em: 02 ago 2017.

VALENSI, Lucette. **Fábulas da Memória**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil**: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado : 1906 - 1916. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VALENTINI, Delmir; RANDIN, José. A Guerra do Contestado e a expansão da colonização. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 19, n. 28, p. 127-150, dez. 2012.

VARINE, Hugues. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria L. Parreiras Horta. Porto alegre; Medianiz, 2012.

WEHLING, Arno (et al.). **Cem anos do Contestado**: memória, história e patrimônio. Florianópolis: MPSC, 2013.

WERLANG, Alceu. **A colonização às margens do Rio Uruguai no extremo oeste catarinense**. Atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. 1925-1954. 1992. 236 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, Florianópolis, 1992.

**APÊNDICE A – Sobrenome e origem dos estudantes que
participaram da construção deste trabalho**

Sobrenome	Origem
BATISTA	Portuguesa
BORNAT/BORNATTO	Italiana
CARVALHO	Portuguesa
COLLA	Italiana
ELEUTÉRIO	Portuguesa
FELCZAC	Polonesa
FERMINO	Brasileira
IANES	Alemã
IVANKO	Portuguesa
IZÍDIO	Brasileira
JASNIEVSKI	Polonesa
KAZMIRSKI	Polonesa
KEINE	Alemã
LIVRAMENTO	Portuguesa
LORENA	Brasileira
MARQUE	Francesa
MELO	Portuguesa
PEDRO	tradução do alemão PETERS
PERKA	Polonesa
PETERS/PETERS	Alemã
PISCKE	Polonesa
PSCHEIDT	Alemã
RIBAS	Espanhola
SALDANHA	Portuguesa
SANTOS	Brasileira
SAYBOT/SAIBOTH	Alemã
SCHAFASCHEK	Alemã
SCHLUKEBIER	Alemã
SHERMACH	Alemã
SKONIECZNY/SCONIECZNI	Polonesa
SLABISKI	Polonesa
SMCKATZ	Polonesa
WOJAKEVICZ	Austríaca
ZIETZ	Alemã

Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

TOTALIZANDO OS MAIS NUMEROSOS:

Portuguesa/brasileira: 10

Alemã: 10

Polonesa: 10

ANEXO A – Imagens de objetos que remetem ao tempo ou à memória da Guerra do Contestado trazidos pelos estudantes

Foi proposto que os estudantes trouxessem de casa imagens de objetos antigos que pudessem ser caracterizados como sendo do uso cotidiano e que apresentassem o desgaste do tempo, ou seja, que os objetos fossem os mais antigos possível. Os adolescentes munidos dos seus celulares saíram a campo em busca desses objetos raros. Segundo eles, as buscas não se limitaram apenas às propriedades dos seus pais, mas à de vizinhos, parentes, e, sobretudo, a dos avós. Surpreendentemente vários objetos foram registrados pelos jovens, itens de antiguidade e uso confirmados pelo próprio estado dos mesmos. Não se pode categorizar, contudo, que sejam oriundos da Guerra do Contestado, mas que pelo menos se enquadram como peças similares às usadas no conflito, o que permite associar o modo de vida dos primeiros imigrantes ao que podia-se achar usual na região entre fins do século XIX e meados do século XX. Descontadas as variantes da exposição dos mesmos às intempéries, ao uso extensivo, ou mesmo a preservação mais acautelada, é possível compará-los ao que se vê atualmente nos museus e exposições como objetos remanescentes daquela guerra.

A escolha dos itens se deu a partir de amostragens retiradas da internet. Imagens reais do tempo da guerra, na sua maioria de autoria do fotógrafo sueco Claro Jansson. Com base nessas fotografias nas quais se podia ter uma ideia de como vivia aquela gente, do que precisavam para darem movimento a seu cotidiano, dos objetos e roupas, etc, assim foi possível criar uma imagem mental dos aparatos dos antigos e compará-los com objetos que eventualmente houvessem visto em algum local.

Desse exercício apareceram tais destaques, exceto os que foram fotografados na exposição em Rio Negro.



Carroça antiga semelhante às que aparecem em imagens da guerra. Veículos como esse aparecem em inúmeras fotografias da época em questão. O estudante I. I. capturou essa imagem a partir do galpão de seu avô. Segundo ele, trata-se de um objeto muito antigo que serviu para transportar desde fardos de erva mate até feijão, batata e mesmo, os familiares. Não está confirmado se o objeto específico é contemporâneo do Contestado embora, também não esteja a possibilidade descartada uma vez que, segundo o jovem, seu avô já o adquiriu em avançado estado de uso.



Manjolo do tempo da guerra, segundo D. Laurinda. Preservado de forma rudimentar pela vizinha de um dos estudantes, G. S., a peça compunha um aparato movido à roda d'água e servia para moer milho e outros itens. D. Laurinda assegurou que o objeto tem mais de 100 anos. Se for confirmado o manjolo atravessou todo o conflito e atualmente repousa na propriedade da mesma apresentando as fortes marcas do tempo. Embora não passe de um pedaço de madeira, a senhora, garante que não se desfaz do mesmo porque este lhe traz muitas recordações.



Antigo facão de Imbuia idêntico aos utilizados pelos caboclos como armas contra os soldados. Mais uma vez a antiguidade de um objeto fotografado por um estudante é o que mais chama a atenção. Originalmente, o facão servia para bater erva. Tinha de ser pesado e resistente. A estudante, A. L. fotografou-o a partir dos objetos antigos guardados pelos seus pais no paiol da propriedade.

Também fora adquirido juntamente com outros itens, na ocasião, necessários para a lida. Relatos da guerra dão conta de que esses facões eram eficientes para abrir a cabeça dos soldados do governo, mas também é difícil determinar se este específico facão tomou parte nesses combates. A peça vale pela antiguidade e pela mesma técnica de feitura daqueles usados na guerra.



Garrucha alegadamente usada na guerra, segundo a neta do vaqueano dos Rosa.

A estudante J. R., alegou ter seu avô garantido que a arma em questão foi realmente utilizada na Guerra do Contestado, sendo responsável pela morte de vários inimigos. Segundo a mesma, pertencia originalmente ao seu bisavô que

lutou como vaqueano. É possível notar que embora se trate de uma arma funcional, é também bastante artesanal na sua feitura, desse modo a hipótese de ter sido usada na guerra fica em aberto.



Serrote com o qual se derrubavam os pinheiros durante o século XIX e começo do séc XX. Essa peça teve sua utilização confirmada na derrubada de madeira desde pouco depois da guerra. Mais uma vez a antiga família Rosa aparece naquele cenário, dessa vez comercializando madeira nobre para a Lumber.

Foto da estudante I. S. que nos traz essas informações, durante visita à exposição *Objetos do Contestado*, Rio Negro-PR.

Estes se tratam de objetos autênticos usados na guerra.



Utensílios de uso cotidiano registrados pelos estudantes em visita à exposição *Objetos do Contestado*, Rio Negro-PR



Espingarda usada na guerra.
Exposição *Objetos do Contestado*, Rio Negro-PR.



Apetrechos para a vida no sertão e durante a guerra.
Exposição *Objetos do Contestado*, Rio Negro-PR.



Antiga residência dos primeiros Stingelin em Bela Vista, aprox. 1900 mostra como a família prosperou pois é uma das que muito lucraram com a exploração da madeira na região.

Acervo familiar (estudante J. C.)



Velório de um membro da família Stingelin em janeiro de 1915.

Acervo familiar (Estudante J. C.)



Antiga estação de trem no Saltinho do Canivete, em Bela Vista.



Objeto decorativo trazido da Itália pela família Bortoletto; mostra modo de vida semelhante ao dos sertanejos e camponeses da região planaltina.

Acervo familiar (Estudante L. J.)